

OH MARIA

CONCEBIDA

SEM PECADO

ROGAI POR NOS

QUE RECORREMOS A VOS

AMEN

PAULO COELHO

NA MARGEM
DO RIO DE PIEDRA
EU ME SENTEI
E CHOREI

Para I.C. e S.B. cuja comunhão
amorosa me fez ver a face
feminina de Deus;

Monica Antunes, companheira
desde a primeira hora, que com
seu amor e entusiasmo espalha o
fogo pelo mundo;

Paulo Rocco, pela alegria das
batalhas que travamos juntos, e
pela dignidade dos combates que
travamos entre nós;

Matthew Lore, por não ter
esquecido de uma sábia linha do
I Ching: "a perseverança é
favorável"

TRECHO DA CONTRA-CAPA

E' preciso correr riscos, dizia ele . Só entendemos direito o milagre da vida quando deixamos que o inesperado aconteça.

Todos os dias Deus nos dá um momento em que é possível mudar tudo que nos deixa infelizes. Todos os dias procuramos fingir que não percebemos este momento, que hoje é igual a ontem e será igual ao amanhã. Mas, quem presta atenção no seu dia, descobre o instante mágico. Ele pode estar escondido na hora em que enfiamos a chave na porta pela manhã, no instante de silêncio logo após o jantar, nas mil e uma coisas que nos parecem iguais. Mas este momento existe - um momento onde toda a força das estrelas passam por nós, e nos permite fazer milagres.

A felicidade as vezes é uma benção - mas geralmente é uma conquista. O instante mágico do dia nos ajuda a sair em busca de sonhos. Vamos sofrer, vamos ter momentos difíceis, vamos enfrentar muitas desilusões. Mas tudo isto é passageiro, e não deixa marcas.

[em seguida, texto que esta sendo escrito pela Leni, e que fala do livro]

NOTA DO AUTOR

Um missionário espanhol visitava uma ilha quando encontrou tres sacerdotes astecas.

"Como voces rezam?", perguntou o padre.

"Temos apenas uma oração", respondeu um dos astecas.

"Nós dizemos: Deus, Tú és tres, nós somos tres. Tende piedade de nós. "

"Bela oração", disse o missionário. "Mas ela não é exatamente a prece que Deus escuta. Vou lhes ensinar uma muito melhor".

O padre ensinou uma oração católica, e seguiu seu caminho de evangelização. Anos depois, já no navio que o levava de volta a Espanha, teve que passar de novo por aquela ilha. Do convés, viu os tres sacerdotes na praia - e acenou-lhes.

Neste momento, os tres começaram a caminhar pela água, em direção a ele.

"Padre! Padre!", disse um deles, se aproximando do navio. "Nos ensina de novo a oração que Deus escuta, porque não conseguimos lembrar!"

"Não importa", disse o missionário, vendo o milagre. E pediu perdão a Deus, por não ter entendido antes que ele falava todas as linguas.

Esta história exemplifica bem o que procuro contar em *Na Margem do Rio Piedra Eu Sentei e Chorei*. Raramente nos damos conta de que estamos cercados pelo Extraordinário. Os milagres acontecem a nossa volta, os sinais de Deus nos mostram o caminho, os anjos pedem para serem ouvidos - mas como aprendemos que existem fórmulas e regras para chegar até Deus, não damos atenção a nada disto. Não entendemos que Ele está onde O deixam entrar.

As práticas religiosas tradicionais são importantes: elas nos fazem compartilhar com os outros a experiência comunitária da adoração e da oração. Mas nunca podemos esquecer que a experiência espiritual é sobretudo uma experiência prática de Amor. E no Amor não existem regras. Podemos tentar seguir manuais, controlar o coração, ter uma estratégia de comportamento - mas tudo isto é bobagem. O coração decide, e o que ele decidir é o que vale.

Todos nós já experimentamos isto na vida. Todos nós, em algum momento, já dissemos entre lágrimas: "estou sofrendo por um amor que não vale a pena". Sofremos porque achamos que damos mais do que recebemos. Sofremos porque nosso amor não é reconhecido. Sofremos porque não conseguimos impor nossas regras.

Sofremos a toa: porque no amor está a semente de nosso crescimento. Quanto mais amamos, mais próximos estamos da experiência espiritual. Os verdadeiros iluminados, com suas almas incendiadas pelo Amor, e quebravam todos os preconceitos da época. Cantavam, riam, rezavam em voz alta, dançavam, compartilhavam aquilo que São Paulo chamou de "santa loucura". Eram alegres - porque quem ama venceu o mundo, não tem medo de perder nada. O verdadeiro amor é um ato de entrega total.

Na Margem do Rio Piedra Eu Sentei e Chorei é um

livro sobre a importância desta entrega. Pilar e seu companheiro são personagens fictícios, mas símbolos dos muitos conflitos que nos acompanham na busca da Outra Parte. Cedo ou tarde, temos que vencer nossos medos - já que o caminho espiritual se faz através da experiência diária do amor.

O monge Thomas Merton dizia: " a vida espiritual se resume em amar. Não se ama porque se quer fazer o bem, ou ajudar, ou proteger alguém. Se agimos assim, estamos vendo o próximo como simples objeto, e estamos vendo a nós mesmos como pessoas generosas e sábias. Isto nada tem a ver com amor. Amar é comungar com o outro, e descobrir nele a centelha de Deus".

Que o pranto de Pilar na margem do Rio Piedra nos conduza pelo caminho desta comunhão.

O AUTOR

Av. Paulista 10, 11 e 12
Avenida Paulista
casa 10
(o texto saiu em pensamento)

"Mas a Sabedoria é justificada
por todos os seus filhos"

LUCAS, 7:35

NA MARGEM DO RIO PIEDRA

2

eu me sentei e chorei. Conta a lenda que tudo que cai nas águas deste rio - as folhas, os insetos, as penas das aves - se transforma ^{na} em pedras. ^{do seu eu b.} Ah, quem dera eu pudesse arrancar o coração do meu peito e atira-lo na correnteza, e então não haveria mais dor, nem saudade, nem lembranças.

~~Na~~ margem do rio Piedra eu me sentei e chorei. O frio do inverno fez com que eu sentisse as lágrimas ^{no} ~~em meu~~ rosto, e elas se misturaram com as águas geladas que correm diante de mim. Em algum lugar este rio se junta com outro, depois com outro, até que - distante dos meus olhos e do meu coração - todas estas águas se ^{confundem} ~~misturam~~ com o mar.

Que as minhas lágrimas corram assim para bem longe, para que meu amor nunca saiba que um dia chorei por ele. Que minhas lágrimas corram para bem longe, e então eu esqueçerei do rio Piedra, ~~do~~ mosteiro, ~~da~~ igreja nos Pirineus, ~~da~~ bruma, ~~dos~~ caminhos que percorremos juntos.

Eu esqueçerei as estradas, as montanhas, e os campos de meus sonhos - sonhos que eram meus, e que eu não conhecia.

Eu me lembro do meu instante mágico, daquele momento em que um "sim" ou um "não", pode mudar toda a nossa existência. Parece ter acontecido há tanto tempo, e - no entanto - faz apenas ^{uma semana} ~~dez~~ dias que reencontrei meu amado, vivi com ele o amor que podia ser eterno, e o perdi.

Nas margens do rio de Piedra escrevi esta história. precisava parar a todo instante, porque as mãos ficavam geladas, e as pernas entorpecidas pela posição, e eu

- Procure viver. Lembrar é para os mais velhos - dizia ele.

Talvez o amor nos faça envelhecer antes da hora, e nos torna jovens quando a juventude passou. Mas ^{nas} ~~eu como deixar~~ de recordar aqueles momentos? Por isso ~~eu~~ escrevia, para transformar ~~a~~ ~~uma~~ tristeza em saudade, ^a ~~uma~~ solidão em lembranças. Para que, quando acabasse de contar a mim mesmo ^{esta} ~~uma~~ história, eu a pudesse jogar no Piedra - assim me havia dito a mulher que me acolheu. Então, lembrando as palavras de uma santa, as águas pudessem apagar ^o ~~o~~ que o fogo escreveu.

Todas as histórias de amor são iguais. Todas as histórias de amor trazem, escondidas em suas linhas, o pesadelo da partida. Mesmo que este adeus jamais aconteça, o medo de perder estará sempre presente - enquanto o amor existir.

Em certas histórias, o adeus já faz parte do encontro. Está escondido ali, no momento em que dizemos "olá", e nosso coração se abre. Já sabemos que não vai durar muito - e mesmo assim, o amor é mais forte, não nos deixa escolher. Se não o aceitamos, estamos mortos - embora continuemos respirando e agindo como se estivessemos vivos.

] = parágrafo

Quando eu o vi pela primeira vez / depois de quase onze anos / não pensava em amor ou adeus. Tínhamos passado a infância ^{como todos os rapazes} e a adolescência juntos. Ele partiu, antes que pudéssemos ^{partem das cidades pequenas.} entender a agonia e a alegria de estarmos apaixonados. Disse que ia conhecer o mundo, que ^{Suas sonhos iam além dos campos de} Soria, ~~era uma cidade pequena, e que o~~ único poeta famoso daquela ~~banda havia dito que o caminho era~~ feito por quem anda.

Fiquei alguns anos sem notícias. De vez em quando recebia uma carta ou outra, mas isto era tudo - porque ele nunca voltou aos ^{bosques} ~~nossos campos~~ e as ruas da nossa infância.

Quando terminei meus estudos, me mudei para Zaragoza - descobri que ele tinha razão. ^{le seu único poeta famoso dissera que} Soria era uma cidade pequena e o caminho é feito ao andar. Entrei para a faculdade, e arranjei um noivo. Comecei a estudar para um concurso público que não acontecia nunca. Trabalhei como vendedora, paguei meus estudos, fui reprovada no concurso público, desisti do noivo.

Suas cartas, então, começaram a chegar com mais frequência - e pelos selos de diversos países, eu sentia inveja. Ele era o amigo mais velho, que ^{dixava} sempre sabia tudo, ^{percorria} ~~estava percorrendo~~ o mundo, e ~~fora~~ ^{deixava} crescer suas asas - enquanto eu procurava criar raízes.

De uma hora para outra, suas cartas falavam em Deus, e

vinham sempre de um mesmo lugar da França. Em uma delas, manifestou o desejo de entrar para um seminário, e dedicar sua vida a oração. Eu escrevi de volta, pedindo que esperasse um pouco, que vivesse um pouco mais sua liberdade antes de se comprometer com algo tão sério.

Quando li minha carta, resolvi rasga-la: quem era eu para falar em liberdade ou compromisso? Ele sabia destas coisas, e eu não.

Um dia soube que estava dando palestras. Fiquei surpresa, porque era jovem demais para ensinar qualquer coisa. Mas, há duas semanas atrás, me mandou um cartão dizendo que iria falar para um pequeno grupo em Madrid, e fazia questão da minha presença.

Viajei por quatro horas, de Zaragoza a Madrid, porque queria tornar a vê-lo. Queria escuta-lo. Queria sentar com ele em um bar e lembrar os tempos que ~~passamos~~^{brincamos} juntos, e achávamos que o mundo era grande demais para ser percorrido. Quando tomei o ônibus, me lembrei daquela carta falando do instante mágico; mesmo sem acreditar ou querer, pedi a Deus que me fizesse perceber este instante.

6

sabado, 4 de dezembro 1993

A conferência era num lugar mais formal que eu havia imaginado, e tinha mais gente do que eu esperava. Não entendi como aquilo estava acontecendo.

"Quem sabe ficou famoso", pensei. Mas Não me havia dito nada em suas cartas. Tive vontade de falar com as pessoas presentes, perguntar o que estavam fazendo ali, mas não tive coragem.

Fiquei surpresa ao vê-lo entrar. Parecia diferente do garoto que conheci - mas claro, nestes onze anos, as pessoas mudam. Estava mais bonito e seus olhos brilhavam.

- Está nos devolvendo o que era nosso - disse uma mulher ao meu lado.

A frase era estranha.

- O que está devolvendo? - perguntei.

- O que nos foi roubado. A religião.

- Não, ele não está nos devolvendo - disse uma mulher mais jovem, sentada a minha direita. - Eles não podem nos devolver o que ~~nosso~~ ^{já} nos pertence.

- O que voce está fazendo aqui, então? - perguntou, irritada, a primeira mulher.

- Quero escuta-lo. Quero ver que tática estão seguindo. Quero ver como pensam, porque já nos queimaram um dia, e podem querer repetir a dose. Mas ~~por pelo menos neste momento, não podem~~ ^{mais} ~~segurar~~ o que nos pertence.

- Ele é uma voz solitária - disse a mulher. - Está fazendo o possível.

A jovem deu um sorriso irônico, e virou-se para frente, encerrando a conversa.

- Para um seminarista, é uma atitude corajosa - continuou a mulher, desta vez olhando para mim, e procurando apoio.

Eu não estava entendendo nada; fiquei calada, e a mulher desistiu. A jovem ao meu lado piscou um olho - como se eu fosse sua aliada.

Mas eu estava quieta por outra razão. Pensava no que a senhora havia dito.

"Seminarista".

Não podia ser. Ele teria me avisado.

Ele começou a falar, ^{mas} eu não conseguia concentrar-me direito. "Devia ter me vestido melhor", pensava, sem entender a causa de tanta preocupação. Ele me notara na plateia, e eu tentava decifrar seus pensamentos: como eu devia estar? Qual a diferença de uma menina de dezoito para uma mulher de vinte e nove?

Sua voz era igual. Entretanto, suas palavras haviam mudado muito.

E' preciso correr riscos, dizia ele . Só entendemos direito o milagre da vida quando deixamos que o inesperado aconteça.

Todos os dias Deus nos dá - junto com o sol - um momento em que é possível mudar tudo que nos deixa infelizes. Todos os dias procuramos fingir que não percebemos este momento, que ele não existe, que hoje é igual a ontem e será igual ao amanhã. Mas, quem presta atenção ^{ao} ~~no~~ seu dia, descobre o instante mágico. Ele pode estar escondido na hora em que enfiamos a chave na porta pela manhã, ~~pode estar escondido~~ no instante de silêncio logo após o jantar, ~~pode estar escondido~~ nas mil e uma coisas que nos parecem iguais. Mas este momento existe - um momento onde toda a força das estrelas passam por nós, e nos permite fazer milagres.

A felicidade as vezes é uma benção - mas geralmente é uma conquista. O instante mágico do dia nos ajuda a mudar, nós faz ir ir em busca de sonhos. Vamos sofrer, vamos ter momentos difíceis, vamos enfrentar muitas desilusoes. Mas, tudo isto é passageiro, e não deixa marcas. E, no futuro, podemos olhar para trás com orgulho e fé.

Mas pobre de quem teve medo de correr os riscos. Porque este talvez não se decepcione nunca, nem tenha desilusoes, nem sofra como aqueles que tem um sonho a seguir. Mas quando olhar para trás - porque sempre olhamos para trás - vai escutar seu coração dizendo: "o que fizeste com os milagres que Deus semeou

11

por teus dias? O que fizeste com os talentos que teu Mestre te confiou? Enterraste fundo em uma cova, porque tinhas medo de perde-los. Então, este é a tua herança: a certeza de que desperdiçaste tua vida."

Pobre de quem escuta estas palavras. ~~Porque então já está velho, e não pode fazer mais nada. Porque então terá fé, mas não terá mais tempo. Porque então acreditará em milagres, mas os instantes mágicos da vida já terão passado.~~

As pessoas o cercaram assim que terminou de falar. Eu esperei, ~~surpresa por~~ ^{surpresa por} ~~re-^aver~~ preocupada com ~~qual seria sua~~ ^{qual seria sua} impressão, ~~depois de tantos anos.~~ ^{que teria de mim.} ~~De repente,~~ ^{Eu me sentia uma} a criança ~~que ele se~~ referira na palestra era uma coisa real - ela estava voltando em mim, e me deixava insegura, ciumenta porque não conhecia ~~aqueles~~ ^{seus} novos amigos, tensa porque ele dava ^{mais} atenção aos outros e não me reparava no canto da sala. ^{que a mim.}

Então ele se aproximou, ~~de mim.~~ Ficou vermelho, e já não era mais o homem ~~seguro~~ que dizia coisas importantes; tornava a ser o garoto que se escondia comigo na ermida de São Saturio, ~~e~~ falando de seus sonhos de percorrer o mundo - enquanto nossos pais, ~~desesperados,~~ ^{podiam} ~~procuravam~~ ajuda da policia, pensando que haviamos nos afogado no rio.

- Olá, Pilar - ele disse.

Eu o beijei no rosto. Podia ter dito algumas palavras de elogio. Podia ter me cansado de ficar no meio de tanta gente. Podia ter feito algum comentário engraçado sobre a infância, e sobre o orgulho que tinha de ve-lo assim, admirado pelos outros. Eu podia explicar que precisava sair correndo e pegar o último ônibus da noite para Zaragoza.

Eu podia. Jamais chegaremos a compreender ~~exatamente~~ o significado desta frase. Porque em todos os momentos de nossa vida existem coisas que podiam ter acontecido, e terminaram não acontecendo. Existem instantes mágicos que vão passando despercebidos, e - de repente - a mão ~~apertada~~ do destino muda ~~tudo~~ o nosso universo.

Foi o que aconteceu naquele momento. Ao invés de todas

as coisas que eu podia ter feito, eu fiz um comentário. Um comentário que, ~~dez dias~~ ^{uma semana} depois, me trouxe diante deste rio, e me faz escrever estas linhas.

- Podemos tomar um café ~~depois~~? - foi o que eu disse.

E ele, se virando para mim, aceitou a mão que o destino oferecia:

- Eu precisava muito ^{conversar com} ~~ver~~ voce. Amanhã tenho uma palestra em Bilbao. Estou de carro.

- Tenho que voltar para Zaragoza - respondi, sem saber que ali estava a última saída. Mas, numa fração de segundo, talvez porque eu voltara a ser criança, talvez porque não somos nós que escrevemos os melhores momentos de nossas vidas, eu ~~falei:~~ ^{falei:} ~~disse:~~

- ~~Mar~~ ^{Vem} vem aí o feriado da Imaculada. Posso acompanhar voce até Bilbao, e voltar dali.

A pergunta sobre o "seminarista" estava na ponta da minha língua.

- Voce quer me perguntar alguma coisa? - disse ele, percebendo minha expressão.

- Sim - tentei disfarçar. - Antes da conferência, uma mulher disse que voce estava devolvendo o que era de lá.

- Nada importante.

- Para mim é importante. Não sei nada de sua vida, estou surpresa ^{ao ver tanta gente} ~~com as pessoas~~ aqui.

Ele riu, e se ^{virou} ~~voltou~~ para dar atenção aos outros presentes.

- Um momento - eu disse, segurando-o pelo braço. - Voce não respondeu a minha pergunta.

- Nada que lhe interesse muito, Pilar.

- De qualquer maneira, quero saber.

Ele respirou fundo, e me levou para um canto da sala.

- Todas as tres grandes religioes monoteistas - o judaismo, o catolicismo, e o islamismo - são masculinas. Os sacerdotes são homens. Os homens governam os dogmas e fazem as leis.

- E o que a senhora quis dizer?

Ele vacilou um pouco. Mas respondeu:

- Que tenho uma visão diferente das coisas. Que creio na face feminina de Deus. ~~- não importa em que religião~~

A mulher estava enganada. Ele não podia ser seminarista, porque os seminaristas não tem visão diferente das coisas.

- Voce se explicou muito bem - respondi.

—

A moça que havia piscado o olho para mim, me esperava na porta.

- Sei que pertencemos a mesma tradição - disse ela.

- Não sei do que voce está falando - respondi.

- Claro que sabe - ^{ela}riu.

Me pegou pelos braços e saímos juntas, antes que eu tivesse tempo de explicar qualquer coisa. A noite não estava muito fria, ~~e eu não sabia muito bem o que fazer até a manhã seguinte.~~ ^{e eu não sabia muito bem o que fazer até a manhã seguinte.}

- Onde vamos? - perguntei.

- Até a estátua da Deusa - foi sua resposta.

- Preciso de um hotel barato, para passar esta noite.

- Depois te digo.

Eu ^{preferia} ~~teria preferido~~ sentar ~~uma~~ num café, conversar mais um pouco, ~~✓~~ saber tudo que pudesse sobre ~~a vida~~ dele. Mas não ^{queria} me encontrava em condições de discutir com ela; ^{deixei} que me guiasse pelo Paseo de Castellana, enquanto ^{olhava Madrid depois de tantos anos.} ~~ganhava tempo para pensar~~

No meio da avenida ela parou e apontou o céu.

- Lá está ela - disse.

A lua cheia brilhava entre os galhos sem folhas.

- Está linda - ~~eu disse.~~ ^{comentei.}

Mas ela ~~pareceu~~ não me escutava. Abriu os braços em forma de cruz, virou as palmas das mãos para cima, e ficou contemplando a lua.

"Onde fui me meter", pensei. ~~comigo mesma~~ ^{de} Vim assistir uma conferência, terminei no Paseo de Castellana com esta louca, e amanhã ^{Viajo} parto para Bilbao."

- O' espelho da Deusa Terra - disse ^{a moça, com os olhos} ~~ela~~ fechados - Nos ensina nosso poder, faz com que os homens nos compreendam. ~~Por~~ ^{voce} Nascendo, brilhando, morrendo e ressucitando no céu, ~~que~~ nos mostrou o ciclo da semente e do fruto.

^{uma} ~~moça~~ ^{levantou} ~~colocou~~ os braços para o céu, e ficou um longo tempo ^{na} ~~posição~~. As pessoas que passavam, olhavam e riam, ~~mas~~ ela nem se dava conta; quem morria de vergonha era eu, por estar ao seu lado.

- Eu precisava fazer isto - disse, depois de uma longa reverência para a lua. - Para que ^{a Deusa} ~~ela~~ nos proteja.

- Do que voce está falando, afinal?

- Da mesma coisa que seu amigo falou, só que com palavras verdadeiras.

Eu me arrependi de não ter prestado atenção na pale-

tra. Ela incapaz de saber direito o que ela falou.

- Esta tradição mágica pertence a nós - disse ^{a moça} enquanto ~~quando~~ voltamos a cabanas.

~~caminhavamos de neve.~~ - Nós, as mulheres, que entendemos e amamos a Grande Mãe. ^{Pagamos nossa sabedoria com as perseguições e as} ~~fazemos queimadas na fogueiras,~~ mas entendemos ~~os~~ seus mistérios. ^(sobrevivemos. E agora)

As fogueiras. As bruxas.

Olhei ^{melhor} ~~de novo~~ para a mulher ao meu lado. ^{Ela bonita, os seus} ~~cabelos~~

~~roupa preta~~ seus cabelos negros desciam até o meio das costas.

- Enquanto os homens saiam para caçar, nós ficávamos nas cavernas, no ventre da Mãe, cuidando de nossos filhos - continuou ela. - E foi aí que a Grande Mãe nos ensinou tudo. ^{Pagamos} ~~por~~ ^{as mulheres não} ~~porque só nós éramos capazes de repetir em nosso corpo o milagre da vida~~

"O homem vivia em movimento, ^{enquanto} ~~mas nós~~ ficávamos no ventre da Mãe. ^{Isto nos fez perceber que as sementes se transformavam em plantas} ~~Por isso vimos a primeira semente crescer,~~ e avisamos aos nossos homens. Fizemos o primeiro pão, e os alimentamos. Moldamos o primeiro vaso para que eles bebessem. E entendemos o ciclo da criação, porque nosso corpo repetia o ritmo da lua."

De repente ela parou e deu um grito:

- Ali está ela!

Eu olhei. No meio de uma praça-cercada de trânsito por todos os lados, havia uma fonte. No meio desta fonte, uma escultura mostrava uma mulher numa carruagem, puxada por leões.

- E' a praça Cibele - eu disse, querendo mostrar que conhecia ~~também~~ Madrid. Já vira aquela escultura em dezenas de cartões postais.

Mas ela não me escutava. Estava no meio da rua, tentando driblar o trânsito.

- Vamos até lá! - gritava, acenando para mim entre os carros.

Resolvi alcançá-la apenas para perguntar o nome de um hotel. Aquela loucura ~~me~~ estava me cansando, e eu precisava dormir.

Chegamos na fonte quase ao mesmo tempo - eu com o coração disparado, e ela com um sorriso nos lábios.

- A água! - dizia. - A água é sua manifestação!

- Por favor, eu preciso do nome de um hotel barato.

Ela enfiou as mãos na fonte.

- Faça o mesmo - disse para mim. - Toque na água.

- De jeito nenhum. Mas não quero atrapalha-la. Vou deixá-la e procurar um hotel.

- só mais um momento.

~~Me~~ A moça tirou uma pequena flauta de sua bolsa e começou a tocar. A música parecia ter um efeito hipnótico: o ruído do tráfego foi ficando distante, e meu coração se acalmou. Sentei-me na borda da fonte, escutando o barulho da água e da flauta, com os olhos fixos na lua cheia acima de nós. Algo me dizia que - embora eu não pudesse compreender direito - ali estava um pouco da minha natureza de mulher.

Não sei por quanto tempo ela tocou. ~~aquele flauta~~
Utilizou-se para a
Quando acabou, ~~fixou seus olhos na escultura da fonte.~~

- Cibele - disse ela! - Uma das manifestações da Grande Mãe. Que governa as colheitas, sustenta as cidades, devolve a mulher o seu papel de sacerdotisa.

- Quem 'e voce? - eu perguntei. - Por que me pediu que a acompanhasse?

Ela virou-se para mim:

- Sou o que voce acha que eu sou. Faço parte da religião da Terra.

- O que quer de mim? - insisti.

- Posso ler os seus olhos. Posso ler o seu coração.

Voce irá se apaixonar. ^{É sofrer.} ~~o que afasta de sua missão~~

- quem eu?

- Voce sabe de quem estou falando. Eu vi como ele lhe olhava.

Aquela mulher estava louca.

- Mas ele é importante - continuou. - Embora diga bobagens, pelo menos reconhece a Grande Mãe. Não deixe que ele se perca. ^{Ajude-o}

- Voce não sabe o que está dizendo. Voce está perdida nas suas fantasias - eu disse, enquanto me embrenhava de novo entre os carros, jurando nunca mais pensar nas palavras daquela mulher.

domingo, 5 de dezembro 1993

Paramos para tomar um café.

- A vida lhe ensinou muitas coisas - eu disse, tentando manter a conversa.

- Me ensinou que podemos aprender, me ensinou que podemos mudar - respondeu ele. - Mesmo que ~~pareça~~ pareça impossível.

Estava cortando o assunto. ^{Quase não} ~~estávamos~~ tínhamos conversado, ~~quase nada~~ durante ~~quase~~ duas horas de viagem até aquele bar de estrada.

No começo, procurei relembrar nosso tempo de infância, mas ele apenas demonstrava um interesse educado. ~~o~~ Não estava sequer me ouvindo, ^e ~~receio~~ ~~porque muitas vezes~~ fazia perguntas sobre coisas que eu já ~~havia dito~~ ^{dissera}.

Alguma coisa parecia estar errada. Podia ser que o tempo e a distância o tivessem afastado para sempre daquele mundo. "Ele fala sobre instantes mágicos ~~e algumas do tempo~~", pensei comigo mesma. "Que diferença faz a carreira que seguiu Carmen, Santiago ou Maria?" Seu universo era outro, onde Soria se resumia a uma lembrança distante - parada no tempo, com os amigos de infância ainda na infância, e os velhos ainda vivos e fazendo o que faziam há vinte e nove anos atrás.

Comecei a ficar arrependida de ter aceito a carona. Preferia lembrá-lo como no final daquela conferência, cercado de alguns admiradores, bem-sucedido, vermelho ao notar minha presença. Preferia lembrá-lo como alguém que me escrevia cartas, porque desta maneira eu me sentia importante para ele e para seu

caminho. Preferia lembrá-lo como nos tempos de infância - o amigo mais sábio, mais esperto, que os adultos culpavam pelas travessuras, e as outras crianças respeitavam pela coragem.

Mas desde que partimos de Madrid - ele parecia haver crescido, encontrado seu destino. O passado era apenas o passado.

Quando ele mudou de novo de assunto, durante o café, resolvi não insistir mais.

As duas horas restantes, até Bilbao, foram uma verdadeira tortura. Ele olhava para a estrada, eu olhava pela janela, e nenhum dos dois ^{escondia} se preocupava em esconder o mal-estar que se havia instalado. O carro ^{alugado} não tinha rádio, e o jeito foi aguentar o silêncio. - ~~de vez em quando certado por um comentário teio sobre a paisagem, e as novas estradas da Espanha:~~

- Vamos perguntar onde é a estação de ônibus - eu disse, assim que saímos da auto-estrada. - Existe uma linha regular para Zaragoza.

Era hora da siesta, e havia pouca gente nas ruas. Passamos por um senhor, por um casal de jovens, e ele não parou para pedir informação.

- Você sabe aonde é? - perguntei, depois de algum tempo.

- Aonde é o que?

Ele continuava ^{sem} ~~ao~~ escutar o que eu dizia.

De repente, entendi o silêncio, ~~era um estar de nesses~~
~~vazios~~ ~~eu era a companhia mais aborrecida que ela havia encon-~~
~~trado em todos estes anos.~~ O que ~~estava~~ ^{ele tinha a conversa com} ~~estava~~ ^{fazendo ao lado de} ~~de~~ ^{uma}
mulher que nunca havia se aventurado pelo mundo, ^{? Qual a graça de se} ~~que tem~~ ^{estar ao lado} ~~medo~~ ^{de alguém}
do desconhecido, que preferia um emprego seguro e um casamento
convencional? ~~Ele tinha coisas novas para contar,~~ ^{Eu} - pobre de
mim - falava dos mesmos amigos de infância, ^{das} lembranças empoeira-
das de um povoado insignificante. ^{Era meu único assunto.}

- Pode me deixar aqui mesmo - eu disse, quando chegamos
ao que parecia ser o centro da cidade. ~~Essa~~ ^{Essa} ~~o~~ ~~possível~~ ~~para~~
^{Tentava} parecer natural, mas sentia-me tola, infantil e aborrecida.

Ele não parou o carro.

- Tenho que tomar o ônibus de volta para Zaragoza -
insisti.

- Nunca estive aqui. Não sei onde é o meu hotel. Não
sei onde é a conferência. Não sei da estação de ônibus.

- Eu dou um jeito, não se preocupe.

Ele foi diminuindo a velocidade, mas continuou dirigindo.

- Gostaria... - disse.

Por duas vezes ele não conseguiu terminar a frase. Eu
imaginava o que ele gostaria: agradecer minha companhia, mandar
algumas lembranças aos amigos, e - desta maneira - aliviar ~~em~~
~~de~~ aquela sensação desagradável.

- Tenho uma conferência hoje a noite - disse final-
mente. - Gostaria que voce fosse comigo.

Levei um susto. Talvez estivesse tentando ganhar tempo, para consertar o silêncio constrangedor da viagem.

- Gostaria muito que voce fosse comigo - repetiu.

Eu podia ser uma moça do interior, sem grandes histórias de vida para contar, sem o brilho e a presença das mulheres da cidade. Mas a vida do interior, embora não deixe ~~uma~~ mulher mais elegante ou ~~mais~~ preparada, ~~sempre~~ ensina como escutar o coração, e ~~como~~ entender ~~melhor~~ seus ~~instintos~~.

Para minha surpresa, meu instinto dizia que ele estava sendo sincero.

Respirei aliviada. Claro que não ia ficar para conferência alguma, mas ~~de qualquer modo~~ ^{ao menos} o amigo querido parecia estar de volta, me chamando para suas aventuras, dividindo comigo seus medos e vitórias.

- Obrigado pelo convite - ^{respondi} ~~eu disse~~. - Mas não tenho dinheiro para o hotel, e preciso voltar para meus estudos.

- Eu tenho algum dinheiro. Voce pode ficar no meu quarto. Pedimos duas camas separadas.

Reparei que ele estava começando a suar, apesar do frio. Meu coração começou a dar sinais de alarme, que não conseguia identificar. A sensação de alegria de momentos antes foi substituída por uma imensa confusão, ~~na minha cabeça~~.

Ele parou o carro de repente, e me olhou direto nos olhos. [—] Ninguém consegue mentir, ninguém consegue esconder nada, quando olha direto nos olhos.

E toda mulher, com um minimo de sensibilidade, consegue ler os olhos de um homem apaixonado. Por mais absurdo que pareça, por mais fora de lugar e de tempo que esta paixão possa se manifestar.

Não era possível. Mas era verdade.

Eu nunca, nunca em minha vida tinha pensado que - tanto tempo depois - ele ainda se lembrava. Eramos crianças, vivíamos juntos, e descobrimos o mundo de mãos dadas. Eu o amei - se é que uma criança consegue entender direito o significado do amor. Mas ~~tudo~~ aquilo acontecera há muito tempo - numa outra vida, onde a inocência deixa ^o seu coração aberto para ~~qualquer~~ ^{o que} sentimento. *há de melhor na vida*

Agora éramos adultos e responsáveis, cada qual tentando seguir seu caminho e fazer o melhor possível com os dias que ~~tinha para viver~~. As coisas de infância ^{eram coisas da infância} ~~podiam ser uma boa lembrança, mas não passavam disto.~~

Tornei a olhar seus olhos. Eu não queria ou não conseguia acreditar, ~~no que estava vendo~~.

- Tenho mais esta conferência, e depois vem os feriados da Imaculada Conceição. Eu preciso ir até as montanhas - ~~continuar a dar~~ - ~~Se voce quiser, pode ir comigo.~~ *Preciso lhe mostrar algo.*

O homem brilhante, que falava de instantes mágicos, ~~se~~ ~~colunas de templo~~, estava ali na minha frente, agindo da maneira mais errada possível. Avançava rápido demais, estava inseguro, fazia propostas confusas. Era duro ~~demais para mim~~ ^{ve-lo desta maneira.}

Abri a porta, saí, e recostei-me no carro. Fiquei olhando a avenida a minha frente, quase deserta, ~~naquela hora do~~

~~diar~~

~~Compartilhamos do mesmo campo e das mesmas ruas - mas nossos sonhos dele eram diferentes. Descobrimos ao mesmo tempo os mistérios e os caminhos do sexo, mas com pessoas diferentes. Comentamos sobre nossas paixões de adolescência - por outros rapazes e moças. Ele seguiu para os países estranhos com selos esquisitos, e eu segui para Zaragoza. Ele falava em entrar para um monastério, eu procurava estudar para um concurso público.~~

Acendi um cigarro e procurei não pensar . Podia disfarçar, fingir que não estava entendendo - podia tentar convencer a mim mesma que era realmente a proposta de um amigo para uma amiga de infância. Talvez ele estivesse muito tempo viajando, e começasse a confundir as coisas. Talvez eu estivesse exagerando.

Ele saltou do carro e sentou-se ao meu lado.

- Gostaria que voce ficasse para a conferência esta noite - disse, mais uma vez. - Mas se não puder, eu entendo.

Pronto. O mundo ~~tinhamos~~ ^{dava uma} volta inteira, e retornava ~~ao~~ ^{seu} ~~mesmo~~ lugar. Não era nada ~~de novo~~ que eu pensava - ele já não insistia mais, já estava disposto a me deixar partir. Homens apaixonados não se comportam desta maneira. e ~~principalmente~~ quando não sabem quando irão encontrar de novo a mulher amada.

O que eu havia lido em seus olhos era apenas a solidão de uma longa viagem. Tudo o que ele precisava era de companhia.

Me senti ^{na} tola e aliviada ao mesmo tempo. Sim, eu podia ficar, pelo menos mais um dia. ~~Realmente~~ Jantar ^{idm} juntos, e nos embriagar ^{va} um pouco - coisa que ~~nos~~ ^{não} ~~tinhamos~~ ^{não} ~~feito~~ ^{jamais} ~~feito~~ quando crianças. Era uma boa chance para esquecer as bobagens que eu havia pensado minutos antes, ~~era~~ ^{era} uma boa oportunidade para quebrar o gelo que nos acompanhou desde ~~que~~ ~~estamos~~ ~~em~~ Madrid.

Um dia ~~meu~~ não ia fazer diferença. ~~Alí~~ ~~estava~~ ~~eu,~~ numa rua de Bilbao, quando 24 horas antes pensava que estaria de volta a Zaragoza no dia seguinte. Pelo menos, ia ter alguma coisa para contar 'as minhas amigas.

- Camas separadas - disse eu, em tom de brincadeira. - E voce paga o jantar, porque ~~conheço~~ ~~estava~~ ~~estudante~~ até esta idade. Não tenho dinheiro.

Colocamos as malas no quarto do hotel, e descemos para ~~o~~ ~~caminhar~~ ~~até~~ o local da conferência. Chegamos cedo, e nos sentamos num café, ~~para~~ ~~passar~~ ~~o~~ ~~tempo~~.

- Quero te dar uma coisa - disse ele, me entregando um pequeno saco vermelho.

Eu abri na mesma hora. Dentro, uma medalha velha e enferrujada - com Nossa Senhora das Graças de um lado, e o Sagrado Coração de Jesus no outro.

- Era sua - disse ele, ao ver minha cara de surpresa.

Meu coração ~~de novo~~ ~~começou~~ a dar sinais de alarme.

- Um dia - era um outono como este agora, e nós devíamos ter dez anos - ~~me~~ ~~sentei~~ com voce na praça onde tem o

grande carvalho.

ensaiara

"Eu ia dizer algo, algo que ~~havia ensaiado~~ durante semanas a fio. ~~Mas~~ Assim que comecei, voce me disse que havia perdido sua medalha na ermida de São Satúrio, e me pediu para ir procura-la".

Eu não conseguia me lembrar de jeito nenhum.

- Eu fui. Consegui encontra-la. Mas, quando voltei para a praça, já não tinha mais coragem de dizer o que havia ensaiado, ~~durante tanto tempo.~~

"Então prometi a mim mesmo que, só tornaria a lhe entregar a medalha quando pudesse completar a frase que ~~havia~~ ^{comecei} ~~começado~~ a dizer naquele dia, há quase vinte anos atrás. Durante muito tempo tentei esquecer esta frase, ~~mas~~ ^e ela continuava presente. Não posso viver mais com ela."

Ele parou o café, acendeu um cigarro, e ficou um longo tempo olhando o teto. Depois virou-se para mim.

- A frase é muito simples - disse.

" Eu te amo."

As vezes somos possuídos por uma sensação de tristeza que não conseguimos controlar, dizia ele. Percebemos que o instante mágico daquele dia passou, e nada fizemos. Então, a vida esconde sua magia e a sua arte.

Temos que escutar a criança que fomos um dia, e que ainda existe dentro de nós. Esta criança entende de instantes mágicos. Podemos sufocar seu pranto, mas não podemos calar sua voz.

Esta criança que fomos um dia continua presente. Bem-aventurados os pequeninos, porque deles é o Reino dos Céus.

Se não nascermos de novo, se não tornarmos a ^{olhar} ~~ver~~ a vida com a inocência e o entusiasmo da infância, não existe mais sentido em viver.

Existem muitas maneiras de se cometer suicídio. Os que tentam matar o corpo, ofendem a lei de Deus. Os que tentam matar a alma, também ofendem a lei de Deus, embora seu crime seja menos visível aos olhos do homem.

Prestemos atenção ao que nos diz a criança que temos guardada no peito. Não nos envergonhemos por causa dela. Não vamos deixar que ela tenha medo, porque está só e quase nunca é ouvida.

Vamos permitir que ela tome um pouco as rédeas de nossa existência. Esta criança sabe que um dia é diferente do outro.

Vamos fazer com que sintá-se de novo amada. Vamos agrada-la - mesmo que isto signifique agir de maneira que não estamos acostumados, mesmo que isto pareça tolice aos olhos dos outros.

Lembrem-se que a sabedoria dos homens é loucura diante de Deus. Se escutarmos a criança que temos na alma, nossos olhos tornarão a brilhar. Se não perdermos o contacto com esta criança, não perderemos o contacto com a vida.

As cores a minha volta começaram a ficar mais fortes, e eu senti que ~~fazia~~ ^{estava falando mais alto, e fazendo} mais ruído quando colocava o copo de volta na mesa.

Um grupo de quase dez pessoas havia saído direto da conferência para jantar. Todos falavam ao mesmo tempo, e eu sorria - eu sorria porque era uma noite diferente, a primeira noite, em muitos anos, que eu não havia planejado. Tudo estava simplesmente acontecendo na minha vida.

Que alegria!

Quando decidi ir até Madrid, tinha meus sentimentos e minhas ações sob controle. ~~o motivo da viagem, o ticket de volta, as conversas que iríamos ter se eu tivesse oportunidade. Amanhã seguinte ainda estava dentro de um plano - eu deveria ir até Bilbao, para aproveitar sua companhia. Depois, pegava o ônibus de volta para Zaragoza.~~

De repente, tudo havia mudado. Eu estava ali - uma cidade onde nunca colocara os pés, embora ficasse a menos de tres horas de minha cidade natal. Eu estava ali, sentada naquela mesa onde conhecia apenas uma pessoa - e todos falavam comigo como se ~~fossemos amigos~~ ^{me conhecessem} há muito tempo. Eu estava ali, e me surpreendia comigo mesma, porque era capaz de conversar, beber, e me divertir como eles.

Eu estava ali porque, de repente, a vida me entregou 'a Vida. E não sentia culpa, medo ou vergonha. A medida que ficava perto dele - e que o escutava falar - ia me convencendo de que

tinha razão: existem momentos ~~de vida~~ em que ainda é ^{preciso} ~~normal~~ correr riscos, dar passos loucos, ~~porque temos tempo de conser-~~
~~var o que fizemos errado.~~

"Estou perdendo meu tempo. Aprendo coisas que não vão
me ~~servir para nada~~", pensei. "Fico dias a fio diante daqueles
livros e cadernos, fazendo um esforço sobrehumano para comprar
minha própria escravidão." / ^{pensei} Eu me dedicava ~~tanto~~ aos estudos
porque não tinha nada melhor para fazer: já sabia todas as maté-
rias de cor e salteado, e tinha absoluta certeza que passaria nas
provas, e conseguiria o emprego - se não houvesse protegidos ou
influências políticas.

"Por que quero este emprego? O que ele vai me acrescen-
tar como ser humano, ou como mulher?" Nada. Eu não havia nascido
para ficar o resto da minha vida detrás de uma mesa, ajudando os
juizes a despachar seus processos.

"Não posso pensar assim sobre minha vida", disse para
mim mesma, com um medo repentino. "Vou ter que voltar para ela
ainda esta semana".

~~Tudo~~ devia ser efeito do vinho. Afinal de contas, quem
não trabalha, não come. ~~Terei voltar a minha variedade de sem-~~
~~pre, e pensar com mais objetividade sobre a vida.~~

"Isto é um sonho. Vai acabar". Sim, era melhor ^{olhar as coisas}
desta maneira.

"Mas quanto tempo posso prolongar este sonho?" Pela
primeira vez aquela noite, ^{pensei em} ~~comecei a considerar a possibilidade~~
~~de~~ acompanhá-lo nos próximos dias, ^{em ir até as montanhas.} Afinal de contas, estávamos
começando uma semana de feriados.

- Quem é você? perguntou uma bela mulher que estava na nossa mesa.

- Uma amiga de infância - respondi.

- Ele já fazia estas coisas quando criança? - ela continuou. **(eu embalei)*

Eu não sabia o que estava dizendo, mas resolvi ir em frente.

- Ele já sabia falar - respondi.

Todos riram, inclusive ele - e eu fiquei sem saber o motivo daquela risada. Mas o vinho me deixava livre, *eu não conseguia controlar* para não *que eu não sabia* saber tudo o que se passava, *em minha volta*.

Parei, olhei a minha volta, fiz um comentário qualquer sobre um assunto que me esqueci no momento seguinte. E tornei a pensar nos feriados: que diferença faz um feriado para uma pessoa que não trabalha?

Como Era bom estar ali, conhecendo gente nova. As pessoas discutiam coisas sérias no meio de comentários engraçados, eu eu tinha a sensação de estar participando *mesmo* *do* do que acontecia no mundo. Não *estava mais* pelo menos por esta noite, *eu não era a ** a mulher que assiste a vida pela TV ou pelos jornais.

Quando voltasse a Zaragoza, ia ter muito o que contar. Se aceitasse o convite para o feriado da Imaculada - ~~se~~ então eu podia passar um ano inteiro vivendo de novas lembranças.

"Ele tinha toda razão em não prestar atenção na minha conversa sobre os amigos de Soria", refleti. E senti pena de mim mesma: há anos a gaveta da minha memória tinha poucos personagens, e as mesmas histórias para acompanhar.

** Que coisas?*
** A conversa na mesa pareceu diminuir, e parar.*
- Você sabe - insistiu a mulher. - Os milagres.

- Beba um pouco mais - disse um homem de cabelos brancos, enchendo meu copo.

Eu bebi. Pensei de novo no futuro - nas poucas coisas que teria para contar aos meus filhos e netos. ~~A cada instante a~~

~~idéia de ficar com ela nos próximos dias ficava mais atraente.~~

"Sempre cumpri meus deveres, e me esqueci de minha principal obrigação: viver".

Não. Alguma coisa estava errada naquilo tudo. Era o efeito do vinho. Enquanto ele durasse eu era capaz de largar meus estudos e sair pelo mundo - só porque havia aceito um convite de vir até Bilbao. Mas o vinho passa e a coragem também.

- Estou contando com voce - ~~(ele disse)~~, de modo que só eu pudesse escutar. - Vamos juntos. Vamos até a França.

O vinho me deixava mais livre para dizer o que pensava.

- Só se conseguir deixar bem claro uma coisa - ~~eu~~ respondi.

- O que?

- Aquilo que voce falou antes da conferência. No café.

- A medalha?

- Não - respondi, olhando em seus olhos e fazendo o possível para parecer sóbria. - O que voce falou.

- Depois conversamos - disse ele, mudando de assunto.

~~Eu queria falar sobre sua~~ declaração de amor. Não tivemos tempo de conversar, mas tinha certeza de que poderia facilmente convence-lo que não era nada daquilo.

- Se voce quer que eu viaje com voce, precisa me ouvir - disse, quando reparei que a conversa num dos cantos da mesa

desviava a atenção dos outros.

- Não quero conversar aqui. Estamos nos divertindo.

- Você partiu muito cedo de Soria - insistiu. - Seu

^{apenas} ~~subconsciente~~ ^{apenas} ~~apriu~~ um laço com sua terra, ~~e este laço salvou~~. Eu lhe deixei próximo de suas raízes, e isto lhe deu forças para seguir adiante.

"Mas é só. Não pode existir nenhum amor".

Ele me ouviu sem comentar nada. Alguém o chamou para escutar sua opinião, e ^{não conseguiu} ~~ficou impossível~~ continuar a conversa.

"Pelo menos deixei claro o que penso" disse para mim mesma. Não existia aquele amor. Não podia existir tal amor, exceto nos contos de fada.

Porque, na vida real, o amor precisa ser possível. Mesmo que não haja uma retribuição imediata, o amor só consegue sobreviver quando existe a esperança - por mais distante que seja - de que ~~um dia~~ conquistaremos a pessoa amada.

~~O resto é fantasia. Esperava que ele fosse inteligente e sensível para compreender que nunca iríamos estar juntos.~~

Como se adivinhasse meu pensamento, ele me levantou um brinde do outro lado da mesa:

- Ao amor! - disse.

Também estava um pouco embriagado. Resolvi aproveitar a oportunidade.

- Aos sábios, capazes de entender que certos amores são tolices de infância - disse eu.

- Aquele que é sábio, só é sábio por que ama. E aquele que é tolo, só é tolo porque pensa que pode entender o amor - ele respondeu.

As outras pessoas na mesa ouviram o comentário, e no minuto seguinte, uma animada discussão sobre o amor começou. Todos tinham uma opinião formada, defendiam seus pontos de vista com unhas e dentes, e várias garrafas de vinho foram necessárias para fazer com que ^{a calma ssem.} ~~todos concordassem~~. Finalmente alguém disse que já estava tarde, e que o dono do restaurante queria fechar.

- Teremos cinco dias de feriado - gritou alguém de outra mesa. - Precisamos comemorar! Se o dono quer fechar restaurante, é porque vocês estavam conversando assuntos sérios - e isto o aborrece!

Todos riram - menos ele.

- Onde devíamos conversar assuntos sérios? - perguntou ao bêbado da outra mesa.

- Na igreja! - disse o bêbado. E desta vez, o restaurante inteiro caiu na gargalhada.

Ele levantou-se. Pensei que ia brigar, porque havíamos todos voltado 'a adolescência, onde brigas fazem parte da noite - junto com os beijos, as carícias em lugar proibido, a música alta, e a velocidade.

Mas tudo que fez foi segurar em minha mão e se dirigir para a porta do restaurante.

-E' melhor a gente ir - disse. - Está ficando tarde.

Chove em Bilbao, e chove no mundo. Quem ama precisa saber se perder, precisa saber se encontrar. Ele está conseguindo equilibrar bem estas duas partes, enquanto voltamos para o hotel ~~debaixo~~ da chuva.

Não tocou mais no assunto. Não sabe se aceitei ou não seu convite. Deve ter percebido que foi rápido demais.

Agora voltou a ter o controle de seu mundo, está alegre, e canta, enquanto ~~voltamos~~ para o hotel.

Canta um velho tango argentino que nunca escutei antes com uma letra estranha:

Son los locos que inventaron el amor / 0

Embora ainda com a sensação do vinho e das cores fortes, vou aos poucos ~~voltando~~ ^{tomando} a me equilibrar. Preciso manter o controle da situação, porque quero viajar estes dias. Já que não estou apaixonada, será fácil manter este controle.

Quem é capaz de ~~controlar~~ ^{domar} seu coração, é capaz de ~~controlar tudo~~ conquistar o mundo.

Con un poema y un tronbón / 12
a de/arte el corazón",. diz a letra. / 15

"Gostaria de não controlar meu coração", penso. Se conseguisse entrega-lo ao amor, nem que fosse apenas por um final de semana, esta chuva caindo em meu rosto teria outro sabor. Se amar fosse fácil, eu estaria ~~agora agarrada em seus braços~~ ^{abraçada com ela}, e a letra da música ~~estaria~~ ^{contaria} uma história que é nossa história. Se não existisse Zaragoza depois dos feriados, eu ~~estaria~~ ^{ia desejar} ~~seria livre~~ ^{seria livre} ~~de tudo~~ que o efeito da bebida não passasse nunca, livre para beija-lo, acaricia-lo, dizer e escutar coisas que os

apaixonados dizem entre si.

Mas não. Não posso.

Não quero.

Não conseguiria ^{partir,} ~~seguido,~~ e ele não conseguiria ficar. Lembro-me do que estava pensando no restaurante há meia hora atrás. O amor só sobrevive quando existe uma chance - por menor que seja - de ficar junto da pessoa amada. Sem esta chance, apenas os suicidas são capazes de se entregar totalmente.

Eu não sou suicida, e já cansei de sofrer. Quando me feriram da última vez prometi a mim mesma que - ~~aquele momento em diante~~ o amor só me traria felicidade.

Salgamos a voar, querida mia, diz a letra. Sim, vamos sair e voar. Dentro das minhas condições.

Ele não sabe que minha resposta para seu convite é "sim". Por que quero correr este risco? Porque sou jovem o suficiente para poder ser um pouco irresponsável. Porque ele é apenas um amigo de infância. Porque neste momento estou bêbada, e casanda dos meus dias iguais.

^{Mãe} Este cansaço vai passar, ~~entretanto.~~ E vou querer voltar logo a Zaragoza, ~~antes que me acostume com uma nova existência, onde sei que seria infeliz.~~

(Me espera) a cidade que escolhi para morar. Me esperam meus estudos, me espera um concurso público. Me espera um marido que preciso encontrar, e que não será difícil.

Me espera uma vida sossegada, com filhos e netos, com o orçamento equilibrado e as férias anuais. Não conheço seus pavores, mas conheço os meus - e já aprendi a lidar com eles. Não

preciso de medos novos - basta os que já tenho.

~~Até esta manhã, não podia sonhar que seu amor por mim tivesse permanecido por tanto tempo. Em menos de 24 horas, já vivi tantas emoções que não sei como lidar com elas. Em certos momentos acreditei que falava a verdade, em outros tive certeza que era pura fantasia, depois tornei a mudar de idéia e a crer que estava sendo sincero - tudo isto durante um simples jantar. Pensei em algumas táticas femininas, pensei em não dizer nem sim nem não, para mantê-lo preso na teia do amor que ele próprio criou - até que eu tivesse tempo para pensar como agir.~~

Pensei na possibilidade de me entregar - só por um final de semana. Julguei-a perigosa. ~~Me senti rainha e me senti incapaz. Mas - nem por um momento - abri o meu coração.~~

Vou deixar meu coração trancado. Não poderia - nunca - me apaixonar por alguém como ele. Eu o conheço bem demais, vivemos juntos muito tempo, sei de suas fraquezas e seus temores - porque nisto não mudamos nunca. Convivemos quando não entendia nada de ~~algunas~~ instantes mágicos, ^{milagres,} ou alegria espiritual. Não consigo admirá-lo como as outras pessoas.

Estou por demais acostumada com ele.

Sei que o amor é e as represas são iguais: se voce deixa uma brecha por onde um fio de água possa se meter, aos poucos ele vai arreventando as paredes - e chega um momento em que ninguém consegue mais controlar a força da correnteza. ~~As~~
~~paredes desmoronam.~~

~~Não~~ ^{Se} ~~existam~~ brechas no meu coração. ~~Porque~~ quando as paredes desmoronam, o amor toma conta de tudo; já não interessa

que é possível ou o que é impossível, não interessa se podemos ou não manter a pessoa amada ao nosso lado, ~~ou se exista futuro~~ - o amor ~~não nos deixa controlar nada,~~
amar é perder o controle

Não ~~afé~~ posso deixar uma brecha. Por menor que seja. ~~afé~~

- Um momento!

Ele parou imediatamente de cantar. Os passos rápidos ecoavam no chão molhado.

- Vamos - disse, pegando no meu braço, ~~e andando mais rápido.~~

- Espere! - ~~escutamos~~ ~~um~~ homem gritando. - Preciso falar com voce!

Mas ele andava cada vez mais rápido.

- Não é com a gente - disse. - Vamos para o hotel.

Era com a gente: não havia mais ninguém naquela rua. ~~afé~~

Meu coração disparou, e o efeito da bebida desapareceu de imediato. Os passos foram ~~ficando cada vez mais próximos.~~
se aproximando.

- Vamos, - disse ele, apertando ainda mais a ~~passo.~~ *caminhada.*

Mas era tarde. A figura de um homem, molhado dos pés a cabeça, se interpos diante de nós.

- Parem, por favor! - disse o homem. - ~~Está complicado!~~ *Pelo amor de Deus!*

Eu estava apavorada, procurando um lugar para fugir, um carro de policia que pudesse surgir como milagre. Instintivamente, agarrei ~~afé~~ seu braço - mas ele afastou minhas mãos. ~~afé~~
rapido.

- Por favor! - disse o homem. - Soube que voce estava na cidade. Preciso de sua ajuda. ~~Para~~ *É* meu filho!

O homem começou a chorar, e ajoelhou-se no chão.

- Por favor! - dizia. - Por favor!

Ele respirou fundo, abaixou a cabeça, e fechou os olhos. Durante alguns momentos ficou em silêncio, e todo que podíamos escutar era o ruído da chuva, misturado com os soluços do homem ajoelhado na calçada.

- Vá para o hotel, Pilar - disse finalmente, ~~depois de~~
~~muito tempo~~. - E durma. Só devo voltar ao amanhecer.

segunda-feira, 6 de dezembro 1993

O amor é cheio de armadilhas. Quando quer se manifestar, mostra apenas a sua luz - e não nos ~~deixa~~ ^{permite} ver as sombras que esta luz provoca.

- Olhe a terra a nossa volta - disse ele. - Vamos nos ~~deixar~~ ^t no chão, sentir o coração do planeta batendo.

- Daqui a pouco - respondi. - Não posso sujar o único casaco que trouxe comigo.

Caminhamos por morros plantados de olivais. Depois da chuva ^{de ontem} em Bilbao, o sol desta manhã me dá a sensação de sonho. Eu não ~~trouxe~~ ^{tinha} óculos escuros ~~para a viagem~~ - eu não ~~trouxe~~ ^{trouxera} nada, porque ia voltar para Zaragoza no mesmo dia. ~~Tive~~ ^{precisei} que dormir com uma camisa que ele me emprestou; ~~ele~~ comprei uma camiseta na esquina do hotel, para - pelo menos - poder lavar a que estava usando.

- Você deve estar enjoado de me ver com a mesma roupa - digo, brincando, para ver se um assunto banal me traz de volta a realidade.

- Eu estou feliz porque você está aqui.

Ele não tornou a falar de amor desde ~~aquele~~ ^o café que tomamos antes da conferência, mas está bem-humorado, e parece que voltou aos dezoito anos. Anda ao meu lado, também mergulhado na claridade desta ~~dia~~ ^{manhã}.

- O que você precisa fazer lá? - disse eu, apontando para ~~os altos picos~~ ^{as montanhas} dos Pirineus, no horizonte.

- Atrás daquelas montanhas ~~fica~~ ^{está} a França - ~~ele~~ ^{eu} respondeu, sorrindo.

- Eu estudei geografia. Quero apenas saber por que precisamos ir até lá.

Ele ficou algum tempo sem dizer nada, apenas sorrindo.

- Para que voce veja uma casa. Quem sabe, se interessa por ela.

- Se está pensando em ser corretor de imóveis, me esqueça. ~~eu~~ Não tenho dinheiro.

Rimos juntos. Para mim, ~~cheguei~~ ^{tanto fazia} ir até um povoado de Navarra, ou ir até a França. Só não queria passar os feriados em Zaragoza.

~~Dois dias antes, a ideia de viajar nem me passava pela cabeça. Agora,~~ Voce está eu estava satisfeita por ter aceito o convite. "Está vendo?", escutei meu cérebro dizer ao meu coração. "Voce mudou, e não percebe isto."

Não, eu não mudei nada. Apenas relaxei um pouco, para ~~pod~~ voltar com mais energia e disposição. ~~as oliveiras~~ ^{as oliveiras} ~~na minha terra~~ ^o ~~meu~~ ^{a nossa volta} ~~chão~~ ^{parecia} não ter mais vitalidade para produzir nada - ~~e mesmo assim ali estavam~~ ^{mas} ~~com~~ ^{as oliveiras,} seus troncos e ~~seus~~ galhos retorcidos. Agora, no outono, começavam seu descanso ^{para que o lavrador pudesse} - ~~a natureza~~ ^{produzir} seus frutos no verão.

Também eu - no meu chão que parecia não ter vitalidade para produzir nada - precisava deste descanso.

- Repare as pedras no chão. ~~elas~~

São redondas, sem arestas. Parecem seixos do mar. Entretanto, o mar nunca esteve aqui, nos campos de Navarra.

- Os pés dos trabalhadores, os pés de peregrinos, os pés dos aventureiros moldaram estas pedras - diz ele. - Elas mudaram, e os viajantes também.

- Foi a viagem que ^{lhe} ensinou tudo que voce sabe?

- Não. Foram os milagres da Revelação.

Eu não entendi, e nem procurei me aprofundar. Estava imersa no sol, no campo, nas montanhas do horizonte. Continuava olhando as oliveiras, e traçando paralelos com a minha vida.

- Onde estamos indo ~~agora~~? - perguntei.

- Em nenhum lugar. ~~Estamos aproveitando~~ Estamos aproveitando ~~uma~~ manhã, ~~uma~~ sol, ~~frente~~ bela paisagem. Temos uma longa viagem de carro pela frente.

Ele vacila por um momento, e pergunta:

- Você guardou a medalha?

- Guardei - digo, e começo a caminhar mais rápido. Não quero que toque neste assunto - pode estragar a alegria e a liberdade desta manhã.

Um povoado aparece. A maneira das cidades medievais, ele está no topo de um morro, e posso ver - a distância - a torre de sua igreja e as ruínas de um castelo.

- Vamos até lá - ~~isso~~ *peço*.

Ele fica em dúvida, mas ~~permanece~~ *acaba* concordando. *Existe uma capela no cemitério, e tenho vontade de entrar ali. Nas viagens sei mais aqui.* ~~povoado e o lugar em que estamos existe uma pequena capela.~~ *mas o silêncio das igrejas sempre me tranqüiliza.*

A sua pergunta sobre a medalha continua me incomodando.

Sei que ele quer me agradar, está fazendo tudo para me deixar a vontade - e ~~me sinto~~ *estou* triste porque não posso corresponder.

Ele não merece ser enganado. Muitas vezes usei os truques que só as mulheres conhecem - e que os homens nunca aprenderam em milhares de anos de convivência. Mas ~~mas~~ *mas* não posso

fazer isto com ele. Não é justo.

A capela ao caminho vai ficando cada vez mais próxima. ~~Escolho o caminho que passa pela porta da capela. Quero entrar ali e fazer uma prece.~~ ~~Quero entrar ali e fazer uma prece.~~ ~~Quero entrar ali e fazer uma prece.~~

Quero entrar ali e fazer uma prece. Embora com medo de parecer ridícula aos meus próprios olhos. ~~Consigo evitar que a sensação de tristeza com relação~~ ~~to se transforme em culpa.~~ "Não sinto-se culpada", digo para mim mesma. "Se ele está apaixonado, é problema dele".

"Vêe guardou a medalha?" Ele perguntou. Sei que esperava que eu voltasse 'a nossa conversa no café. Ao mesmo tempo, tem medo de escutar o que não quer ouvir - por isso não vai adiante, não toca no assunto.

O tempo e a convivência nestes feriados vão nos ajudar. Descobriremos uma maneira de superar esta situação. A cada instante me sinto mais confortável ao seu lado. Se eu não tiver que explicar nada, se ^{nas} precisar dar nenhuma desculpa, os próximos dias vão mostrar a saída.

Pode ser que realmente me ame. Mas conseguiremos transformar este amor em algo diferente, mais profundo.

"Ridículo", penso comigo mesma. "Não existe nada mais profundo que o amor".

* Nos contos infantis, as princesas beijam os sapos e eles se transformam em príncipes. Na vida real, as princesas beijam os príncipes e eles se transformam em sapos."

Fico surpresa com o que acabei de pensar. O beijo não está nos meus planos - por que me ocorreu isto?

Pequeno, embora não sinta nada por ele, quero manter minha imagem intacta. Este é o lado traçoeiro e perigoso do amor - mas sou humana, não consigo evita-lo.

(papai para papua seguinte em D)

Se sabemos que alguém nos ama, nos sentimos mais seguras e mais fortes diante da vida. Se sabemos que alguém nos ama, nos sentimos suficientemente belas para ir em busca de outra pessoa - aquela a quem amamos.

Jamais deixaria que me beijasse. Não que isto seja ~~especialmente~~ difícil; já beijei muitos homens dez minutos depois de conhecê-los, e nunca me arrependi.

Mas ele é diferente. Tenho medo de que se decepcione ao descobrir que sou fraca, limitada, e covarde diante da vida. Não quero ~~me~~ transformar ^{me} em sapo.

Depois de quase meia-hora de caminhada, chegamos a ^{capela} ~~pequena ermida~~. Um velho está sentado ^{em} nos seus degraus.

E' a primeira pessoa que vemos desde que começamos a andar - porque é final de outono, e os campos de novo estão entregues ao Senhor, que fertiliza a terra com sua benção, e permite que o homem arranque o sustento com o suor do seu rosto.

- Bom dia - diz ele ao homem.

- Bom dia.

- Como se chama aquele povoado?

- San Martin de Unx.

- Unx? - digo eu. - Parece nome de gnomo!

O velho não entende a brincadeira. Meio sem graça, eu caminho até a porta da ~~pequena~~ capela.

- Não pode entrar - diz o velho. - Fechou ao meio-dia.

Se quiser, pode voltar as quatro da tarde.

A porta está aberta. Estou vendo seu interior - embora sem ~~muita~~ nitidez, por causa da claridade aqui fora.

- Só um minuto. Gostaria de fazer uma prece.

- Sinto muito. Já está fechada.

Ele escuta a minha conversa com o velho. Não diz nada.

- Está bem, vamos embora - digo ~~para ele~~. - Não adianta ficar discutindo.

Ele continua olhando para mim com um olhar vazio, distante.

- Por que? - pergunta. - Voce não quer ver a capela?

~~São~~ que não gostou de minha atitude. Deve ter me achado fraco, covarde, incapaz de lutar pelo que quero. ^o que estava pensando a respeito de sapos e principes (acontece) sem que ^{se/a} fosse necessário um beijo.

-Lembre-se de ontem - digo. - Voce encerrou a conversa no bar porque não estava com vontade de discutir. Agora, quando faço a mesma coisa, voce ~~para de~~ está me repreendendo.

O velho olha, impassível, nossa discussão. Deve estar contente, porque algo está acontecendo ali, diante dele, ^{num} ~~o~~ lugar onde todas as manhãs, todas as tardes e todas as noites são iguais.

- A porta da igreja está aberta - (diz ele), dirigindo-se ao velho. - Se voce quer dinheiro, podemos lhe dar um pouco. Mas ela quer ver a igreja.

- Já passou da hora.

- Então está bem. Venha.

- Por que você está fazendo isto?
- Porque vou quer ver a capela - é uma ruína

Ele me pega pelo braço e entra comigo, ~~na igreja?~~

Meu coração dispara. O velho pode ficar agressivo, chamar a polícia, estragar nossa viagem. ^{Has eu nem} Não consigo olhar direito o que existe ^{ali} dentro, ~~da capela~~. Aquela discussão - e minha atitude - tirou ~~todo~~ o encanto de uma manhã quase perfeita.

Meu ouvido está atento ao que se passa lá fora - a todo minuto imagino o velho saindo, ~~para chamar a polícia do~~ ^{chegando} povoado.

Invasores de capelas. Ladroes. Estão ^{violando} fazendo algo proibido, ~~contra a lei~~. O velho disse que estava fechada, que não era mais hora de visita! Mas ~~ele é um~~ ^{pobre} velho, ~~não pode fazer nada~~ - ~~o~~ ^e ~~não~~ ~~pode impedir que um homem e uma mulher forcem a entrada.~~ ~~ancias.~~

Fico lá dentro ^{aberto} tempo suficiente para mostrar que estou ~~intencionalmente~~ a vontade. O coração continua batendo tão forte que tenho medo que ele escute.

- Podemos ir - digo ~~eu~~, depois do que imaginei ser o tempo necessário para se rezar uma ave-maria. ~~Procuramos~~ ~~o~~ ~~possível~~ ~~para~~ ~~que~~ ~~a~~ ~~minha~~ ~~vôz~~ ~~saia~~ ~~forte~~.

- Não tenha medo, Pilar. Voce não pode "contracenar".

Eu não desejava que o problema com o velho se transformasse num problema com ele. Precisava manter a calma.

^{Não sei} - O que é "contracenar"? - ~~perguntar.~~ ^{respondo.}

- Certas pessoas vivem brigadas com alguém, brigadas consigo mesmo, brigadas com a vida. Então, elas começam a criar uma espécie de peça de teatro na cabeça delas, e escrevem o roteiro de acordo com suas frustrações.

Eu ~~de~~ Conheço muita gente assim. Sei ~~do~~ ^{do} que está ^{falando}.

- O pior, porém, é que elas não podem representar esta peça de teatro sózinhas. Então começam a convocar outros atores.

- continua

"Foi o que este sujeito ^(fez ai fora) queria se vingar de alguma coisa, e nos escolheu para isto. Se tivéssemos aceitado sua proibição, estaríamos agora arrependidos e derrotados. Teríamos aceito fazer parte de sua vida mesquinha e de suas frustrações.

"A agressividade ^{deste senhor} era visível, ^{e foi fácil evitar que} Outras pessoas, ^{com aquele senhor.} entre-
tanto, nos 'convocam' quando ^{começam a se comportar como} se fazem ~~de~~ vítimas, ~~e começam a~~
reclamando ^{da vida}, pedindo para que a gente concorde, dê conselhos,
não, participe.

Ele me olhou dentro dos olhos.

- Cuidado - disse. - Quando se entra neste jogo, sempre se sai perdendo.

Ele tinha razão. Mesmo assim, eu estava me sentindo pouco a vontade ali dentro.

- Já rezei. Já fiz o que queria. Agora podemos sair.

Saimos. O contraste entre a escuridão da capela e o sol forte lá fora me cega por instantes. Assim que meus olhos se acostumam, ^{notei} percebo que o velho não está mais lá.

- Vamos almoçar - disse ^{ele}, andando em direção a cidade.

(aqui eu tra uma
pagina extra sobre
Rif e misericórdia)

Bebo dois copos de vinho no almoço. Nunca bebi assim em minha vida. Estou virando alcoólatra.

"Que exagero".

Ele conversa com o garçon. Descobre que existem várias ruínas romanas pelas redondezas. Procuro acompanhar a conversa, mas não consigo esconder o meu mau-humor.

A princesa virou sapo. Que importância tem isto? A quem preciso provar qualquer coisa, se não estou buscando nada - nem homem, nem amor?

~~O desejo de voltar a Zaragoza retinha.~~ "Eu já sabia", penso. "Sabia que ia desequilibrar meu mundo. O cérebro avisou - e o coração não quis seguir o conselho".

Tive que pagar um preço alto para conseguir o pouco que tenho. Precisei renunciar a tantas coisas que desejava, abrir mão de tantos caminhos apareceram na minha frente. Sacrifiquei meus sonhos em nome de um sonho maior - a paz de espírito. *Não ~~é~~ quando abrir mão desta paz.*

- Você está tensa - diz ele - interrompendo a conversa com o garçon.

- Sim, estou. Penso que aquele velho foi chamar a polícia. Penso que esta cidade é pequena, e eles sabem onde estamos. Penso que esta sua teimosia em almoçar aqui pode acabar com nossos feriados.

Ele fica girando o copo de água mineral. Deve saber que não é nada disto - que na verdade, estou envergonhada. ~~Um episódio tão bobo como um velho diante de uma capela é capaz de transformar toda aquela beleza nas angústias que sinto agora.~~ Por que fazemos isto com nossas vidas? Por que vemos o cisco no olho, e não vemos as montanhas, os campos, e as oliveiras?

- Escute: não vai acontecer nada disto - ele diz. - O velho já voltou para a sua casa, e nem se lembra mais do episódio. Confia em mim.

"Não estou tensa por isso, seu tolo", penso. ~~"Estou assim porque piso num terreno que não conheço e isto me deixa agressiva."~~

- Escute mais o seu coração - ele continua.

- E' justamente isto: estou escutando - respondo. - E prefiro sair daqui. Não estou a vontade.

- Não beba mais durante o dia. Não ajuda nada.

Até aquele momento, eu estava me controlando. Agora, é melhor falar tudo o que preciso.

instantes magicos,
~~colunas de templo,~~
- Você acha que sabe tudo - digo. - Que entende de ~~colunas de templo,~~ de crianças interiores. Não sei o que está fazendo ao meu lado.

Ele ri.

- Eu te admiro - diz. - E admiro a luta que está travando contra seu coração.

- Que luta?

- Nada - responde.

Mas sei o que ele quer dizer.

- Não se iluda - respondo. - Se voce quiser, podemos falar sobre isto. Você está enganado a respeito dos meus sentimentos.

Ele para de girar o copo, e me encara:

- Não estou. Sei que voce não me ama.

Aquilo me deixa ainda mais desorientada.

- Mas vou lutar por isto - continua. - Existem coisas na vida pelas quais vale a pena lutar até o fim.

Suas palavras me deixam sem resposta.

- Voce vale a pena - diz ele.

Eu olho para o outro lado, e procuro fingir que estou interessada na decoração do restaurante. Estava me sentindo um sapo, e ~~vo~~ ^{olho a} ~~que - para ele~~ ^{seu} ~~continuava~~ uma princesa.

"Quer ~~se~~ acreditar em suas palavras", penso, enquanto olho um quadro com pescadores e barcos. "Não vai mudar nada, mas pelo menos não vou me sentir tão fraca, tão incapaz."

- Desculpa minha agressividade - digo, ~~depois de algum~~
~~tempo~~

Ele sorri. Chama o garçon, e paga a conta.

O caminho de volta me faz sentir mais confusa. Pode ser o sol - mas não, é outono, e o sol não esquenta nada. Pode ser o velho - mas o velho já ~~contaceu~~ ^{saui de minha vida} há muito tempo, e ~~já não faz~~ mais parte da minha vida.

Pode ser tudo aquilo que é novo. Todo sapato novo incomoda. A vida não é diferente: nos pega desprevenidos, e nos obriga a caminhar para o desconhecido - quando não queremos, quando não precisamos.

Tento me concentrar na paisagem, mas não consigo mais ver os campos de oliva, a cidadezinha no monte, a capela que tinha um velho na porta. Nada disto me é familiar. "Estou virando alcoólatra", penso. Mas tudo que fiz foi beber dois dias segui-

~~das. Que exagero.~~

Me lembro da bebedeira de ontem, e da música que ele cantava:

Las tardécitas de Buenos Aires tienen este ~~hoy~~ / i H no sé...
que sé yo?

Viste, sali de tu casa, por Arenales...

Por que Buenos Aires, se estavamos em Bilbao? Que rua é esta, Arenales? O que ele queria, [?] ~~enquanto cantava?~~

- Que música é aquela que voce cantou ontem? - pergun-
to.

- "Balada para Um Louco" - diz ele. - Por que só per-
guntou isto hoje?

- Nada - respondo.

Mas sim, tem um motivo. Sei que ele cantou esta música porque é uma armadilha. Ele me fez decorar a letra - e eu tenho que decorar as matérias para a prova. Podia ter cantado uma música conhecida, que eu já tivesse ouvido milhares de vezes - mas preferiu algo que eu nunca tivesse escutado.

E' uma armadilha. Assim, quando mais tarde esta música aparecer num rádio, ou num disco, eu vou me lembrar dele, de Bilbao, da época em que o outono de minha vida se transformou de novo em primavera. Eu vou me lembrar da excitação, da aventura, e da criança que renasceu sabe Deus de onde.

Ele pensou tudo isto. Ele é sábio, experiente, vivido, e sabe como conquistar a mulher que deseja.

"Estou ficando louca", ^{dijo para mim mesma.} ~~penso.~~ Acho que ^{seu} ~~veu viras~~ alcoo-
latra porque bebi dois dias seguidos. Acho que ele sabe todos os

bruques. Acho que me controla e me governa com sua doçura.

"Admiro a luta que voce está travando com seu coração", disse ele no restaurante.

Mas está enganado. Porque já lutei e venci meu coração a muito tempo. Não vou me apaixonar pelo impossível.

~~Pode parecer ridículo, infantil, ultrapassado. Mas~~ Eu conheço meus limites, e minha capacidade de sofrer.

- Fala alguma coisa - eu peço, enquanto andamos de volta para o carro.

- O que?

- Qualquer coisa. Conversa comigo.

Ele começa a me contar algo sobre as aparições da Virgem Maria em Portugal. Não sei de onde tirou este assunto - mas consigo me distrair com a história dos tres pastores que conversaram com Ela.

Aos poucos, meu coração sossega. Sim, eu conheço bem os meus limites, e sei me controlar.

Chegamos a noite, com uma névoa tão forte que mal dava para distinguir onde estávamos. Eu enxergava apenas uma pequena praça, um lampião, algumas casas medievais mal iluminadas pela luz amarela, e um poço.

- A névoa! - disse ele, excitado.

Fiquei sem entender.

- Estamos em Saint Sauvin - completou.

O nome não me dizia nada. Mas estávamos na França, e isto me deixava excitada.
era excitante.

- Por que este lugar? - perguntei.

- Por causa da casa que quero lhe vender - ele respondeu, rindo. - Além disso, prometi que ia estar por perto ao voltar no
é um bom lugar para passar o dia da
Imaculada Conceição.

- Aqui?

- Aqui perto.

Ele parou o carro. Quando saltamos, me pegou pela mão e começamos a caminhar no meio da névoa.

- Este lugar entrou na minha vida sem que eu esperasse - disse.

"Você também", pensei.

- Aqui, um dia - achei que tinha perdido meu caminho. E não era bem assim: na verdade, eu o havia reencontrado.

- Você fala por enigmas - eu disse.

- Foi aqui que eu entendi o quanto você fazia falta na minha vida;
Eu tornei a olhar em torno. Não podia compreender porque.

- O que tem isto a ver com seu caminho?

- Vamos conseguir um quarto, porque os dois únicos

hoteis desta cidadezinha só funcionam no verão. Depois jantaremos num bom restaurante - sem tensão, sem medo da policia, sem precisar voltar correndo para o carro.

"E ~~então~~, quando o vinho soltar nossas línguas, conversaremos muito".

Rimos juntos. Eu já estava mais relaxada. Durante a viagem, me dera conta da tolice ~~de~~ que havia pensado. ~~de tanto~~. Enquanto cruzavamos a cadeia de montanhas que separa a França da Espanha, ~~eu~~ pedi a Deus que lavasse minha alma da tensão e do medo.

Já estava cansada de fazer um papel infantil, agindo igual a muitas amigas - que tinham medo do amor impossível, e nem sabiam direito o que era "amor impossível". Se continuasse assim, ia perder ^{tudo de bom que aqueles} ~~alguns~~ poucos dias que ~~estávamos~~ juntos ~~me~~ ^{podiam dar.}

"Cuidado", pensei. "Cuidado com a brecha na represa. Se ela surgir, nada neste mundo conseguirá fecha-la."

- Que a Virgem nos proteja daqui por diante - ele disse.

Eu não respondi ~~nada~~.

- Por que voce não disse "amén"? - perguntou.

- Porque já não acho tão importante. Houve uma época em que a religião fazia parte da minha vida - mas este tempo passou.

Ele deu meia-volta, e começamos a andar de volta ao carro. ~~Senti que estava contrariada, mas não iria dizer nada.~~

- Ainda rezo - continuei. - Fiz isto enquanto cruzavamos os Pirineus. Mas é algo automático, ~~que~~ nem sei se confio muito.

- Por que?

- Porque sofri~~x~~, e Deus não me escut~~ou~~. Porque - muitas vezes na minha vida - tentei amar com todo o meu ~~coração~~ ^{coração}, e o amor terminou sendo pisado, traído. Se Deus é amor, devia ter cuidado melhor do meu ~~coração~~ ~~sentimento~~ ^{sentimento}.

- Deus é amor. Mas quem entende bem do assunto é a Virgem .

Eu cai na gargalhada. Quando tornei a olhar para ele, vi que estava sério - não fora uma piada.

- A Virgem entende o mistério da entrega total - continuou ele. - E, por ter amado e sofrido, nos libertou da dor. Da mesma maneira que Jesus nos libertou do pecado.

- Jesus era o filho de Deus. A Virgem foi apenas uma mulher que teve a graça de recebe-lo em seu ventre - ~~eu~~ respondi. Queria consertar a risada fora de hora, queria que soubesse que respeitava sua fé.

- Mas fé e amor não se discutem, principalmente numa linda cidadezinha como esta" , eu disse, encerrando o assunto.

Ele abriu a porta do carro e pegou as duas sacolas. Quando tentei pegar a minha bagagem de suas mãos, ~~mas~~ ele sorriu.

^{eu} - Deixa ~~eu~~ carregar sua sacola - disse.

"Há quanto tempo ninguém me tratava assim", pensei comigo mesma.

Batemos na primeira porta; a mulher di~~z~~ ^{uio} que não alugava quartos. Na segunda porta ninguém ~~sem~~ atender. Na terceira, um velhinho gentil nos recebe^m bem - mas quando olhamos o quarto, só ^{havia} ~~tem~~ uma cama de casal. Eu me recusei .

- Talvez seja melhor irmos para uma cidade maior -

sugiro, quando saimos.

- ~~Pode ter certeza de que~~ ^{consegui} vamos arranjar um quarto -
ele responde: - Voce conhece o exercicio do Outro? ^{Ele}

~~Nunca ouvi falar~~

faz parte de uma historia escrita ha cem anos atras,
cujo autor...

- Esquece o autor, e me conta a historia - ~~eu~~ peço,
enquanto andamos pela unica praça de Saint Sauvin, ~~batendo nas~~
~~portas e não conseguindo nada.~~

~~A tal historia nos fala de~~ Um sujeito que ~~está em um~~
^{encontra} ~~bar,~~ ^{velho} ~~e entra um~~ amigo seu, que vive tentando acertar na vida -
sem resultado. "Vou ter que dar uns trocados para ele", pensa, ~~e~~
sujeito. Acontece que, naquela noite, descobre que ^{seu velho} o amigo ~~já não~~
~~é mais um fracassado. Está rico, tem contratos com varias empre-~~
~~sas e veio pagar todas as dividas que havia contraído no decor-~~
~~rer dos anos.~~

~~(e ele paga bebida para todos os presentes.)~~ ^{Ali todos}

~~"Vão até um bar que costumavam frequentar juntos."~~
~~"Porque na hora que eu saí o bar já não existia."~~
~~Tanto sucesso. O herói da historia então explica~~
~~que é muito simples: descobriu que, até dias atrás, estava viven-~~
~~do o Outro.~~

"- O que é o Outro? - perguntam, ~~se possível~~

"- O Outro é aquele que me ensinaram a ser, mas que não
sou eu. O Outro acredita que ~~tudo é possível, que tudo é difícil,~~
~~mas~~ a obrigação do homem é passar a vida inteira pensando ^{em como}
~~ganhar~~ dinheiro para não morrer de fome quando ~~ficar~~ velho.
~~essa~~ maneira de viver a velhice. Tanto pensa, e tanto faz
~~planos, que só descobre que está vivo quando~~ ^{está próximo do fim} ~~chega lá, e então~~
~~há~~ ^(*) ~~uma vontade e disposição para usufruir dos dias que lhe restam.~~

"Vão até um bar que costumavam frequentar juntos,
ele paga a bebida de todos. Quando lhe indagam a razão
de tanto ^{velho} ~~sucesso~~, responde que

(*) seus dias ~~estão~~ na Terra rotas quase terminando.

" - E voce, quem é?

" - Eu sou o que qualquer um de nós é, ^{se escutar seu coração.} ~~na fundo do seu~~ ^{diante do} ~~coração.~~ Uma pessoa que se deslumbra ^{com o que faz.} ~~com o~~ mistério da vida, que está aberta para os milagres ^{de dia a dia,} ~~de dia a dia,~~ que ^{sente} ~~luta~~ com alegria e entusiasmo. Só que o Outro, com medo de decepcionar-se, não me deixava agir.

" - Mas existe sofrimento - dizem as pessoas no bar.

" - Existem derrotas. Mas ^{ninguém escapa delas. Porisso, é melhor} ~~perder alguns combates na luta por seus sonhos, que ser derrotado~~ ^{verdadeiro guerreiro sabe que a grande vitória é a vitória} ~~verdadeiro guerreiro sabe que a grande vitória é a vitória~~ ^{antes que você entre sem saber porque você está lutando} ~~antes que você entre sem saber porque você está lutando~~ ^{nao da vontade de manejar a espada. Saber a habilidade na proximo combate. Seguer} ~~nao da vontade de manejar a espada. Saber a habilidade na proximo combate.~~

- Só isto? - perguntam as pessoas no bar.

- Sim. Quando descobri ^{isto,} ~~quem eu sou~~ ^{decidido a fazer} ~~o que realmente sempre desejei.~~ ^{seguinte como realmente gostaria de ser.} O Outro ficou ali, no meu quarto, me olhando, ^{mas} ~~sem toda a sua carga de amargura e~~ ^{decepção. Mas} ~~em~~ não o deixei mais entrar - embora ^{ela} ~~ela~~ tenha ^{prometido me avisar} ~~me avisado~~ algumas vezes, me alertando para os riscos ^{de} ~~de~~ não pensar no futuro.

"Mas A partir do momento em que expulsei o Outro da minha vida, a energia Divina operou seus milagres." ~~e a criança que existe em mim me deu mais condições de ter uma velhice tran-~~ ~~quila."~~

#.# -

"Acho que ~~foi~~ ele ~~que~~ inventou esta história. Pode ser ~~uma~~ ^{uma} história bonita, mas não é verdadeira", pensei, enquanto continuavamos procurando um lugar para ficar. Saint Sauvin não

tinha mais que trinta casas, e em breve teríamos que fazer o que eu havia sugerido - ir para uma cidade maior.

Por mais entusiasmo que ele tivesse, por mais que o Outro já estivesse longe de sua vida, os habitantes de Saint Gauvin não sabiam ~~de nada~~ ^{que seu sonho era dormir ali aquela noite, e não iam ajudar em nada}.

Entretanto, enquanto ele contava a história, ~~se~~ parecia estar vendo a mim mesma. Os medos, a insegurança, a vontade de não enxergar tudo o que é maravilhoso - porque amanhã pode acabar, e vamos sofrer.

Existe uma música ~~que diz que~~ ^{Os deuses, nas alturas,} jogam ~~de~~ dados, e não ~~nos~~ perguntam se queremos ~~participar~~ ^{participar} do jogo. ~~Eles são deuses, espectadores de nossas paixões e de nossas decisões.~~

~~Eles~~ Não querem saber se voce deixou um homem, uma casa, um trabalho, uma carreira, um sonho. Os deuses não ligam para o fato de que voce tem uma vida onde cada coisa está em seu canto, onde cada desejo pode ser conseguido com trabalho e persistência. Os deuses não levam em conta os ~~seus~~ ^{noSSOs} planos ~~estas~~ ^{noSSas} esperanças; em algum lugar do universo, eles jogam os dados - e voce, por acaso, é escolhida. A partir daí, ganhar ou perder é uma questão de chance.

Os deuses jogam os dados, e libertam ^{o Amor de sua jaula.} ~~a força da paixão.~~
A força que pode criar ou pode destruir - dependendo ~~apenas~~ da direção que o vento soprava, no momento em que ela saiu da ~~raiva~~ ^{do Deus do Amor} ~~do Deus do Amor~~ ^{prisão.}

Por enquanto esta força estava soprando para ~~seu~~ ^o lado ^{dele.}
Mas os ventos são tão caprichosos como os deuses - e, no mais

profundo do meu ser, eu começava a sentir algumas rajadas de ~~vento~~
vento.

Como se o destino quisesse me mostrar que a história do Outro era verdadeira - e o universo sempre conspira a favor dos sonhadores - encontramos uma casa para ficar. Assim que a dona nos mostrou o quarto

~~Entramos em algumas portas, até encontrar alguém disposto a nos receber~~ - ^o ~~o~~ quarto ^{finha} ~~com~~ duas camas separadas. Minha primeira providência ^{foi} tomar um banho, lavar minha roupa, e colocar a camiseta que havia comprado. Me senti nova - e isto me deixou mais segura.

"Quem sabe, q' Outro q' não gosta desta camiseta", ri para mim mesma.

Depois de jantar com os donos da casa - os restaurantes

Jantamos com os donos da casa: não os hotéis, mas os restaurantes também estavam fechados no outro e no inverno - também os restaurantes estavam fechados durante o outono e o

inverno. Ele devia ter planejado aquela noite sem todo o cuidado, e esqueceu deste detalhe. ~~Por isso, por isso~~

Quase não conversamos enquanto comíamos. O outro tampouco falava, e o jantar decorreu num clima de certa tensão e desconforto. Assim que acabamos, ele pediu uma garrafa de vinho, prometendo comprar outra no dia seguinte.

Vestimos os casacos, pegamos dois copos emprestados, e saímos.

- Vamos sentar na beira do poço - eu disse.

Ficamos ali, bebendo para afastar o frio e a tensão.

- Parece que o Outro voltou a encarnar em você - *brinquei.*
~~eu~~

dizem brincando. - O seu humor piorou.

Ele riu.

- ~~Eu~~ Falei que iam conseguir um quarto, e consegui-

mos. *O Universo sempre nos ajuda a lutar por nossos sonhos, por mais tolos que possam parecer. Porque são nossos sonhos, e só nós sabemos o quanto nos custa sonhá-los.*
A névoa - que o lampião coloria de amarelo - não nos deixava enxergar direito o outro lado da praça. ~~Mãe dava~~

~~momento um toque musical sublime ao momento.~~

Respirei fundo.
O assunto não podia mais ser evitado.

- ~~usa~~ Ficamos de falar de amor - ~~eu~~ continuei. - Não podemos mais evitar. Você sabe como tenho passado estes dias.

"Por mim, este assunto nem teria surgido. Mas - uma vez que surgiu - não consigo ~~mais~~ deixar de pensar nele".

- Amar é perigoso .

- Sei disso - respondi. - Já amei antes. Amar é como uma droga. No começo vem a sensação de euforia, de total entrega. Depois, no dia seguinte, você quer mais. Ainda não se viciou, mas gostou da sensação, e acha que pode mantê-la sob controle.

nela,
"Pensa durante dois minutos, e esquece por tres horas."

"Mas aos poucos, você se acostuma com aquela pessoa, e passa a depender completamente dela. Então pensa por tres horas, e esquece por dois minutos. Se ela não está perto, você experimenta as mesmas sensações que os viciados tem quando não conseguem a droga. Neste momento, assim como os viciados, *roubam e se humilham para conseguir o que precisam,* ~~fazem~~ pelo

~~amor~~ você está disposto a fazer qualquer coisa pelo amor".

- Que exemplo horrível - disse ele.

Era realmente um exemplo horrível, que não combinava ~~me~~ com o vinho, com o poço, com as casas medievais em torno da

pequena praça. Mas era verdade. Se ele tinha dado tantos passos por causa do amor, precisava conhecer ~~os~~ os riscos.

- Porisso, só ~~podemos~~ ^{devemos} amar a quem podemos ter por perto - conclui.

Ele ficou um longo tempo olhando a nevoa. Parecia que não ia mais pedir que navegássemos pelas águas perigosas de uma conversa sobre o amor. Eu estava sendo dura, mas não havia outro jeito.

"Encerramos o assunto",

"Talvez não seja mais preciso falar disso", pensei. A convivência de ~~esses~~ ^{com} tres dias - e ainda por cima, ele me vendo ^{usar} a mesma roupa o tempo todo - ~~podia ter sido~~ ^{foi} suficiente para fazê-lo mudar de idéia. Meu orgulho de mulher sentiu-se ferido, mas o coração ~~começou a bater~~ ^{mais} aliviado.

"Será que eu quero isto mesmo?", pensei. ~~Naquele momento,~~ ^{eu sentisse que seu amor não resistiu a estes tres dias,} ~~minha vida dava tempo de achar que~~ os ventos do amor mudaram de direção

e as tempestades que trazem consigo. Eu já

'Porque eu já começava a sentir suas rajadas. Já ^{notar} começava a ~~reparar~~ um furo na parede da represa.

Ficamos um longo tempo bebendo, ~~axinhado~~ ^{axinhado} sem conversar coisas sérias. Comentamos sobre os donos da casa e o santo que fundou aquele povoado. Ele me ~~falou sobre~~ ^{contou algumas lendas sobre} a igreja do outro lado da pracinha ^{- e que eu conseguia} ~~que mal dava para~~ distinguir, por causa da nevoa.

- Voce está distraída - disse ~~ela~~ a certa altura.

Sim, minha mente estava voando. Gostaria de estar ali com alguém que me deixasse o coração em paz, com alguém com quem pudesse viver aquele momento ~~quando eu não~~ ^{sem medo de} perde-lo ^{no dia seguinte.}

Então o tempo passaria mais devagar, poderíamos ficar em silêncio

já que

- porque teríamos o resto da vida para conversar. Eu não precisaria estar me preocupando com assuntos sérios, decisões difíceis, palavras duras.

(abre página)

Estamos em silêncio - e isto é um sinal. Pela primeira vez estamos em silêncio ~~juntos~~, embora ~~eu~~ só tenha notado isto agora, quando ele se levantou para buscar mais uma garrafa de vinho. ~~Bebe que meu coração sossegou um pouco.~~

Estamos em silêncio. Escuto o ruído dos seus passos voltando até o poço onde estamos juntos há mais de uma hora, bebendo e olhando a névoa.

Pela primeira vez estamos em silêncio de verdade. Não é o silêncio constrangedor do carro, quando viajamos de Madrid para Bilbao. Não é o silêncio do meu coração com medo, quando estava dentro da ~~capela~~ *capela de San Luchin de Uux.*

É um silêncio que fala. Um silêncio que me diz que não precisamos mais ficar explicando coisas um para o outro.

Os seus passos pararam. Ele está me olhando - e deve ser lindo o que está vendo: uma mulher sentada a beira de um poço, numa noite de névoa, a luz de um lampião. } As casas medievais, a igreja do século XI, e o silêncio.

(abre página)

A segunda garrafa de vinho já está quase pela metade, quando resolvo falar.

- Hoje de manhã, eu já estava me convencendo de que sou alcoólatra. Bebo o dia inteiro. Nestes tres dias bebi mais que em todo o ano passado.

Ele passa a mão na minha cabeça, sem dizer nada. Eu sinto seu toque, e ~~não~~ faço nada para afastá-lo.

- Me conta um pouco da sua vida - eu digo pouco.

- Não tem grandes mistérios. Existe o meu caminho, e eu faço o possível para percorrê-lo com dignidade.

- Qual é seu caminho?

- O caminho do ~~amor~~. quem procura o quem encontra seu amor.

Ele fica um momento brincando com a garrafa quase vazia.

- E amor é um caminho complicado - conclui.

- Porque neste caminho, ou as coisas nos levam ao céu, ou nos atiram no inferno - digo, ter certeza de que ~~sem saber se~~ está se referindo a mim.

Ele não diz nada. Talvez ainda esteja mergulhado no oceano do ~~vivendo aquela~~ silêncio, mas o vinho soltou de novo minha língua, e tenho necessidade de falar.

- Você disse que algo aqui nesta cidade, mudou o seu rumo.

- Acho que mudou. Não tenho ainda certeza - e por isso queria trazê-la até ~~estar com você~~ aqui.

- E' um teste?

- Não. E' uma entrega, ~~para~~ ela. Para que me ajude a tomar a melhor decisão.

- Quem?

- A Virgem.

A Virgem. Eu devia ter deduzido. Fico impressionada ao ver como tantos anos de viagens, de descobertas, de novos horizontes, nas ~~o tivessem~~ libertado espiritualmente. ~~trazido de volta ao mesmo lugar~~ libertado →

~~Parece que não se libertou~~ do catolicismo da infância. Pelo menos nisto, eu e nossos amigos havíamos evoluído muito - já não vivíamos mais sob o peso da culpa e dos pecados.

- E' impressionante que, depois de tudo o que voce passou, ainda mantenha a mesma fé.

- Não mantive. Perdi e recuperei.

- Mas em Virgens? Em coisas impossiveis e fantasiosas? Voce não teve uma vida sexual ativa?

- Normal. Me apaixonei por muitas mulheres.

Sinto uma ponta de ciúme, e fico surpresa com minha reação. Mas a luta interior parece ter sossegado, e não quero ^{lutar} a desperta-la.

- ~~Então~~ ^{Por que} porque ela é "A Virgem"? Porque não nos mostram Nossa Senhora como uma mulher normal, igual a todas?

Ele termina com o pouco que ~~ainda~~ resta na garrafa. Me pergunta se quero que vá buscar mais uma, e eu digo que não.

- Quero mesmo é que me responda. Sempre que começamos certos assuntos, voce começa a falar de outra coisa.

- Ela foi normal. Teve outros filhos. A Biblia nos conta que Jesus teve mais dois irmãos,

" A virgindade na conceição de Jesus se deve a outro fato: Maria inicia uma nova era de graça. Ali começa outra etapa. Ela é a noiva cósmica, a Terra - que se abre para o céu, e se deixa fertilizar.

"Neste momento, graças a sua coragem de aceitar o próprio destino, ela permite que Deus venha a terra. E se transforma na Grande Mãe."

Eu não estou conseguindo acompanhar suas palavras. Ele

percebe isto.

rosto feminino de Deus - diz. - Ela tem sua

própria di'vidade. - Ela é a Deusa crápula.

Suas palavras saem tensas, quase forçadas, como se estivesse cometendo um pecado.

- Uma Deusa? - pergunto.

Espero um pouco, para que me explique melhor, mas ele não segue adiante com a conversa. A poucos minutos atrás, eu pensava com ironia no seu catolicismo. Agora, suas palavras me parecem blasfêmia.

- Sou eu quem puxa de novo o assunto.

- Quem é a Virgem? O que é a Deusa?

- E' difícil explicar - diz ele, cada vez mais desconfortável. ~~com o assunto.~~ - ~~Eu~~ Tenho alguma coisa escrita comigo. Se voce quizer, pode ler.

- Não vou ler nada agora, quero que me explique - insisto.

Ele procura a garrafa de vinho, mas ela está vazia. Já não nos lembramos mais do ~~assunto~~ que nos trouxe até poço. Algo ~~mais~~ importante está presente - como se suas palavras tivessem operando algum milagre.

- Continua falando - ~~no~~ torno a insistir.

- Seu simbolo e a água, a névoa a sua volta. A Deusa usa ~~muito~~ a água para se manifestar.

A bruma parece ganhar vida, e transformar-se em algo sagrado - embora ~~eu continue sem~~ ~~meu cansaço~~ entender direito o que ele está dizendo.

- Não quero lhe falar nada de história. ~~continua~~ ~~com~~

Se voce quizer saber a respeito, pode ler no texto que trouxe

comigo. Mas saiba que esta mulher - a Deusa, a Virgem Maria, a Chochmah judaica, a Grande Mãe, Isis, Sofia, serva e senhora - está presente em todas as religiões da Terra. Foi esquecida, foi proibida, foi disfarçada, mas seu culto seguiu de milênio a milênio, e chegou até os dias de hoje.

"Uma das faces de Deus é a face de uma mulher".

Olhei para o seu rosto. Seus olhos brilhavam, e estavam fixos na névoa a nossa frente. Vi que não precisava mais insistir para que continuasse. ~~Palavras~~

- Ela está presente no primeiro capítulo da Bíblia - quando o espírito de Deus paira sobre as águas, e Ele as coloca em baixo e em cima das estrelas. É o casamento místico da Terra com o Céu.

" Ela está presente no último capítulo da Bíblia, quando

o Espírito e a noiva dizem: Vem.

Aquele que ouve diga: Vem.

Aquele que tem sede, venha,

e quem quiser receba de graça a água da vida

- Por que o símbolo da face feminina de Deus é água?

- Não sei . Mas ela geralmente escolhe este meio para se manifestar. Talvez por ser a fonte da vida; somos gerados no meio da água, durante nove meses permanecemos nela.

"A água é o símbolo do Poder da mulher, o poder que nenhum homem - por mais iluminado ou perfeito que seja - pode almejar.

Ele para por um momento, mas logo retoma a conversa.

de
Sou
Virgem

- Em cada religião, e em cada tradição, Ela 69
manifesta de uma maneira - mas sempre se manifesta. Como
católico, consigo enxergá-la quando estou diante da
sua. ~~É o meu caminho e o caminho Dele~~

Me pega pelas mãos, e, em menos de cinco minutos de caminhada, saímos de Saint Sauvin. Passamos por uma coluna na estrada - com algo estranho em cima: uma cruz, e a imagem da Virgem no lugar onde devia estar Jesus Cristo. Lembro de suas palavras, e fico surpresa com a coincidência.

(abre página)

Agora estamos completamente envolvidos pela escuridão e pela bruma. Começo a me imaginar na água, no ventre materno - onde o tempo e o pensamento não existem. Tudo o que ele está dizendo ^{parece fazer} faz sentido, um sentido terrível. Me lembro da mulher se -

hora na conferência. Ele lembrou da moça me levando até a mesa. Também ela dissera que a água era o símbolo da vida.

- Há 20 km daqui existe uma gruta - continua - Em 11 de fevereiro de 1858, uma menina ^{COM} duas outras crianças, juntava lenha ali perto. Era uma ^{garota} ~~menina~~ frágil, asmática, cuja pobreza chegava a beira da miséria. Naquele dia, ^{de inverno,} ~~ela~~ teve medo de atravessar um pequeno riacho; ~~por que ela queria~~ podia se molhar, cair doente, e seus pais precisavam do pouco dinheiro que ganhava como pastora.

"Foi então que uma mulher vestida de branco, com duas rosas douradas nos pés, apareceu. Tratou a menina como se fosse uma princesa, pediu por favor que voltasse ali um determinado número de vezes, e desapareceu. As duas outras crianças, que a tinham visto em transe, logo espalharam a história.

"A partir daí, começou um longo calvário para ^{ela} ~~ela~~
~~ela~~ Foi presa, e exigiram que negasse tudo. Foi tentada com
 dinheiro, para que pedisse favores especiais a Aparição. Nos
 primeiros dias, sua família era insultada em praça pública -
 diziam que ~~ela~~ ^{ela} fazia tudo aquilo para chamar a atenção.

"A menina - que se chamava Bernadette - não tinha a
 menor idéia do que estava vendo. Chamava a tal senhora de "aqui-
 lo", e seus pais, aflitos, foram buscar socorro junto do padre
 da aldeia. O padre sugeriu que, na próxima aparição, ela pergun-
 tasse o nome da tal mulher.

"Bernadette fez o que o padre mandava, mas a resposta
 foi apenas um sorriso. "Aquilo" apareceu um total de 18 vezes, a
 maior parte delas sem dizer nada. Em uma destas vezes, pede para
 que a menina beije a terra. Mesmo sem entender, Bernadette faz o
 que "Aquilo" manda. Um dia, pede para a menina cavar um buraco no
 chão da gruta. Bernadette obedece, e logo surge um pouco de água
 lamacenta - porque ali eram guardado porcos.

(quilo) ← '- Beba esta água - diz a senhora.

"A água está tão suja que Bernadette pega e joga fora
 por tres vezes, sem coragem de levar 'a boca. Mas termina obede-
 cendo, embora repugnada. No lugar onde cavou, mais água começa a
 brotar. Um homem cego de um olho passa algumas gotas no rosto, e
 recupera a visão. Uma mulher, desesperada porque seu filho recém-
 nascido estava morrendo, mergulha o menino na fonte - num dia em
 que a temperatura havia caído abaixo de zero. O menino fica
 curado.

"Aos poucos a noticia se espalha, e milhares de pessoas

começam a acorrer ao local. A menina continua insistindo em saber o nome da senhora, mas ela apenas sorri. Até que, um belo dia, "aquilo" se vira para Bernadette e diz:

"- Eu sou a Imaculada Conceição.

"Satisfeita, a menina vai correndo contar ao pároco.

"- Não pode ser - diz ele -. Ninguém pode ser a árvore e o fruto ao mesmo tempo, minha filha. Vá lá, e jogue água benta nela.

" Para o padre, apenas Deus existe pode existir desde o principio - e Deus, ao que tudo indica, é homem.

Se faz uma longa pausa.

- Bernardette joga água benta em "Aquilo". A Aparição sorri com ternura, nada mais.

"No dia 16 de julho, a mulher aparece pela última vez. Pouco depois disto, Bernadette entra para um convento, sem saber que havia mudado por completo o destino daquela pequena aldeia ao lado da gruta. A fonte continua a jorrar, e os milagres se sucedem.

"A história corre primeiro pela França, e depois pelo mundo inteiro. A cidade cresce, e se transforma. Os comerciantes chegam e começam a ocupar o local. Os hotéis são abertos. Bernadette morre e é enterrada longe dali, sem saber o que está acontecendo.

ja "Algumas pessoas, para colocar (em dificuldades a Igreja - *o Vaticano admite* que a esta altura ~~se aceita~~ as aparições - começam a inventar milagres falsos que depois são desmascarados. A Igreja reage com rigor: a partir de determinada data, só aceita como milagres os fenômenos que são submetidos a uma série de rigorosos exames

feitos por juntas médicas e científicas.

"Mas a água continua a jorrar, e as curas continuam. "

Parece que ~~eu~~ escuto alguma coisa perto de nós. Sinto medo, mas ele não se mexe. A névoa agora tem vida e tem história. Fico pensando em tudo que está dizendo, e na pergunta cuja resposta não entendi: como sabe tudo isto?

Fico pensando na face feminina de Deus. O homem ao meu lado tem a alma cheia de conflitos. ⁶ Há pouco me escreveu dizendo que queria entrar para um seminário católico; Mas acha que Deus tem uma face feminina.

Ele fica quieto. Eu continuo me sentindo no ventre da Mãe Terra, sem tempo e sem espaço. A história de Bernardette parece se desenrolar diante de meus olhos, na bruma que nos envolve.

Então, ele volta a falar:

- Bernardette não sabia duas coisas importantíssimas - diz. - A primeira era que, antes que a religião cristã chegasse aqui, estas montanhas eram habitadas por celtas - e a Deusa era a principal devoção desta cultura. Gerações e gerações entendiam a face feminina de Deus, e compartilhavam de Seu amor e de Sua glória.

- E a segunda?

- A segunda era que, pouco antes de Bernadette ter suas visões, as altas autoridades do Vaticano se reuniram secretamente.

" Quase ninguém sabia o que se passava naquelas reun-

ios - e , com toda certeza, o padre da aldeia de Lourdes não tinha a menor idéia. A alta cúpula da Igreja Católica estava decidindo se devia declarar o dogma da Imaculada Conceição.

" O dogma terminou sendo declarado, através da bula papel *Ineffabilis Deus*. Mas sem esclarecer exatamente, para o grande público, o que isto significava".

(~~perg~~)
- E o que voce tem com tudo isso? - pergunto.

- Eu sou Seu discípulo. Eu tenho aprendido com Ela - *oh, sim*
sabe que me está respondendo duas perguntas também também dizendo a
- Voce a vê? *fonte de tudo o que sabe.*

- Sim.

(abre pag.)

Voltamos para a praça, e cruzamos os poucos metros que nos separam da igreja. Vejo o poço, a luz do lampião, e a garrafa de vinho com os dois copos na borda. " Ali deve ter estado dois *namorados* " ~~antes apaixonados~~, penso. "Em silêncio, enquanto os corações falavam entre si. E depois que os corações disseram tudo, ~~elas~~ começaram a ~~conversar e~~ compartilhar *fos* grandes mistérios".

Mais uma vez, nenhuma conversa sobre o amor terminou acontecendo. Não importa. Sinto que estou diante de algo muito sério, e tenho que aproveitar para entender tudo que puder. Por alguns momentos me lembro dos meus estudos, de Zaragoza, do homem da minha vida que pretendo encontrar - mas isto agora me parece distante, envolvo na mesma bruma que se espalha por Saint Sauvin.

- Por que voce me contou toda esta história de Bernar-dette? - pergunto.

- Não sei o motivo exato - responde ele, sem me olhar

(*o coração significa*
que ela não tem um coração)

direto nos olhos. - Talvez porque estamos perto de Lourdes. Talvez porque depois de amanhã seja o dia da Imaculada Conceição. Talvez porque eu queira lhe mostrar que meu mundo não é tão solitário e louco como pode parecer.

"Outras pessoas fazem parte dele. E acreditam no que estão dizendo."

- Nunca disse que seu mundo é louco. Talvez louco seja o meu: gasto o tempo mais importante da minha vida atrás de cadernos e estudos, que não vão ~~ajudar nada~~. *me fazu sair de um lugar que já conheço.*
Senti que estava mais aliviado: eu o compreendia.

Esperei que continuasse a falar da Deusa, mas se virou para mim:

- Vamos dormir - disse. - Bebemos muito.

terça-feira, 7 de dezembro 1993

parar para p/ 78 - (*)

Quando acordei, a janela estava aberta, e ele olhava as montanhas lá fora. Fiquei alguns minutos sem dizer nada, pronta para fechar os olhos - caso ele virasse a cabeça.

Ele dormira logo, ~~mas~~ Eu fiquei um longo tempo acordada, pensando na neblina, na praça lá fora, no vinho, e na conversa. Li o manuscrito que ~~ele~~ me emprestou, e me senti feliz; Deus, se realmente existisse, era Pai e Mãe. [*]

Depois, apaguei a luz, e fiquei pensando no silêncio junto ao poço. ^{foi} Durante aqueles momentos em que não conversamos,

^{o quanto} não que percebi ~~como~~ ^{que} já estava próxima a ele.

^{Nenhum dos dois havia dito} ~~Ninguém~~ dissera nada. E' desnecessário ^{conversar} ~~estar~~ sobre

amor, porque ^o amor tem sua própria voz, e fala por si próprio.

Naquela noite, a beira do poço, o silêncio ^{permitiu} ~~deixou~~ que nossos corações se aproximassem e se conhecessem melhor. Então, meu coração escutou o que ^{seu} o coração ~~dele~~ dizia, e sentiu-se feliz.

Antes de fechar os olhos, resolvi fazer o que ele chamava de "exercício do Outro".

"Estou aqui neste quarto", pensei. "Longe de tudo que estou acostumada, conversando sobre coisas ^{sobre} as quais nunca ~~me~~ ^{me} grande interessei, e dormindo numa cidade onde jamais havia coloquei ~~cada~~ os pés. Posso fingir - por alguns minutos - que sou diferente".

[*] - Nota do Autor: o texto dos Esclarecidos está no final do livro.

Comecei a ^{me}imaginar ~~amim mesma~~ da maneira que gostaria de estar vivendo aquele momento. Eu ^{gostaria de} queria estar alegre, curiosa, feliz. Vivendo intensamente cada ^{instante} momento, bebendo com sede da água da vida. Confiando novamente nos sonhos. Capaz de lutar pelo que queria.

Amado um homem que me amava.

Sim, esta era a mulher que eu gostaria de ser - e que de repente aparecia, e se transformava em mim.

Senti ^{que a minha alma se inundava com} a luz de um Deus em quem não acreditava mais. E senti que, naquele momento, a Outra ^{- ou uma Deusa -} ~~estava~~ ^{deixava} meu corpo, e sentava-se num canto do pequeno quarto.

Eu olhava a mulher que tinha sido até então: fraca, ^{procurando dar} ~~embora desse~~ a impressão de forte. Com medo de tudo, mas dizendo para si mesma que não era medo - era ^a sabedoria de quem conhece a realidade da vida. Construindo paredes nas janelas por onde ^{penetrava} ~~entrava~~ a alegria do sol - para que seus móveis velhos não ficassem desbotados.

^{Vi} ~~Outra~~ a Outra ~~eu~~ sentada no canto do quarto - frágil, cansada, desiludida com tudo. Controlando e escravizando aquilo que devia estar sempre em liberdade: seus sentimentos. Tentando julgar o amor futuro pelo sofrimento passado.

O amor é sempre novo. Não importa que amemos uma, duas, dez vezes na vida - sempre estamos diante de uma situação que não conhecemos. ^{O amor} ~~Ele~~ pode nos levar ao inferno ou ao paraíso, mas sempre nos leva a algum lugar. É preciso aceita-lo, porque ele é o alimento de nossa existência, ^{Se nos recusamos,} ~~sem~~ morreremos de fome, vendo os galhos da árvore da vida carregados, sem ~~sem~~ coragem de estender

a mão e colher ~~os~~ frutos. E' preciso buscar ^{o amor} onde estiver, mesmo que isto signifique ^{horas, dias, semanas} momentos de decepção e tristeza.
 No momento em que ~~perchamos~~ ^{perchamos} em busca do amor, ele também ~~perchou~~ ^{perchou} ao nosso encontro.
 Porque ~~um dia, o amor sempre nos encontra.~~

E nos salva.

— Quando a Outra se afastou de mim, meu coração ^{voltoei} ~~começou~~ a conversar comigo. ~~Ele~~ ^{Me} contava que o furo na parede do dique deixava passar uma correnteza, os ventos sopravam em todas as direções, e ele estava feliz, porque eu o escutava de novo.

Meu coração me dizia que eu estava apaixonada. E eu dormi ^{contente} ~~feliz~~, com um sorriso nos lábios.

(abrir pagina)
 (*) aqui entra texto da pf 76

Como se percebesse o que estava pensando, ele se voltou e me olhou nos olhos.

- Bom dia - disse.

- Bom dia. Fecha a janela, está entrando muito frio .

A Outra aparecera sem aviso. Ainda tentava mudar a direção do vento, descobrir defeitos, dizer que não, que não era possível. Mas sabia que era tarde.

- Preciso mudar a roupa - eu disse.

- Vou te esperar lá embaixo - ele respondeu.

E ~~então~~ então me levantei, afastei a Outra do ~~meu~~ pensamento, abri de novo a janela, e deixei o sol entrar. O sol que inundava tudo - as montanhas cobertas de neve, o chão coberto de

folhas secas, o rio que eu não via, mas que escutava.

O sol bateu nos meus seios, iluminou meu corpo nu, e eu não sentia o frio lá fora, porque outro calor me consumia - o calor de uma fagulha que se transformava em chama, a chama que se transforma em fogueira, a fogueira que se transforma no incêndio impossível de controlar. Eu sabia.

E queria.

Eu sabia que a partir daquele momento iria conhecer os céus e os infernos, a alegria e a dor, o sonho e a desesperança, e ^{que} não podia mais conter os ventos que sopravam dos cantos escondidos da alma. Eu sabia que a partir daquela manhã o amor me guiava - embora ele já estivesse presente desde a infância, desde quando o vi pela primeira vez. Porque nunca o esqueci - embora tivesse me julgado indigna de lutar por ele. Era um amor difícil, com fronteiras que eu não queria cruzar.

Me lembrei da praça em Soria, do momento em que pedi para que procurasse a medalha que havia perdido. Eu sabia - sim, eu sabia o que ele ia me dizer, e não queria escutar, porque ele era como certos rapazes, que um belo dia vão embora em busca de dinheiro, aventuras, ou sonhos. Eu precisava um amor possível; meu coração e meu corpo estavam ainda virgens, e um príncipe encantado viria me encontrar.

Naquela época ^{eu} pouco entendia de amor. Quando o vi na conferência, e aceitei o convite, julguei que a mulher madura era capaz de controlar o coração da menina que tanto lutou para encontrar seu príncipe encantado. Então ele falou das crianças sempre presentes - e eu voltei a escutar a voz da menina que fui,

da princesa que tinha medo de amar ^{porque tinha medo de perder.}
Durante quatro dias tentei ignorar a voz ^{do meu coração,} ^{mas ela foi ficando} ^{forte,} ^{mais}
forte, deixando a Outra desesperada. ~~mas~~ No canto mais escondido de minha alma, eu ainda existia, e acreditava em sonhos. ~~Is~~
Antes que a Outra dissesse alguma coisa, aceitei a carona, aceitei a viagem, resolvi correr os riscos.

E foi por causa disto - do pouco de mim que sobrava - que o amor tornou a me encontrar, depois de haver me buscado nos quatro cantos do mundo. O amor tornou a me encontrar, embora a Outra tivesse montado uma barreira de ^{preunçaitos, cartegas, e} livros de estudo, numa rua tranquila de Zaragoza.

Abri a janela e o coração. O sol inundou o quarto, e o amor inundou minha alma.

(a blue page.)

Andamos horas seguidas em jejum, caminhamos pela neve e pela estrada, tomamos café da manhã numa cidadezinha que nunca saberei o nome - mas que tem uma fonte, e nesta fonte existe uma escultura onde uma serpente e uma pomba se misturam num único animal.

Ele sorriu ao ver a fonte ^{isso}:

- É um sinal. ~~o~~ Masculino e ~~o~~ feminino unidos num só.

- Nunca havia pensado no que você me falou ontem - eu

^{comentei.}
~~disse.~~ - E, no entanto, é lógico.

- "Homem e mulher Deus o criou" - disse ele, repetindo uma frase do Genesis. - Porque esta era a sua imagem e semelhança: homem e mulher.

Vi que seus olhos tinham outro brilho, ^Festava feliz, e ria de qualquer bobagem. Puxava conversa com as poucas pessoas que encontrava no caminho - lavradores de roupa cinzenta que seguiam para o trabalho, montanhistas de roupas coloridas que se preparavam para escalar algum pico.

Eu ficava quieta, porque meu francês era péssimo; mas minha alma ~~se~~ alegrava ^{se} ao vê-lo assim.

Sua felicidade era tanta, que todos sorriam quando ⁿ conversavam com ele. Talvez seu coração lhe tivesse dito algo, e ~~eu~~ agora sabia que ^{eu} ~~eu~~ amava - embora ainda me comportasse como uma velha amiga de infância.

- Você parece mais contente - eu disse, ^{a certa altura.}

- Porque sempre sonhei em estar aqui com você, andando por estas montanhas, e colhendo os frutos dourados do sol.

"Os frutos dourados do sol". Um verso que alguém es-

crevera há muito tempo, e que agora ele repetia - no momento certo.

- Existe outro motivo para a sua alegria - eu comentei, enquanto voltavamos daquela cidadezinha com a fonte esquisita.

- Qual?

- Voce sabe que estou contente. Voce é responsável por eu estar aqui hoje, subindo montanhas de verdade, longe das montanhas de de cadernos e livros. Voce está me fazendo feliz. E a felicidade é algo que se multiplica quando se divide.

- Voce fez o exercício do Outro?

- Sim. Como voce sabe?

- Porque ^{voce também mudou. E porque} sempre aprendemos este exercício na hora certa.

Minha alma colhia, sem medo, os frutos dourados do sol. Meu coração e minha razão ~~haviam~~ travado uma luta selvagem - e o coração saiu vencedor.

(durante ^{toda} aquela manhã, A Outra me seguiu, Tentava aproximar-se de novo. A cada minuto ~~me parecia~~, porém, sua voz ficava mais baixa, e sua imagem começava a se dissolver. ^{Eu me lembrava} Me fazia ~~me~~ lembrar do final dos filmes de vampiro, quando o monstro se transforma em pó.

Passamos por outra coluna com a imagem da Virgem na cruz.

- Em que voce está pensando? - ~~ele~~ perguntou.

- Em vampiros. Nos seres da noite, trancados em si mesmos, buscando desesperadamente companhia. Mas incapazes de amar.

"Porisso que a lenda diz que apenas uma estaca no coração é capaz de mata-lo; quando isto acontece, o coração desperta, liberta a energia do amor, e destrói o mal.

- ~~Porisso~~ Nunca havia pensado nisto antes, Mas é lógico.

Eu conseguira cravar esta estaca. O coração, liberto das maldições, tomava conta de tudo. A Outra já não tinha mais onde ficar.

Mil vezes senti vontade de segurar sua mão, e mil vezes fiquei quieta, sem fazer nada. Estava um pouco perdida - queria dizer que o amava, e não sabia como começar.

Conversamos sobre as montanhas e sobre os rios. Ficamos perdidos na floresta por quase uma hora, mas tornamos e encontrar a trilha. Comemos sanduiches e bebemos neve derretida. Quando o sol começou a descer, resolvemos voltar para Saint Sauvin.

O som de nossos passos ecoava pelas paredes de pedra. Eu levei instintivamente a mão até a pia de água benta, e fiz o sinal da cruz. Me lembrei do que ele ^{me} havia dito - água é o símbolo da Deusa.

- Vamos até ali - ele disse.

Caminhamos pela igreja vazia e escura, onde um santo - São Sauvin, um ermitão que viveu no começo do primeiro milênio - estava enterrado debaixo do altar principal. ~~Aquelas~~ paredes ^{daquelle} lugar já tinha sido derrubadas e reconstruídas várias vezes.

Certos lugares são assim - ^{podem ser} ~~são~~ arrasados por guerras, perseguições, e indiferença.

Mas permanecem sagrados. Então alguém passa por ali, sente que falta algo, e o reconstrói de novo.

Reparei numa imagem de Cristo crucificado, que me dava uma sensação estranha - tinha a nitida impressão que sua cabeça se movia, me acompanhando. Já ~~vira pinturas assim, cujos olhos seguem quem as contempla, mas era a primeira vez que o notava~~ ~~este efeito numa escultura~~

- Vamos parar aqui.

Estávamos diante de um altar de Nossa Senhora.

- Olha a imagem.

Eu ~~olhava~~ olhava. Maria com o filho no colo. O menino Jesus apontando para o alto. Comentei com ele ~~o~~ o que vi.

- ~~Repare bem~~ Olha ^{com mais atenção,} ~~melhor~~ - insistiu.

~~eu~~ Procurei ver todos os detalhes da escultura de madeira: a pintura dourada, o pedestal, a perfeição com que o artista traçara as dobras do manto. Mas ^{quando ~~eu~~ reparei} ~~foi olhando~~ o dedo do menino Jesus, ^{foi que} ~~eu~~ entendi o que ele queria dizer.

*Passos
feco
para*

Na verdade, embora Maria ^O tivesse em seus braços, era quem a segurava. O braço da criança, levantado para o céu, parecia carregar a Virgem até as alturas. ~~Acordada~~ De volta ~~para~~ a morada de seu Noivo.

- O artista que fez isto, há mais de 600 anos atrás, sabia o que estava dizendo - comentou ele.

Passos soaram no chão de madeira. Uma mulher entrou e acendeu uma vela na frente do altar principal. Ficamos quietos por algum tempo, respeitando o silêncio daquela oração.

"O amor nunca vem aos poucos", pensava comigo mesmo, enquanto o via absorto na contemplação da Virgem. No dia anterior, o mundo tinha sentido sem ^{que} ele. ^{colisava} ^{mesmo}. Agora, eu precisava que estivesse ao meu lado, para poder enxergar o verdadeiro brilho das coisas.

a mulher

Quando ~~ela~~ saiu, ele tornou a falar.

contava a

a face

- O artista ~~sabia~~ ^{contava} a grande Mãe, ~~a~~ Deusa, ~~da~~ ^{a face} ~~Santíssima~~ ^{Trindade} ~~sem a presença feminina~~. ^{misericordiosa de Deus.} Existe uma pergunta que

voce me fez, e que até o momento não consegui responder direito.

"Voce me perguntou: 'onde aprendeu tudo isto?'" ^{e ele já havia respondido. Mas}

ti queri calada.

Sim, eu havia perguntado. ~~Ele falava de revelação~~

das alturas.

- Pois aprendi como ^{este} artista - continuou. - Aceitei o amor ~~da~~ ^{das} ~~Inaculada~~. Me deixei guiar.

"Voce deve se lembrar daquela carta onde eu falava que queria entrar para um mosteiro. Eu nunca lhe contei, mas o fato é que terminei entrando."

Já me lembrei imediatamente da conversa antes da conferência. Meu coração começou a bater mais rápido, e eu procurei fixar meus olhos

~~Eu levei um susto. Mas meus olhos estavam fixos na~~
Virgem. Ela sorria. "Então mas sim. Por favor, me diga que saiu do seminário".

- Já tinha vivido intensamente minha juventude -
sem ligar para meus pensamentos.
continuou ele, - Conhecia outros povos e outras paisagens. Já
havia buscado Deus ~~em diversos lugares~~ pelos quatro cantos da Terra. Já havia me apaixonado
por outras mulheres, e trabalhado para muitos homens, em diversos
ofícios.

Outra pontada. "Preciso tomar cuidado para que a Outra não volte", disse para mim mesmo, ~~mantendo~~ mantendo com os olhos fixos no sorriso da Virgem.

- O mistério da vida me fascinava, e eu queria compreendê-lo melhor. Busquei as respostas onde me diziam que alguém sabia alguma coisa. Estive na Índia e no Egito. Conheci mestres de magia e de meditação. Convivi com alquimistas e sacerdotes.

"E descobri o que precisava descobrir: que a Verdade sempre está onde existir a Fé."

A verdade sempre está onde existe fé. Olhei de novo a igreja a minha volta - as pedras gastas, tantas vezes derrubadas e recolocadas no lugar. O que fazia o homem insistir tanto, trabalhar tanto para reconstruir aquele pequeno templo - num lugar remoto, encravado em montanhas tão altas?

A fé.

- Os budistas estavam com a razão, os hindus estavam com a razão, os índios estavam com a razão, os muçulmanos estavam com a razão, os judeus estavam com a razão. Sempre que o homem seguisse - com sinceridade - o caminho da fé, ele seria capaz de

Unir-se à
~~aproximar-se de~~ Deus, e operar milagres.

"Mas não adiantava apenas saber isto: era preciso fazer
uma escolha. Escolhi a Igreja Católica - porque fui criado nela,
se tivesse nascido judeu, teria escolhido o judaísmo.
Deus é o mesmo, embora tenha mil nomes; mas voce precisa escolher
um nome para chama-Lo."

Outra vez os passos na igreja.

~~Edo~~. Um homem ~~se~~ ^{se} aproximou e ficou nos olhan-
do. Depois foi até o altar central, e retirou os dois candelabros.
Devia ser alguém encarregado de guardar a igreja.

Me lembrei do vigia da outra capela - que não queria
nos deixar entrar. Mas, desta vez, o homem não nos disse nada.

- Hoje a noite tenho um encontro - disse ele, assim que
o homem saiu.

- Por favor, continue o que estava contando. Não mude
de assunto.

- Entrei para um seminário aqui perto. Durante quatro
anos estudei tudo que podia. Neste periodo, fiz contacto com os
as diversas correntes que procuravam abrir portas fechadas há muito tempo.
Esclarecidos, ~~eram~~ os Carismáticos, Descobri que Deus já não era
mais ~~aquele~~ ^o carrasco que ~~me~~ ^{me} assutava na infância. Havia ~~dentro~~
~~da própria igreja~~ um movimento de retorno a inocência original
do cristianismo.

- Ou seja, depois de 2.000 anos, ~~tinham se dado conta~~ ^{entenderam}
~~de~~ que era preciso escutar a criança interior - eu disse, com
certa ironia.

- Voce pode estar brincando, mas é exatamente isto.
Comecei a aprender com um dos superiores do mosteiro. Ele me

ensinava que era preciso aceitar o fogo da revelação, o Espírito Santo.

Meu coração apertava, a medida que ouvia suas palavras.

A Virgem continuava sorrindo, e o menino Jesus tinha uma expressão alegre. Também eu já acreditara nisto um dia - mas o tempo, a idade, e a sensação de que era uma pessoa mais lógica e mais

prática, terminaram por me afastar da religião. *Pensei em como gostava de recuperar aquela fé infantil, que me acompanhava por tantos anos, e*

- O superior me dizia que, se eu acreditasse que sabia, eu terminaria sabendo. *continue. -* Comecei a conversar sozinho, quando estava

na minha cela. Rezei para que o Espírito Santo se manifestasse, e me ensinasse tudo que precisava saber. Aos poucos fui descobrindo

que a medida que falava sozinho, uma ~~outra~~ voz ~~e~~ mais sabia ~~e~~ dizia as coisas por mim.

- Também acontece comigo - disse eu, interrompendo-o.

Ele esperou que eu continuasse. Mas eu não conseguia dizer mais nada.

- Estou escutando - disse ele.

Algo havia travado minha língua. Ele falava coisas belas, eu não podia me expressar com palavras iguais.

- A Outra está querendo voltar - disse ele, como se adivinhasse meu pensamento. - A Outra tem medo de dizer bobagem.

- Sim - respondi, fazendo o possível para vencer o meu medo. - Muitas vezes, quando converso com alguém e me entusiasmo com certo assunto, termino dizendo coisas que nunca pensei antes.

Parece que canalizo uma inteligência que não é minha, e que entende da vida muito mais que eu.

"Mas isto é raro. Geralmente, em qualquer conversa, prefiro ficar escutando. Creio que estou aprendendo algo novo,

() me fizera crer em anjos e milagres. Mas era impossível fazer isso de volta apenas com um ato de vontade. A fé era uma graça, uma bênção.*

embora sempre termine esquecendo tudo."

- Nós somos nossa grande surpresa - disse ele. - A fé do tamanho de um grão de mostarda nos faria mover estas montanhas. Foi isto que aprendi. E hoje me surpreendo, ^{quando escuto com} com o que que ~~falo: também eu escuto as minhas palavras..~~ ^{respeito minhas próprias palavras.}

"Os apóstolos eram pescadores, analfabetos, ignorantes. Mas aceitaram a chama que ^{desce} ~~vinha~~ do céu.

"Não tiveram vergonha da própria ignorância: tiveram fé no Espírito Santo.

" Este dom é de quem quiser aceita-lo. Basta apenas acreditar, aceitar, e não ter medo de cometer alguns erros."

A Virgem sorria na minha frente. Ela teve todos os motivos para chorar - e no entanto sorria.

- Continue o que voce estava contando - eu disse.

- E' isso - respondeu ele. - Aceitar o dom. Então o dom se manifesta.

- A coisa não funciona assim. ~~Au dissa.~~

- Voce não me entende?

- Entendo. Mas sou como todas as outras pessoas: tenho medo. Acho que isto funciona para voce, ou para o vizinho ao lado, mas nunca para mim.

- Um dia isto mudará. Quando voce entender que somos como esta criança que está aí na nossa frente, nos olhando.

- Mas até lá, todos nós vamos achar que chegamos perto da luz, e não conseguimos acender nossa própria chama.

Ele não me respondeu nada.

- Você não terminou a história do seminário - eu disse, depois de algum tempo.

- Eu continuo no seminário. ~~mas~~

E antes que eu pudesse reagir, levantou-se e caminhou para o centro da igreja.

— Eu não me mexi. Minha cabeça dava voltas, sem entender direito o que estava acontecendo. No seminário!

Era melhor não pensar. ~~A~~ a represa se havia rompido, o amor inundava minha alma, e eu não podia mais controlá-lo. Ainda havia uma saída, a Outra - a que era dura porque era fraca, que ~~era tua porque tinha medo~~ ~~era tua porque tinha medo~~ - mas eu já não a queria mais. Não podia mais ver a vida através de seus olhos, agora que aceitara de novo o amor.

Um som interrompeu meu pensamento - um som agudo, longo, como se fosse uma flauta gigantesca. O meu coração deu um salto.

Veio outro som. E mais outro. Olhei para trás: havia uma escada de madeira, que dava em uma plataforma desajeitada, ~~que não combinava com a harmonia e a~~ ~~colocada no meio da beleza fria da pedra.~~ Em cima da plataforma, ~~se~~ podia ver um antigo ~~gelada~~ órgão.

E ele estava lá. Não enxergava seu rosto, porque o lugar era escuro - mas sabia que ele estava lá.

Levantei-me, e ele me interrompeu.

- Pilar! - disse, com a voz cheia de emoção. - Fique onde você está.

Eu obedeci.

- Que a Grande Mãe me inspire - continuou. - Que a

música seja a minha oração ~~desta tarde~~ ^{deste dia.}

^{da tarde,} E começou a tocar a "Ave Maria". Deviam ser seis horas da tarde, a hora do Angelus, a hora em que luz e trevas se misturaram. O som do órgão ecoava pela igreja vazia, se misturava com as pedras e as imagens cheias de histórias e de fé.

(Fechei os olhos, e deixei que a música também se misturasse comigo, lavasse minha alma dos medos e das culpas, me fizesse recordar sempre que eu era melhor do que pensava, mais ^{forte} ~~capaz~~ do que julgava ser.)

Senti uma imensa vontade de rezar, e era a primeira vez que isto acontecia - desde que havia ~~perdido o~~ ^{me afastado do} caminho da fé. Embora sentada no banco, minha alma estava ajoelhada aos pés daquela Senhora à minha frente, a mulher que disse

"sim"

quando podia ter dito não, e o anjo buscaria outra, e nenhum pecado haveria aos olhos do Senhor, porque porque Deus conhece a fundo a fraqueza de seus filhos. Mas ela disse:

"seja feita a vossa vontade"

mesmo quando ~~mas,~~ ^{senti recebera que recebia} junto com as palavras do anjo, toda a dor e sofrimento do seu destino, ^{e os olhos do seu coração puderam ver} o filho amado saindo de casa, ~~ver~~ as pessoas que o seguiam e depois o negavam, mas

"seja feita a vossa vontade"

mesmo quando, no momento mais sagrado da vida de uma mulher, teve que se misturar aos animais de um estábulo para dar luz, porque assim queriam as Escrituras,

"seja feita a vossa vontade"

mesmo quando, aflita, procurava seu menino pelas

ruas, o encontrou no templo, e ele pediu que não o atrapalhasse, porque precisava cumprir outros deveres e outras tarefas,

"seja feita a vossa vontade"

mesmo sabendo que continuaria a busca-lo pelo resto de seus dias, com o coração transpassado pelo punhal da dor, temendo a cada minuto por sua vida, sabendo que ele estava sendo perseguido e ameaçado,

"seja feita a vossa vontade"

mesmo que, ao encontra-lo no meio da multidão, não tenha conseguido chegar perto,

"seja feita a vossa vontade"

mesmo que, quando pediu a alguém para avisá-lo que ela estava ali, o filho tenha mandado dizer que "minha mãe e meus irmãos são estes que estão comigo",

"seja feita a vossa vontade"

mesmo que todos tenham fugido, e só ela, outra mulher, e um deles tenha ficado aos pés da cruz, aguentando ^{o riso} ~~os sacudimentos~~ dos inimigos e a covardia dos amigos,

"seja feita a vossa vontade".

Seja feita a vossa vontade, Senhor. Porque Tu conheces a fraqueza do coração dos teus filhos, e só entregas a cada um o fardo que ~~pode~~ carregar. Que Tu entendas meu amor - porque ele é a única coisa que tenho de realmente meu, a única coisa que poderei carregar para a outra vida. Faz com que ele se conserve corajoso e puro, capaz de continuar vivo, apesar dos abismos e das armadilhas do mundo.

—

O órgão ficou em silêncio, e o sol se escondeu atrás das montanhas - como se ambos fossem regidos pela mesma Mão. Sua prece fora ouvida, a música tinha sido sua oração. Eu abri os olhos, e a igreja estava completamente escura - exceto pela vela solitária, que iluminava a imagem da Virgem.

Escutei de novo seus passos, voltando até onde eu estava. A luz daquela ^{única} vela iluminou minhas lágrimas e meu sorriso - que, embora não fosse tão belo como o sorriso da Virgem, mostrava que meu coração estava vivo, que ainda era capaz de amar.

Ele ficou me olhando, e eu o olhava. Minha mão procurou a ^{sua} ~~mão dele~~, e a encontrou. Senti que agora era o seu coração que batia mais rápido - eu quase podia escuta-lo, porque estávamos de novo em silêncio.

Minha alma, porém, estava tranquila, e meu coração em paz.

Segurei sua mão, e ele me abraçou. Ficamos ali aos pés da Virgem, durante um tempo que não sei precisar, porque o tempo havia parado.

Ela nos olhava. A jovem camponesa que dissera "sim" ao seu destino. A mulher que aceitou levar no ventre o filho de Deus, e no coração o amor da Deusa. Ela era capaz de compreender, ~~que era o amor~~.

Porque ela havia amado além da própria compreensão.

Eu não queria perguntar nada. Bastavam os momentos ~~que~~ passados na igreja, aquela tarde, para justificar toda aquela viagem. Bastavam os ^{quatro} dias ^{com ele} ~~que passamos juntos~~, para justificar todo aquele ano onde nada de especial tinha acontecido.

O amor não responde a perguntas: confiamos ou não confiamos, isto é tudo. Ele nos faz atravessar a porta do Rigor e da Misericórdia, nos leva adiante - e precisamos segurar ~~na~~ sua mão com firmeza, senão escorregarmos. O amor é a luz do mundo, e a escuridão do desconhecido.

Por isso eu não queria perguntar nada. Saimos da igreja de mãos dadas, e voltamos ao quarto. Minha cabeça dava voltas - seminário, a grande Mãe, o encontro que ele teria aquela noite. ~~Iria me convidar para ir?~~

Então me dei conta de ~~como haviamos passado todos estes dias: um ao lado do outro. Almas presas no mesmo destino.~~ ^{que, tanto eu quanto ele, queríamos} ^{trazer novas almas no mesmo destino.}

Mas existia um seminário na França, existia Zaragoza. Meu coração apertou.)

Olhei as casas medievais, o poço da noite anterior. Me lembrei do silêncio e do ar triste da Outra mulher que eu fora um dia.

"Deus, estou tentando recuperar minha fé. Não me abandone no meio de uma história como esta", eu pedi, ^{afastando} ~~e afastando~~ ~~qualquer outro pensamento.~~ o medo.

(abrir página)

Ele dormiu um pouco, e de novo fiquei acordada, olhando

o recorte escuro da janela. Acordamos, jantamos com a família que nunca conversava na mesa, e ele pediu a chave da casa.

- (Vamos voltar tarde Hoje) - disse para a mulher.

- Jovens ^{precisam} ~~tem~~ que se divertir - respondeu ela. - E aproveitar os feriados da melhor maneira possível.

(abus pafina)

- Tenho que perguntar uma coisa - eu disse, assim que entramos no carro. - Tent~~a~~ evitar, mas não consigo.

- O seminário - ele disse.

- E' isto. Não compreendo.

"Embora não tenha mais importância compreender nada", pensei. Mas fiquei quieta.

-Eu sempre te amei - começou ele. - Tive outras mulhe-
res, ~~conheci outras paixões~~, mas sempre te amei. Carregava a medalha comigo, pensando que um dia tornaria a entrega-la, com a coragem de dizer "te amo".

"Todos os caminhos do mundo me levavam de volta a voce. Escrevia as cartas, e abria com medo cada resposta - porque, em uma delas, voce podia me dizer que havia encontrado alguém.

"Foi quando

~~então~~ eu senti o chamado para a vida espiritual. Ou melhor, aceitei o chamado, porque ~~eu~~ ^{assim} como voce ^{ja} estava presente desde minha infância. Descobri que Deus era importante demais na minha vida, e que eu não seria feliz se não seguisse minha vocação. A face de Cristo estava em cada uma ~~das pessoas~~ ^{dos} pobres que encontrei no mundo, e eu não podia deixar de ve-la".

Ele parou de falar, e eu resolvi não insistir.

Vinte minutos depois, ele parou o carro e descemos.

- Estamos em Lourdes - disse. - Voce precisa ver isto aqui no verão.

Tudo que via eram ruas desertas, lojas fechadas, hotéis com grades de aço sobre a porta principal.

- Seis milhoes de pessoas vem aqui no verão - continuou, entusiasmado.

- Para mim, parece uma cidade-fantasma.

Atravessamos uma ponte. Diante de nós, um imenso portão de ferro - ladeado por anjos - tinha um dos seus lados abertos. E

Nós entramos.

- Continue o que voce estava dizendo - ~~eu disse~~ ^{pedi}, mesmo tendo decidido pouco antes que não ia insistir. - ~~de~~ ^{Fale} da face de Cristo.

Percebi que ele não queria seguir adiante com a conversa. Talvez não fosse o lugar nem o momento. Mas agora que havia começado, precisava terminar.

Começamos a andar por uma imensa avenida, ladeada por campos coberto de neve. Ao fundo eu ~~via~~ ^{notava} a silhueta de uma ^{imensa} ~~cate-~~ dral.

- Continue - ~~eu disse mais uma vez.~~ ^{repeti.}

- Voce já sabe. Entrei para o seminário. Durante o primeiro ano, pedi que Deus me ajudasse a transformar ^{meu} amor ~~que~~ eu ~~tinha~~ por voce, num amor por todos os homens. No segundo ano, senti que Deus estava me escutando. No terceiro ano, embora a saudade ainda fosse muito grande, eu já tinha a certeza de que

este amor estava se transformando em caridade, oração, e ajuda aos necessitados. "

- Então por que ~~você~~ tornou a me procurar? Por que acendeu de novo em mim este fogo? Por que me contou o exercício da Outra, e me fez ver como eu era mesquinha com a vida?

Minhas palavras saíam confusas, trêmulas. A cada minuto que passava, eu o via mais perto do seminário, e mais longe de mim.

- Por que voce voltou? Por que só me conta esta história hoje, quando vê que estou começando a ~~me~~^{lhe} amar?

Ele demorou um pouco antes de responder.

- Voce vai achar tolice - disse.

- Não vou achar tolice. Não tenho mais medo de parecer ridícula. Voce me ensinou isto.

- Há dois meses atrás, meu superior pediu para acompanhá-lo até a casa de uma mulher que havia morrido e deixado todos os seus bens para nosso seminário. Ela morava em Saint Sauvin, e meu superior devia fazer um inventário de suas coisas.

A catedral, no fundo da avenida por onde caminhávamos, se aproximava a cada instante. Minha intuição dizia que, assim que chegassemos ali, qualquer conversa seria interrompida.

- Não pare - eu disse. - Mereço uma explicação.

- Eu me lembro o momento em que entrei naquela casa. ~~eu~~
~~continuou ele~~ As janelas davam para as montanhas dos Pirineus, e a claridade do sol, aumentada pelo brilho da neve, se espalhava por todo o ambiente. Comecei a fazer uma lista das coisas, mas

em poucos minutos havia parado.

"Descobri que o gosto daquela mulher era exatamente igual ao meu. Ela possuía discos que eu teria comprado, com as músicas que eu também gostaria de ouvir olhando a paisagem lá fora. As estantes tinham muitos livros - alguns que eu já ~~tinha~~ ^{havia} lido, outros que certamente gostaria de ler. Reparei nos móveis, nos quadros, nos pequenos objetos espalhados; era como se eu os tivesse escolhido.

"A partir daquele dia, não consegui mais deixar de pensar naquela casa. Cada vez que entrava na capela para orar, me lembrava que ~~a~~ ^o minha renúncia não havia sido completa. Eu me imaginava ~~ao seu lado~~, ^{ali com você}, morando em numa casa igual aquela, ouvindo aqueles discos, ~~olhando~~ ^{vendo} a neve na montanha e o fogo na lareira. Eu imaginava nossos filhos correndo pela casa e brincando nos campos em volta de Saint Sauvin".

Embora ~~eu~~ ^{eu} nunca tivesse entrado naquela casa, ~~eu~~ sabia exatamente como ~~ela~~ era. E desejei que ele não dissesse mais nada, para poder sonhar.

Mas ele continuou:

- Há duas semanas atrás, não consegui aguentar a tristeza da minha alma. Procurei meu superior, contei tudo que se passava comigo. Conte a história de meu amor por ^{voce}, e do que havia sentido quando ~~entreei naquela casa~~. ^{fui fazer o inventário}.

Uma chuva fina começou a cair. Eu abaixei a cabeça, e fechei mais o casaco. Tinha medo de ouvir o resto.

- Então meu superior me disse: 'há muitas maneiras de servir ao Senhor. Se voce acha que este é seu destino, vá em busca dele. Só quem é feliz pode espalhar felicidade.'

"- Não sei se este é o meu destino - respondi ao meu superior. - Encontrei a paz no meu coração, quando resolvi entrar para este mosteiro.

" - Então, vá até lá, e tire toda e qualquer dúvida - disse ele. - Permaneça no mundo, ou volte para o seminário. Mas você tem que estar inteiro no lugar que escolher. Um reino dividido não resiste as investidas do Adversário. Um ser humano dividido não consegue enfrentar a vida com dignidade."

Ele enfiou a mão no bolso e me deu algo. Era uma chave.

- Meu superior me emprestou a chave da casa. Disse que podia esperar um pouco, antes de vender os objetos. Sei que queria que eu voltasse lá com você.

"Foi ele quem arranjou a palestra em Madrid - para que tornássemos a nos encontrar.

Eu olhei para a chave em sua mão. E apenas sorri. Dentro do meu peito, entretanto, ~~eu sentia~~ ^{era} como se sinos tocassem, e o céu se abrisse. Ele serviria a Deus de outra maneira - ao meu lado. Porque eu iria lutar por isto.

O amor nos dá forças para tarefas impossíveis.

- Pegue esta chave - disse ele.

Eu estendi a mão, e guardei-a no bolso.

-

A basílica agora já estava diante de nós. Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, alguém o viu e veio cumprimentá-lo. A chuva ^{final} caía insistentemente, e eu não sabia quanto tempo iam ficar ali; a cada instante me lembrava que tinha apenas uma roupa, e não podia ficar ~~molhada~~ molhada.

Tentei me concentrar nisto. Não queria pensar na casa, ^{nas coisas} ~~e em tudo~~ que estavam suspensas entre o céu e a terra, esperando a mão do destino.

~~Mas não conseguia pensar em outra coisa.~~

Ele me chamou, e me apresentou a algumas pessoas. Perguntaram onde estávamos, e quando ele ^{citou} ~~falou de~~ Saint Sauvin, alguém disse que ali estava enterrado um santo eremita. ^{Disseram} ~~contou~~ ~~de~~ ~~ter~~ ~~da~~ que foi ele quem descobriu o poço no meio da praça - e que a idéia original da cidade era criar um refúgio para os religiosos que abandonavam a vida das cidades e iam para as montanhas a procura de Deus.

- Eles ainda estão lá - disse outro.

Cu não sabia se esta história era verdade, e não sabia quem eram "eles".

Outras pessoas foram chegando, e o grupo se dirigiu para a frente da gruta. Um homem mais velho tentou me dizer alguma coisa em francês. Ao ver que eu não entendia direito, mudou para um espanhol arrastado:

- Você está com uma pessoa muito especial - disse. - Um homem que faz milagres.

Eu não respondi nada. Ele não me dissera ~~isto~~, e não me interessava. ^{Meu pensamento estava comento} ~~Eu estava pensando~~ numa casa, que sabia exatamente como ^{era} ~~dever~~ ser. Quais os livros, os discos, qual a paisagem e a decoração.

Em algum lugar do mundo, uma casa de verdade estava esperando por nós, algum dia. Uma casa onde eu aguardaria tranquila sua chegada. Uma casa, onde podia esperar por uma menina ou um menino que voltava do colégio, enchia o ambiente com sua alegria, e não deixava nada no lugar onde havíamos colocado.

mas me lembrei da noite em Bilbao, quando um homem desesperado li era movido-lo.

onde havia ido, e isto

O grupo caminhou em silêncio, debaixo da chuva até que chegamos finalmente no local das aparições. Era

O ~~local era exatamente~~ ^{exatamente} como eu imaginava: a gruta, a imagem de Nossa Senhora, e uma fonte - protegida por um vidro - onde o milagre da água acontecera. Alguns peregrinos rezavam, ~~debaixo da chuva~~ ^{mas} outros estavam sentados dentro da gruta, em silêncio, com os olhos fechados. Em frente a gruta corria um rio e o som de suas águas me tranquilizou. Ao ver a imagem, fiz uma rápida prece; pedi a Virgem que me ajudasse, porque meu coração não precisava sofrer mais.

"Se a dor tiver que vir, que venha rápido", eu disse. "Porque ~~eu~~ tenho uma vida pela frente, e preciso usa-la da melhor maneira possível. Se ele tem que fazer alguma escolha, que faça logo. Então eu o espero. Ou o esqueço.

"Esperar dói. Esquecer dói. Mas não saber que decisão tomar é o pior dos sofrimentos".

No íntimo do meu coração, senti que ela escutara meu pedido.

quarta -feira, 8 de dezembro 1993

Quando o relógio da basílica tocou a meia-noite, o grupo a nossa volta havia crescido bastante. Eramos quase cem pessoas, entre elas alguns sacerdotes e freiras, parados debaixo da chuva, olhando a imagem.

- Salve Nossa Senhora da Imaculada Conceição! - disse alguém perto de mim, assim que as badaladas do relógio terminaram de soar.

- Salve! - responderam todos, ~~ordenam~~ ^{com} uma salva de palmas.

Um guarda imediatamente se aproximou e pediu que não fizessemos barulho. Estávamos incomodando os outros peregrinos.

- Viemos de longe - disse um senhor de nosso grupo.

- Eles também - respondeu o guarda, apontando para outras pessoas que ^{rezavam} ~~estavam~~ na chuva. - E estão rezando em silêncio.

Torci em para que o guarda terminasse aquele encontro. Queria estar sozinha com ele, longe dali, segurando ^{em} suas mãos e dizendo o que sentia. Precisávamos conversar ~~conversar~~ sobre a casa, ^{fazer planos, falar de amor. Eu precisava}

~~Eu tinha que demonstrar melhor o meu amor,~~ tranquiliza-lo, ^{demonstrar mais o meu afeto,} dizer que poderia realizar seu sonho - porque ^{estava} ~~ficava~~ ao seu lado, ~~ela~~ ajudando-o.

Mas o guarda logo se afastou. Um dos sacerdotes de nosso grupo começou a puxar o terço, em voz baixa. Quando ~~for~~ ^{chegamos} ~~chegamos~~ ^{chegamos} Credo, todos ficaram quietos, de olhos fechados.

- Quem são estas pessoas? - ~~eu~~ perguntei.

- Carismáticos - ele disse.

Já havia escutado esta palavra, mas não sabia exatamente o que era. Ele ~~notou~~ percebeu, ~~que eu não havia entendido~~ ~~direito~~.

- São as pessoas que aceitam o fogo do Espírito Santo - disse. - O fogo que Jesus deixou, e onde poucos acenderam suas velas. São pessoas que estão próximas da verdade original do cristianismo, quando todos podiam operar milagres.

" São pessoas guiadas pela Mulher Vestida de Sol" - disse, apontando com os olhos para a Virgem.

O grupo começou a cantar baixinho, como se obedecesse a um comando invisível.

- Você está tiritando de frio. Não precisa participar - disse ele.

- Você fica?

- Eu fico. Isto é a minha vida.

-Então eu quero participar - ^{respondu,} disse eu, embora preferindo estar longe dali. - Se este é o seu mundo, quero ~~aprender a~~ fazer parte dele.

O grupo continuou a cantar. Fechei os olhos, e procurei seguir a música, mesmo sem falar, ^o frances direito. Repetia as palavras ~~como elas me soavam~~ sem entender o seu significado. Mas isto me ajudava a ^{fazer} ~~passar~~ o tempo / ^{para} ~~e fazia a separação~~ mais rápido. ^{apenas pelo som.} ~~menos sofrida.~~

~~Em algum momento,~~ Aquilo iria terminar. ^{logo.} Então podíamos voltar para Saint Sauvin, só nós dois.

~~Mesmo a medida que cantava, uma estranha força tomava conta de mim me hipnotizava.~~ O frio foi passando, e eu já não

Continuava cantando mecanicamente. Aos poucos, fui percebendo que a música tomava conta de mim, como se tivesse sido própria a fazer o papel de um hipnotizador.

ligava mais para chuva - e para o fato de ~~ter~~ ter uma ^{so} roupa. A música me fazia bem, alegrava meu espirito, me ~~fez~~ ^{levava de volta} a uma época em que Deus estava mais próximo, e me ajudava mais.

Quando já estava quase ~~entregue~~ ^{me entregando por completo} por completo, a música cessou.

Eu ~~abri~~ ^{abri} os olhos. Desta vez não era o guarda, mas um padre. Ele se dirigia a um sacerdote do grupo. Conversaram um pouco em voz baixa, e o padre se afastou.

O sacerdote virou-se para nós.

- Teremos que fazer nossas orações do outro lado do rio - disse.

Em silêncio, ~~começamos~~ ^{começamos} caminhar ^{os} para o local indicado. Cruzamos a ponte que fica quase em frente a gruta, e fomos para a outra margem. O local era mais bonito: árvores, um descampado, e o rio - que agora estava entre nós e a gruta. Dali podíamos ver claramente a imagem iluminada, ^{e podíamos soltar melhor nossa voz,} ~~sem a desagradável sensação de estar atrapalhando a oração dos outros.~~

Esta impressão deve ter contagiado todo o grupo: as pessoas começaram a cantar mais forte, levantaram o rosto para o alto, e sorriam com os pingos de chuva que escorriam por suas faces. Alguem ~~levantou~~ ^{levantou} os braços, e - no minuto seguinte - todos tinham os braços levantados, balançando-os de um lado para o outro, ao ritmo da música.

Eu lutava para me entregar - ^{foi} ao mesmo tempo ~~em que~~ queria prestar atenção no que estavam fazendo. Um sacerdote cantava em espanhol ao meu lado, e ~~eu~~ ^{eu} comecei a tentar repetir suas palavras. Eram invocações ao Espirito Santo, ^e 'a Virgem - para que estivessem presentes, e derramassem suas bênçs, e seus

100

poderes sobre cada um.

- Que o dom das línguas desça sobre nós - disse outro sacerdote, repetindo a frase em espanhol, italiano e francês.

~~Eu~~ Não consegui entender direito o que aconteceu a seguir. Cada uma daquelas pessoas começou a falar uma língua que não fazia parte de nenhum idioma conhecido. Era mais um barulho do que uma língua, com palavras que pareciam ^{vir} ~~sair~~ direto da alma, sem nenhum sentido lógico. Me lembrei rapidamente de nossa conversa na igreja, quando ele me falou da revelação - de que toda a sabedoria ^{consistia} ~~estava em~~ escutar a própria alma.

"Talvez esta seja a linguagem dos anjos", pensei, tentando imitar o que faziam - ~~me~~ ^e me sentindo ridícula.

Todos tinham olhavam para a Virgem do outro lado do rio, ^{parecendo} ~~pareciam~~ estar em transe. Eu o procurei com os olhos, e vi que estava um pouco distante de mim. Tinha as mãos levantadas para o céu, e dizia também palavras rápidas, como se conversasse com Ela. Sorria, concordava, e as vezes fazia expressões de surpresa.

"Este é o seu mundo", pensei.

Aquilo começou a me assustar. O homem que eu queria ao meu lado ^{dizia que Deus também era mulher.} falava línguas incompreensíveis, entrava em transe, e parece estar próximo dos anjos. A casa na montanha começou a parecer menos real, como se fizesse parte de um mundo que ele já havia deixado ^{para trás há.}

Todos aqueles dias - desde a conferência em Madrid - me pareciam ^{ser} ~~fazer~~ parte de um sonho, uma viagem para fora do tempo e do espaço da minha vida. Entretanto, o sonho tinha o sabor de mundo, de romance, de novas aventuras. Por mais que eu resis-

tisse, ^{ar} sabia ^{que} ~~desde o principio que ia acabar me entregando~~ e ia apenas uma questao de tempo até que eu deixasse

porque o vento sopra e a agua corre. destrui as paredes da represa. (*)
Mas ali estava algo que ~~eu~~ não conseguia entender. Não

era este o catolicismo que me haviam ensinado no colégio. Não era assim que eu via o homem da minha vida.

"Homem da minha vida; que estanho", disse para mim mesma, surpresa com meu pensamento.

Diante do rio e da gruta, senti medo e ciúme. Medo ^{todo aquilo era} porque ~~estava diante de algo novo,~~ ^{para mim, e o que é novo sempre} ~~que me assustava.~~ Ciúme porque, aos poucos, ~~eu~~ estava entendendo que seu amor era maior do que eu pensava, ~~e~~ se espalhava por terrenos que eu jamais havia pisado.

"Me perdoa, Nossa Senhora", eu disse. "Me perdoa se estou sendo mesquinha, pequena, disputando a exclusividade do amor deste homem." E se ^{eu} ~~a~~ vocação ~~dele~~ fosse realmente sair do mundo, ~~e~~ trancar-se no seminário, ^e ~~para~~ conversar com os anjos?

Por quanto tempo resistiria antes de deixar a casa, os discos e livros, e retornar ao seu verdadeiro caminho? Ou, mesmo que nunca mais voltasse ao seminário, ^{que eu precisava pagar para} qual seria o preço ~~de~~ mante-lo afastado de seu verdadeiro sonho?

Todos pareciam estar concentrados no que faziam, menos eu. Tinha os olhos fixos nele, e ele falava a lingua dos anjos.

— O medo e o ciúme foram substituidos pela solidão. Os anjos tinham com quem conversar, e eu estava só.

Não sei o que me empurrou a tentar falar aquela lingua estranha. Talvez a necessidade imensa de me encontrar com ele, dizer o que estava sentindo. Talvez porque precisava deixar que minha alma conversasse comigo - meu coração tinha muitas duvidas,

(*). Por menos que estivesse disposta a isto no principio, ^{eu} ja havia amado antes, e ~~sabes~~ ^{eu} sabia como lidar com a situação ^{Julgava saber}

e precisava de respostas.

~~Eu~~ Não sabia exatamente o que fazer; a sensação de ridículo era muito grande. Mas ali estavam homens e mulheres de todas as idades, sacerdotes e leigos, noviços e freiras, estudantes e velhos. Aquilo me deu coragem, e eu pedi ao Espírito Santo que me fizesse vencer a barreira do medo.

"Tente", disse para mim mesma. "Basta abrir a boca e ter coragem de dizer coisas que voce não entende. Tente".

Resolvi tentar. Mas antes, pedi que aquela noite - de um dia tão longo, que eu nem conseguia me lembrar direito quando ~~tinha~~ ^{havia} começado - fosse uma Epifania, ^{um novo começo} para mim.

Deus parecia ter me escutado. As palavras começaram a sair mais livres - e (aos poucos foram) perdendo o significado da língua dos homens. A vergonha diminuiu, a confiança aumentou, ~~Então~~ a língua começou a fluir livremente. Mesmo que não entendesse nada do que estava dizendo, aquilo fazia sentido para minha alma.

O ^{simples} fato de ter coragem ^{suficiente para} dizer coisas sem sentido começou a me deixar eufórica. Eu era livre, não precisava buscar ou dar explicações ~~de~~ meus atos. Esta liberdade me levava até o céu - onde um Amor Maior, que tudo perdoa, e jamais se sente abandonado, me acolhia de volta.

"Parece que minha fê está voltando", pensava, surpresa com todos os milagres que o amor pode fazer. ^{Eu sentia} ~~Gemei~~ a sentir a Virgem ao meu lado, me segurando no colo, me cobrindo e me esquentando com o seu manto. As palavras estranhas saiam cada vez mais rápido da minha boca.

Comecei a chorar sem perceber. A alegria invadia meu ^{coração,} ~~peito,~~ me inundava. Era mais forte que ^{(que as minhas atezas mesquinhas,} que os medos) que a tentativa de controlar cada segundo de minha vida.

Sabia que aquele pranto era um dom, porque no colégio de freiras me ensinaram que os santos choravam no extase.. Abri os olhos, ^{Contemplei} o céu ~~cinzento~~ ^{escuro,} e senti ~~as~~ ^{minhas} lágrimas misturando-se com a chuva. A terra ^{estava} ~~parecia estar~~ viva, a água que vinha de cima trazia de volta o milagre das alturas. Nós eramos parte deste milagre.

- Que bom, Deus pode ser Mulher - disse em voz baixa, enquanto os outros cantavam. - ~~Se for assim, ela entende~~ ^{me} ~~o amor.~~ ^{Se for assim, foi sua face feminina que nos ensinou a amar.}

#

- Vamos rezar em tendas de oito - disse o sacerdote, em espanhol, italiano, e frances.

De novo fiquei desorientada, sem entender direito o que estava acontecendo. Alguém se aproximou de mim, e passou seu braço por cima do meu ombro. Outra pessoa fez o mesmo do outro lado.

Formamos um círculo de oito pessoas, todos abraçados. Então, nos inclinamos para a frente, e nossas cabeças se tocaram.

Parecíamos uma tenda humana. A chuva havia aumentado um pouco, mas ninguém ~~parecia ligada.~~ ^{parecia ligada.} A posição em que estávamos concentrava todas as nossas energias, ^{e o sono calor.}

- Que a Imaculada Conceição ajude meu filho, e faça com que encontre seu caminho - disse a voz do homem que me havia abraçado do lado direito. - Peço que rezemos uma ave-maria para o meu filho.

- Amén - responderam todos. E as oito pessoas rezaram a ave-maria.

- Que a Imaculada Conceição me ilumine, e desperte em mim o dom da cura - disse a voz de uma mulher em nossa "tenda". - Rezem os uma ave-maria.

De novo todos disseram "amén", e rezaram. Cada pessoa fez um pedido, e todos ~~participavam~~ ^{participavam com as orações.} ~~participavam~~ ^{participavam com as orações.} Eu me sentia surpresa comigo mesma, porque estava orando como uma criança - e, como uma criança, acreditando que ~~os pedidos seriam atendidos~~ ^{aquelas graças seriam alcançadas.}

O grupo ficou em silêncio por uma fração de segundo. Vi que era chegada a minha vez de pedir qualquer coisa. Em qualquer outra circunstância, eu teria morrido de vergonha - sem conseguir dizer nada. Mas havia uma Presença, e esta presença me dava confiança.

- Que a Imaculada Conceição me ensine a amar como ela - eu disse. - Que este amor faça crescer a mim e ao homem a quem ~~foi~~ ^{foi} dedicada. Rezem os uma ave-maria.

Rezamos juntos, e veio de novo a sensação de liberdade. Durante anos eu lutara contra ~~o amor~~ ^{meu coração,} - porque tinha medo da ~~do~~ ^{Tristeza,} do sofrimento, do abandono. Sempre soubera que o verdadeiro amor estava acima de tudo isto, e que era melhor morrer/do que deixar de amar.

Mas achava que apenas os outros tinham coragem. E agora, neste momento, descobria que eu também era capaz de ~~amar~~ ^{amar.} Mesmo que ~~isto~~ ^{isto} significasse partida, solidão, ~~o~~ ^o amor valia cada centavo do seu preço. ^{Tristeza,}

///

"Não posso ficar pensando nestas coisas, tenho que me concentrar no ritual", ~~disse para mim mesma~~. O sacerdote que conduzia o grupo pediu que as tendas fossem desfeitas, e que agora crássemos pelos doentes. As pessoas rezavam, cantavam, dancavam na chuva, adorando ~~se~~ ~~continuavam a adorar~~ a Deus e a Virgem Maria. Volta e meia, todos voltavam a falar linguas estranhas, e a balançar os braços ~~para~~ apontando ~~para~~ para o céu.

- Alguém que está aqui, e que tem uma nora doente, saiba que ela está sendo curada - disse uma mulher, em determinado momento.

As orações voltavam, e voltavam os cantos e a alegria. De vez em quando, ouvia-se de novo a voz daquela mulher.

- Alguém deste grupo, que perdeu a mãe recentemente, deve ter fé e saber que ela está na glória dos céus - dizia.

Mais tarde ~~viu a saber~~ ele me disse que este era o dom da profecia, que certas pessoas eram capazes de pressentir o que estava acontecendo num lugar distante, ou o que ia acontecer em pouco tempo.

Mas, mesmo que nunca soubesse isto,, eu acreditava na força da voz que falava de milagres. Esperava que ela, em algum momento, comentasse sobre o amor de duas pessoas ali presentes. Tinha esperança de ouvi-la proclamar que este amor era abençoado por todos os anjos, santos, por Deus e pela Deusa.

(abun pag.)

112

Não sei quanto tempo durou aquele estranho ritual. As pessoas tornaram a falar línguas estranhas, cantaram, dançaram com os braços voltados para o céu, rezaram pelo seu vizinho, pediram milagres, testemunharam graças que tinham sido concedidas.

Finalmente, o padre que conduzia a cerimônia disse em frances, italiano e espanhol:

- Vamos rezar cantando, por todas as pessoas que participaram pela primeira vez desta renovação carismática.

Eu não devia ser a única. Aquilo me tranquilizou.

Todos cantaram uma oração. Desta vez, eu só escutei, pedindo que as graças descessem sobre mim.

Eu precisava muito.

- Vamos receber a benção - disse o padre.

Todos se voltaram para a gruta iluminada, na outra margem do rio. O padre fez várias orações, e nos abençoou. Então todos se beijaram, se desejaram "feliz dia da Imaculada Conceição", e seguiram seu rumo.

—

Ele se aproximou. Tinha uma expressão mais alegre do que de costume.

- Voce está ensopada - disse.

- Voce também - respondi, rindo.

Pegamos o carro e voltamos para Saint Sauvin. Eu ansiava muito por este momento - mas agora que ele havia chegado, não sabia mais o que dizer. Não conseguia comentar a casa nas montanhas, o ritual, os livros e discos, as línguas estranhas, e as

orações em tendas.

Ele vivia em dois mundos. Em algum lugar no tempo, estes dois mundos se fundiam num só - e eu precisava descobrir como.

Mas as palavras, naquele momento, de nada valiam. O amor se descobre através da prática de amar.

disse.

- Só tenho mais um sueter - ele ~~falei~~, quando chegamos no quarto. - Pode ficar com ele. Amanhã compro outro para mim.

- Colocamos as roupas em cima do aparelho de calefação. Amanhã estarão secas - respondi. - De qualquer maneira, ainda tenho a blusa que lavei ontem.

Por alguns instantes, ninguém disse nada.

Roupas. Nudez. Frio.

Ele, finalmente, tirou de dentro da pequena mala uma outra camiseta.

- Isto dá para voce dormir - disse.

- Claro - respondi.

Apaguei a luz. No escuro, tirei a roupa molhada, estendi ^a em cima da estufa, e girei o botão ~~para~~ ^{até} o máximo.

A claridade do lampião lá fora era suficiente para que ele pudesse ver meu vulto, ^a saber que eu estava nua. Coloquei a camiseta e me ^{enfiei} ~~meti~~ debaixo das cobertas da minha cama.

- Eu te amo - escutei-o dizer.

- ~~tu~~ ^{Estou} estou aprendendo a te amar - respondi.

Ele acendeu um cigarro.

- Voce acha que vai chegar o momento certo? - pergun-
tou.

Eu sabia do que estava falando. Levantei, ^{eu} fui sen-
tar-me na beira de sua cama.

A brasa do cigarro iluminava seu rosto de vez em
quando. Ele segurou minha mão, e estivemos assim por alguns
instantes. Então acariciei seus cabelos.

- Voce não devia perguntar - respondi. - O amor não faz
muitas perguntas, porque - se começamos a pensar, começamos a ter
medo. E' um medo inexplicável, nem adianta tentar coloca-lo em
palavras.

" Pode ser o medo de ser desprezada, de não ser aceita,
de quebrar o encanto. Parece ridiculo, mas é assim. Porisso não
se pergunta - se faz. Como voce mesmo ^{Já disse tantas vezes,} ~~disse~~, se corre os riscos. "

- Eu sei. ~~disse~~. Nunca perguntei antes.

- Voce já tem meu coração - ^{respondi,} ~~eu disse~~, fingindo ~~que~~ não
haver escutado suas palavras. - Amanhã pode partir, e lembraremos
sempre do milagre destes dias; o amor romântico, a possibilidade,
o sonho.

" Mas eu acho que Deus, em sua Infinita sabedoria,
escondeu o Inferno no meio do Paraiso. Para que a ^{estiveremos} ~~gethe sempre~~
^{sempre} ~~estiveremos~~ atento. Para não nos deixar esquecer / da coluna do
Rigor, enquanto vivemos a alegria da Misericórdia.

As mãos dele tocaram com mais força os meus cabelos.

- Voce aprende rápido - disse ele.

Eu estava supresa com o que havia dito. Mas, se voce
aceita que sabe, termina realmente sabendo.

- Não vá pensar que sou difícil - ~~eu~~ disse. - Já tive

muitos homens. Já fiz amor com gente que nem conhecia direito.
- Eu também - ~~dizesse~~ *ele respondeu*.

Tentava ser natural, mas pela maneira como tocava minha cabeça, vi que minhas palavras tinham sido difíceis de ouvir.

- Desde hoje de manhã, entretanto, a minha virgindade misteriosamente se refez. Não tente entender, porque só quem é mulher sabe o que estou dizendo. Mas *Estou* descobrindo de novo o amor. E isso leva tempo".

Ele soltou meus cabelos, e tocou meu rosto. Eu o beijei levemente nos lábios, e voltei para minha cama.
Eu não conseguia entender direito porque ~~havia~~ agira desta maneira.
Não sabia se fazia aquilo para prende-lo ainda mais, ou para deixa-lo livre.

Mas o dia tinha sido longo. Estava cansada demais para pensar.

Tive uma noite de imensa paz. Em um ^{certo} ~~certo~~ momento, parecia ^{que} estava acordada - embora continuasse dormindo. Uma presença feminina me pegou no colo, e era como se eu a conhecesse há muito tempo, porque ~~af~~ me sentia protegida e amada.

Acordei as 7 da manhã, morrendo de calor. Me lembrei que havia colocado a calefação no máximo, para secar as roupas. Ainda ~~era muito~~ ^{estava escuro,} naquela parte do mundo, e ~~eu~~ procurei me levantar sem fazer barulho, para não incomoda-lo.

Assim que levantei, vi que ele não estava.

Entrei em pânico. A Outra imediatamente despertou, ~~dentro de mim~~ e me dizia: "está vendo? Foi só voce concordar, e ele sumiu. Como todos os homens."

O pânico aumentava a cada minuto. Eu não podia perder o controle. Mas a Outra não parava de falar:

(dixou o vento mudou de direcção, abriu a porta,)

"Ainda estou aqui", dizia ela. "Voce ~~abriu a porta,~~ e o amor está inundando sua vida. Se agirmos rápido, vamos conseguir controlar."

Eu precisava ser prática. Tomar providências.

"- continuou a Outra. -"

"Ele foi embora. Voce tem que sair deste fim de mundo".

~~Deixa a outra~~ Sua vida em Zaragoza ainda está intacta: volte correndo. Antes ~~se~~ ^{de poder} ~~se~~ o que conseguiu com tanto esforço".

"Ele deve ter seus motivos", pensei.

"Os homens sempre tem motivos", respondeu a Outra. "Mas o fato é que terminam deixando as mulheres."

tenho que

Então ~~preciso~~ ^{tenho que} saber como volto para a Espanha. O cérebro ~~tem que~~ ^{precisa} estar ocupado tempo todo.

"Vamos para o lado prático: dinheiro", dizia a Outra.

Eu não tinha nenhum tostão. Precisava descer, fazer uma ligação a cobrar para ~~a Espanha~~ ^{meus pais,} e aguardar que ~~meus pais~~ ^{em vão} me mandassem dinheiro para a passagem de volta.

Mas hoje era feriado, e o dinheiro só chegaria amanhã.

O que faço para comer? Como explicar para os donos da casa que ~~estava com~~ ^{era preciso} esperar dois dias para receber o pagamento?

"Melhor ~~era~~ não dizer nada." ^{respondeu a Outra. Sim,} ~~Continuava~~ ali, como se nada tivesse acontecido, como se ele fosse voltar. E, quando ~~o dinheiro~~ ^{chegasse,} pagaria as dívidas e iria embora.

"Muito bem", disse a Outra. "Você ~~está~~ está voltando a ser o que era. Não fique triste - porque um dia irá encontrar um homem. Alguém que ~~possa~~ possa amar sem riscos".

Fui pegar minhas roupas na estufa. Estavam secas. Era preciso ¹ saber qual daquelas cidadezinhas tinha um banco, telefonar, tomar as providências. Enquanto pensasse nisto, não teria tempo para chorar ou sentir saudades.

Foi então que reparei um bilhete.

"Fui ao seminário. Arrume suas coisas [ah! ah! ah!] que viajamos hoje a noite para a Espanha. Estarei de volta no final da tarde."

E completava dizendo: "te amo".

~~te~~ Apertei o bilhete ^{de} encontro ao peito, e me senti miserável e aliviada ao mesmo tempo. Notei ^{que a} Outra se encolhia ~~dentro de mim,~~ surpresa com o achado.

Eu também o amava. A cada minuto, a cada segundo, este amor crescia e me transformava. Eu voltara a ter fé no futuro, e

¹ ela tinha experiência, sabia lidar com situações como esta. Nas na a menina apaixonada que perde o controle, mas a mulher ~~que~~ que sempre sabe o que deseja na vida. Eu devia continuar

estava - aos poucos - voltando a ter fé em Deus.

Tudo por causa do amor.

"Não quero mais conversar com minhas próprias trevas", prometi a mim mesma, fechando ^{definitivamente} a porta para a Outra. "Um tombo do terceiro andar machuca tanto quanto um tombo do centésimo andar."

Se eu tiver que cair, que caia de lugares bem altos.

(abre par.)

- Não saia de novo em jejum - disse a mulher.

- Não sabia que a senhora falava espanhol - respondi, surpresa.

- A fronteira é perto. Os turistas vem para Lourdes no verão. Se eu não souber espanhol, não alugo quartos.

Ela começou a preparar torradas e café com leite. ^{Comecei a} ~~Eu já~~ ^{preparar meu espírito para enfrentar aquele dia; cada hora ia demorar um ano.} ~~sabia que cada hora daquele dia ia ser longa.~~ Torci para que aquela refeição ~~demorasse~~ ^{me distraísse} um pouco.

- Há quanto tempo vocês estão casados? - perguntou ela.

- Ele foi o primeiro amor de minha vida - respondi. Era o suficiente.

- Você vê estes picos aí fora? - ^{continuou a mulher} ~~perguntou ela.~~ - O primeiro amor da minha vida morreu numa destas montanhas.

- Mas a senhora encontrou alguém.

- Sim, encontrei. E consegui ser feliz de novo. O destino é curioso: quase ninguém que conheço se casou com o primeiro amor de sua vida.

"As que se casaram, estão sempre me dizendo que perd-

eram algo importante, que não viveram tudo que precisavam viver.

Ela parou de falar de repente.

- Desculpe - disse. - Não queria ofende-la.

- Não me ofende.

- Sempre olho este poço ai fora. ~~descobri~~ E fico pensando: antes ninguém sabia onde estava a água - até ^{que} Santo Sauvin resolveu cavar, e descobriu. Se não tivesse feito isto, a cidade seria lá embaixo, perto do rio.

- E o que tem isto a ver com amor? - perguntei.

- Este poço trouxe as pessoas, com suas esperanças, seus sonhos, e seus conflitos. Alguém ousou buscar a água, a água se ^{revelou} ~~entregou~~, e todos se reuniram a sua volta. Penso que, quando buscamos o amor com coragem, ele se ^{revela,} ~~entrega~~, e terminamos atraindo mais amor. Se uma pessoa nos quer, todos nos querem.

"Entretanto, se estamos sôzinhos, ficamos mais sôzinhos ainda. E' estranha a vida".

- A senhora já ouviu falar num livro chamado I Ching? - perguntei.

- Nunca.

- Ele diz que se pode mudar uma cidade, mas não se pode mudar um poço de lugar. Os amantes se encontram, matam sua sede, constroem suas casas, criam seus filhos em volta do poço.

"Mas, se um deles decide partir, o poço não pode segui-lo. O amor fica ali, abandonado - embora cheio da mesma água pura de antes.

- Voce fala como uma velha que já sofreu muito, minha filha - disse ela.

- Não. Sempre tive medo. Nunca cavei o poço. Estou fazendo isto agora, e não quero me esquecer dos riscos.

Senti que algo me incomodava no bolso da calça. Quando enfiei a mão, e vi o que era, meu coração ficou gelado. Acabei de tomar o café correndo.

A chave. Eu tinha a chave.

- Existe uma mulher aqui nesta cidade, que morreu e deixou tudo para o seminário de Tarbes - eu disse. - A senhora sabe onde fica a casa dela?

A mulher abriu a porta e me mostrou. Era uma das casas medievais da pracinha, cuja parte dos fundos dava para o vale e para as montanhas do outro lado.

- Dois padres estiveram aí há quase dois meses atrás - disse ela.-E...

Ela me olhou, com ar de dúvida.

- E um deles parecia com o seu marido - disse, depois de um longo tempo.

- Era ele - eu respondi enquanto saía, contente por ter deixado a minha criança interior fazer uma travessura.

Fiquei parada ^{na} ~~em~~ frente ^{da} casa, sem saber o que fazer. A bruma cobria tudo, e eu parecia estar num sonho cinzento, onde surgem figuras estranhas da névoa, que nos levam para lugares mais estranhos ainda.

Meus dedos tocavam nervosamente a chave.

Com toda aquela neblina, seria impossível ver as montanhas da janela. A casa estaria escura - sem o sol, ~~nas~~ cortinas, e ~~na~~ neve. A casa estaria triste, sem a presença dele ao meu lado.

Olhei o relógio. Nove da manhã.

Eu precisava fazer alguma coisa, algo que me ajudasse a passar o tempo, a esperar.

Esperar. Esta foi a primeira lição que aprendi sobre o amor. O dia se arrasta, voce faz milhares de planos, imagina todas as conversas possíveis, promete mudar seu comportamento em certas coisas - e vai ficando ansiosa, ansiosa, até que seu amado chega.

Então voce já não sabe mais o que dizer. Aquelas horas de espera se transformaram em tensão, a tensão virou medo, e o medo faz com que tenhamos vergonha de demonstrar todo nosso afeto.

"Não sei se devo entrar". Lembrei-me de toda a conversa do dia anterior - aquela casa era o símbolo de um sonho.

Mas eu não podia ficar o dia inteiro ali parada. Tomei coragem, tirei a chave do bolso, e me encaminhei para a porta.

fantasia de estar ali com ela,

- Pilar!

A voz, com um forte sotaque frances, vinha da neblina. Eu fiquei mais supresa que assustada. Podia ser o dono da casa onde tinhamos alugado o quarto - mas eu não me lembrava de ter dito meu nome.

- Pilar! - repetiu, desta vez mais próxima.

Eu olhei para a praça, coberta pela névoa. Um vulto se aproximava, andando rápido. O pesadelo das neblinas com suas figuras estranhas estava se transformando em realidade.

- Espere - disse ele. - Quero conversar com voce.

Quando chegou perto, vi que era um padre. Sua figura parecia com as caricaturas de padres do interior: baixo, um pouco gordo, alguns fios de cabelo branco espalhados pela cabeça quase calva.

- Olá - disse, estendendo a mão e abrindo um largo sorriso.

Eu respondi o cumprimento, atônita.

- Pena que a neblina esteja cobrindo tudo - disse ele, olhando para a casa. - Saint Sauvin está numa montanha, e a ^{vista} desta casa é linda. De suas janelas, ^{Se enxergar} ~~podemos~~ ver o vale lá embaixo, e os picos gelados lá em cima. *Voce já deve saber.*

Na mesma hora, ^{deduzi} ~~deduzi~~ quem era: o superior do convento.

- O que o senhor está fazendo aqui? - perguntei. - E como sabe meu nome?

- Voce quer entrar? - disse ele, mudando de assunto.

- Não. Quero que me responda o que perguntei.

Ele ^e sentou-se no meio fio e esfregou as mãos, para aquece-las um pouco. ~~Eu~~ Sentei-me ao seu lado. A neblina estava cada vez mais forte, e havia escondido a igreja - que ficava apenas a uns vinte metros de nós.

Tudo que conseguíamos ver era o poço. ~~Ele~~ ^{Ele} lembrei das palavras da mulher.

- Ela está presente - eu disse.

- Quem?

- A Deusa - respondi. - Ela é esta bruma.

- Ele então conversou com voce sobre isto! - riu. - Bem, prefiro chama-la de Virgem Maria. Estou mais acostumado.

- O que o senhor está fazendo aqui? Como sabe meu nome?

- repeti.

- Vim porque queria ve-los. Alguém que estava no grupo carismático ontem a noite, me contou que voces ^{se hospedaram} ~~estavam~~ em Saint Sauvin. E esta é uma cidade muito pequena.

- Ele foi até o seminário.

O padre parou de sorrir, e balançou a cabeça de um lado para o outro.

- Que pena - disse, como se estivesse falando para si mesmo.

- Pena porque ele foi visitar o seminário?

- Não, ele não está lá. Eu vim de lá agora.

Ficou sem dizer nada por alguns minutos. ~~Eu~~ ^{Ele} lembrei de novo da sensação que tive ao acordar: o dinheiro, as providências, o telefonema para meus pais, a passagem. Mas fizera um juramento, e ia manter minha palavra.

Um padre estava ao meu lado. Em criança, fora acostuma-

da a contar tudo para os padres.

-Estou exausta - disse, quebrando o silêncio. - Há menos de uma semana atrás, eu sabia quem eu era e o que queria da vida. Agora, parece que entrei numa tempestade, que me joga de um lado para o outro, sem que eu possa fazer nada.

- Resista - disse o padre. - E' importante.

Fiquei supresa com o comentário.

- Não se assuste - continuou ele, como se adivinhasse meu pensamento. - Sei que a igreja está precisando de novos sacerdotes, e ele seria um padre excelente. Mas o preço que terá que pagar é muito alto.

- Onde está ele? Me deixou aqui e foi embora para a Espanha?

- Para a Espanha? Ele não tem nada que fazer na Espanha - disse o padre. - Sua casa é o mosteiro, que fica a poucos quilometros daqui.

"~~me~~" ^{posso} Ele não está lá. E eu sei onde encontra-lo".

Suas palavras me devolveram um pouco de coragem e alegria; pelo menos ele não havia partido.

Mas o padre não estava mais sorrindo.

- Não se anime - continuou ele, de novo lendo meus pensamentos. - Melhor teria sido que tivesse voltado para a Espanha.

O padre

~~Ele~~ levantou-se e pediu que o acompanhasse. Só podíamos ver alguns metros a nossa frente, mas ~~o padre~~ ^{ele} parecia saber onde ia. Saímos de Saint Sauvin pelo mesmo caminho que, ~~o~~ duas noites

atrás - ou teriam sido cinco anos atrás? - ^{escutei a} ~~mas percorremos jun-~~
~~tao, enquanto ele me contava a história de Bernardette.~~

- Aonde vamos? - perguntei.

- Vamos busca-lo - respondeu o padre.

- Padre, o senhor me deixa confusa - eu disse, enquanto andavamos. - Parece que ficou triste quando ~~eu disse~~ ^{Lali} que ele não estava.

- O que voce sabe da vida religiosa, minha filha?

- Muito pouco. Que os padres fazem voto de pobreza, castidade, e obediência.

Pensei se devia continuar ou não, mas resolvi ir ad^o -
ante.

- E que julgam os pecados dos outros, embora cometam estes mesmos pecados. Que pensam conhecer tudo sobre casamento e amor, mas nunca se casaram. Que nos ameaçam com o fogo do inferno por ~~coisas erradas~~ ^{pecados / coisas erradas} que eles também ~~cometem~~ ^{cometem, matam}.

" E nos mostram Deus como um ser vingador, que culpa o homem pela morte de seu único Filho. "

O padre riu.

- Voce teve uma excelente educação católica -disse. - Mas não estou perguntando sobre catolicismo. Pergunto sobre a vida espiritual.

Eu fiquei sem reação.

- Não sei ao certo - disse, afinal. - São pessoas que largam tudo e partem em busca de Deus.

- E encontram?

- O senhor sabe esta resposta. Eu não tenho idéia.

O padre percebeu que eu estava ofegante, e diminuiu o ritmo de seus passos.

- Voce definiu errado - começou ele. - Quem parte em busca de Deus, está perdendo seu tempo. Pode percorrer muitos caminhos, filiar-se a muitas religioes e seitas - mas, desta

maneira, jamais irá encontra-Lo.

Podemos vê-lo nesta bruma, neste chão, nestas roupas, ~~em~~ nestas ^{sapatos.} sandálias

" Deus está aqui, agora, ao nosso lado. Seus anjos velam enquanto dormimos, e nos ajudam enquanto trabalhamos. Para encontrar Deus, basta olhar a nossa volta.

" Não é fácil este encontro. A medida que Deus nos faz participar de seu mistério, nos sentimos mais desorientados. ~~Não~~ *Porque* *Ele nos está constantemente pedindo para* ~~temos mais desculpas para não~~ seguir nossos sonhos e nosso coração. *É difícil fazer isto, porque estamos acostumados a viver de* *maneira diferente.*

" E descobrimos que Deus nos quer ver felizes, porque ele é pai. *para nossa surpresa,*

- E mãe - eu disse.

A neblina começava a levantar. Eu podia ver uma pequena casa de camponeses, onde uma mulher juntava lenha.

- Sim, e mãe - disse ele. - Para você ter uma vida espiritual, não precisa entrar para um seminário, nem fazer jejum, abstinência, e castidade.

"Basta ter fé e aceitar Deus. A partir daí, cada um de *se transforma no seu caminho, paramos a seu o veículo de* ~~nós encontra seu caminho para os milagres.~~ *seus milagres*

- Ele já me falou do senhor - ~~eu~~ interrompi. - E me ensinou estas mesmas coisas.

- Espero que você aceite seus dons - respondeu o padre.

- Porque nem sempre é assim, como nos ensina a História. Osiris é esquartejado no Egito. Os deuses gregos se desentendem por causa de mulheres e homens da Terra. Os astecas expulsam Quetzcoalt. Os deuses vikings assistem o incêndio do Valhalla, por causa de uma mulher. Jesus é crucificado.

" Por que?"

Eu não sabia responder.

- Porque Deus vem a Terra para nos mostrar nosso ~~próprio~~ poder. Nós fazemos parte do ^Seu sonho, e ele quer ~~ter~~ um sonho feliz. Entretanto, se admitirmos para nós mesmos que Deus nos criou para a felicidade, teremos que assumir que tudo aquilo que nos leva para a tristeza e para a derrota é nossa culpa.

"Porisso, sempre matamos Deus. Seja na cruz, no fogo, no exílio, seja em nosso coração."

- Mas aqueles que O entendem...

- Estes transformam o mundo. A custa de muito sacrifício.

A mulher que carregava lenha, viu o padre e veio correndo em nossa direção.

- Padre, obrigado! - disse ela, beijando suas mãos. - O moço curou meu marido!

- Quem curou foi a Virgem - respondeu o padre. (apenas o passo.) - Ele é apenas um instrumento.

- Não, Foi ele. Entre, por favor.

Na mesma hora eu me lembrei da noite anterior. Quando estávamos chegando na basílica, um homem se virara para mim e dissera algo como "voce está com um homem que faz milagres!".

- Estamos com pressa - disse o padre.

- Não, não estamos - eu respondi, morrendo de vergonha de falar francês, uma língua que não era a minha. - Tenho frio, e quero tomar um café.

A mulher me pegou pela mão, e entramos. A casa era confortável, mas sem luxo; paredes de pedra, o chão e o teto de madeira. Sentado diante da lareira acesa, estava um homem de

aproximadamente sessenta anos.

Assim que viu o padre, levantou-se para beijar sua mão.

- Fique sentado - disse o padre. - Você ainda tem que se recuperar.

- Já engordei dez quilos - respondeu ele. - Mas ainda não posso ajudar minha mulher.

- Não se preocupe. Em breve você estará melhor que antes.

- Onde está o rapaz? - perguntou o homem.

- Eu o vi passando para onde sempre vai - disse a mulher. - Só que hoje ele estava de carro.

O padre me olhou, sem dizer nada.

- Nos dê sua benção, padre - disse a mulher. - O poder que é dele...

- ...da Virgem - cortou o padre.

- ... da Virgem Mãe, este poder também é do senhor. Foi o senhor que o trouxe aqui.

Desta vez o padre evitou meu olhar.

- Reze meu marido, padre - insistiu a mulher.

O padre respirou fundo.

- Fique em pé na minha frente - disse para o homem.

O velho obedeceu. O padre fechou os olhos e começou a rezar uma ave-maria. Depois, invocou o Espírito Santo, pedindo que estivesse presente, e ajudasse aquele homem.

De um momento para o outro, começou a falar rápido. Parecia uma oração de exorcismo, embora eu já não pudesse acom-

panhar direito o que estava dizendo. Suas mãos tocavam os ombros do homem, e deslizavam por seus braços - até seus dedos. Ele repetiu este gesto várias vezes.

O fogo começou a crepitar mais forte na lareira. Podia ser coincidência, mas podia ser também que o padre estivesse entrando em terrenos que eu não conhecia - e que ~~estavam~~^{interferiam} nos elementos.

Eu e a mulher nos assustávamos cada vez que uma lenha estourava. O padre nem se dava conta; estava entregue a sua tarefa - um instrumento da Virgem, como havia dito antes. ^g

Falava na língua estranha. As palavras saiam com uma velocidade surpreendente. As suas mãos já não se mexiam mais - estavam colocadas nos ombros do homem a sua frente.

De repente, assim como havia começado, o ritual parou. O padre virou-se e deu uma benção convencional, movendo a mão direita num grande sinal da cruz.

- Deus esteja sempre nesta casa - disse ele.

E, virando-se para mim, pediu que continuássemos a caminhada.

- Mas falta o café - disse a mulher, assim que nos viu saindo.

- Se eu tomar café agora, não durmo - respondeu o padre.

A mulher riu, e murmurou algo como "ainda é de manhã." Não deu para escutar direito, porque já ~~estávamos na~~^{estávamos na} estrada.

- Padre, a mulher falou de um rapaz que curou seu marido. Foi ele.

- Sim, foi ele.

Eu comecei a me sentir mal. Lembrava-me do dia anterior, *de Bilbao, da conferência em Madua,* das pessoas falando em milagres, da presença que senti enquanto rezava abraçada com os outros.

E eu amava um homem que era capaz de curar. Um homem que podia servir ao próximo, trazer alívio ao sofrimento, devolver ~~eu~~ a saúde aos enfermos, e a esperança aos seus parentes. Uma missão que não cabia numa casa com as cortinas brancas e discos e livros preferidos.

- Não se culpe, minha filha - disse ele.

- O senhor está lendo meus pensamentos.

- Sim, estou - respondeu o padre. - Também tenho um dom, e procuro ser digno dele. A Virgem me ensinou a mergulhar no turbilhão das emoções humanas, para saber dirigi-las da melhor maneira possível.

- O senhor também faz milagres.

- Não sou capaz de curar. Mas tenho um dos ~~meus~~ dons do Espírito Santo.

- Então o senhor pode ler meu coração, padre. E sabe que ~~eu~~ o amo, e este amor cresce a cada instante. Nós descobrimos juntos o mundo, e juntos permanecemos nele. Ele esteve presente em todos os dias de minha vida - ~~eu~~ querendo ou não.

O que eu poderia dizer, para aquele padre que caminhava ao meu lado? Ele jamais poderia entender que tive outros homens, me apaixonei, e se tivesse me casado seria feliz. ~~Assim~~ Ainda criança, *eu havia descoberto e esquecido o amor* numa praça de Soria, ~~a possibilidade daquele amor.~~

Mas, pelo visto, não fiz um bom trabalho. Bastaram três dias para que tudo voltasse.

- Tenho o direito de ser feliz, padre. Recuperarei o que estava perdido, não quero tornar a perder. Vou lutar pela minha felicidade.

"Seu eu renunciar a esta luta, estarei também renunciando a minha vida espiritual. Como o senhor diz, seria afastar Deus, o meu poder e a minha força de mulher. Vou lutar por ele, padre.

Eu sabia o que aquele homem baixo e gordo estava fazendo ali. Tinha vindo para me convencer a deixá-lo, porque ele tinha uma missão mais importante ~~para~~ cumprir.

Não, não ia acreditar naquela história de que ^{o padre que caminhava ao meu lado em Saint. Saunt.} eu gostaria que nos casássemos, para morar numa casa igual aquela. O padre dizia isto para me enganar - para que eu abaixasse minhas defesas, e então - com um sorriso - me convencer do contrário.

Ele ~~me~~ ^{meus pensamentos} ouviu sem dizer nada. A neblina se dissipava rapidamente, eu agora podia ver o caminho, a encosta da montanha, o campo e as árvores cobertos de neve. ^{Talvez estivesse me enganando, não era capaz de ler os meus pensamentos} ~~meus pensamentos~~ também iam ficando mais claras.

Droga! Se ^{fose verdade, e o} o padre ^{fose mesmo} ~~era~~ capaz de ler pensamentos, que lesse e soubesse de tudo. Que soubesse que ontem ele quiz fazer amor comigo, eu recusei - e estava arrependida.

Ontem ~~eu~~ pensava que - se ele tivesse que partir - eu poderia sempre lembrar do velho amigo de infância. Mas era bobagem. Mesmo que seu sexo não tenha penetrado em mim, algo mais profundo penetrou, e meu coração foi atingido.

- Padre, eu o amo - repeti.

- Eu também. O amor sempre faz besteiras. No meu caso, me obriga a tentar afastá-lo de seu destino.

- Não será fácil, ^{me a/astur,} padre. Ontem, durante as orações em frente a gruta, descobri que posso também despertar estes dons que o senhor está falando. E vou usa-los para mante-lo junto a mim.

- Oxalá - disse o padre, com um leve sorriso no rosto.
- Oxalá voce consiga isto.

O padre parou, e tirou um terço do bolso. Depois, segurando-o, ~~me~~ olhou dentro dos ^{meus} olhos.

- Jesus disse que não se deve jurar, e eu não estou jurando. Mas estou lhe dizendo, na presença do que me é sagrado, que eu não desejaria que ele seguisse a vida religiosa convencional. ^{Não gostaria que ele fosse ordenado} ~~isto~~ ^{como sacerdote.}

"Ele pode servir a Deus de outras maneiras. Ao seu lado."

Eu custava a acreditar que estivesse dizendo a verdade. Mas estava.

- Ele está ali - disse o padre.

Eu me virei, Um pouco mais adiante podia ver ^{um} carro parado. O mesmo carro que viemos da Espanha.

- Ele sempre vem a pé - respondeu, sorrindo! - Desta vez, quis dar a impressão de que tinha ~~ido~~ ^{viajado} para longe.

^{na}

^{viajado}

(abre par.)

A neve ensopava o meu tenis. Mas o padre estava usando sandálias abertas, com meias de lã - e resolvi não reclamar.

Se ele podia, eu também podia. Começamos a subir em direção aos picos.

- Quanto tempo vamos andar?
- Meia-hora, no máximo.
- Onde estamos indo?
- Ao encontro dele. E de outros.

~~Eu~~ ^{Vi que} não queria continuar a conversa. Talvez o ~~esforço~~ da ~~subida~~ necessitasse ^{de} todas as suas energias ^{para subir}. Caminhamos em silêncio - a neblina agora já estava quase dissolvida, e o disco ^{amarelo} ~~dourado~~ do sol começava a aparecer.

Pela primeira vez, eu podia ter uma visão completa do vale; um rio correndo lá embaixo, alguns povoados espalhados, e Saint-Sauvin, encravada na encosta daquela montanha. Reconheci a torre da igreja, um cemitério que nunca notara antes, e as casas medievais com vista para o rio.

Um pouco abaixo de nós, por um lugar onde já havíamos passado, um pastor agora conduzia seu rebanho de ovelhas.

- Estou cansado - disse o padre. - Vamos parar um pouco.

Limpamos a neve de cima de uma pedra, e nos recostamos. O padre suava - e seus pés deviam estar congelados.

- Existem marcas de passos na neve - ~~comentar~~. ^{falei}.
- Algumas são de caçadores. Outras são de homens e mulheres que querem reviver uma tradição.
- Que tradição?
- A mesma de Santo Sauvin. Retirar-se do mundo, vir

- Que Santiago ~~me faça~~ conserve minhas energias, porque ainda quero percorrer seu caminho mais uma vez - disse o padre, u'nando-se pouco tímido.

Eu não entendi o comentário, e resolvi mudar

para estas montanhas, contemplar a glória de Deus.

- Padre, preciso ^{entender} ~~saber~~ algo. Até ontem, eu estava com um homem cuja dúvida era a vida religiosa ou o casamento. Hoje descobri que este homem faz milagres.

- Todos fazemos milagres - disse o padre. - Jesus disse: se tivermos fé do tamanho de um grão de mostarda, diremos para esta montanha: "move!". E ela se moverá.

- Não quero aula de religião, padre. Eu amo um homem, e quero saber ^{mais sobre ele, entende-lo, ajuda-lo.} ~~isto~~. Não me importa o que todos podem ou não podem fazer.

O padre respirou fundo. Ficou um momento indeciso, mas logo começou:

- Um cientista que estudava macacos, numa ilha da Indonésia, conseguiu ensinar a certa macaca que ela devia lavar as ^{batatas} ~~bananas~~ num rio, antes de comê-las. Livre da areia e das sujeiras, o alimento ficava mais saboroso.

"O cientista - que fez aquilo só porque estava escrevendo um trabalho sobre a capacidade de aprendizado dos chimpanzés - não podia imaginar o que terminaria acontecendo. Ficou surpreso ao ver que os outros macacos da ilha começaram a imita-la.

"Até que, um belo dia, quando um número determinado de macacos aprendeu a lavar as ^{batatas,} ~~bananas~~, os macacos de todas as outras ilhas do arquipélago começaram fazer o mesmo. O mais surpreendente, porém, é que estes outros macacos aprenderam sem que ter qualquer contacto com aquela ilha - onde a experiência estava sendo conduzida.

- Existe vários estudos científicos a respeito. A expli-
Ele parou.
- Entendeu?
- Não - respondi.

cação mais comum é que, quando um determinado número de pessoas evolui, toda a raça humana termina evoluindo. Não sabemos quantos são necessários - mas sabemos que é assim.

- Como a história da Imaculada - eu disse. - Apareceu para os sábios do Vaticano, e para a camponesa ignorante.

- O mundo tem uma alma, e chega um momento em que esta alma age em tudo e todos ao mesmo tempo.

- Uma alma feminina.

Ele riu, sem me deixar saber o que aquela risada significava.

Por sinal, o dogma da Imaculada há ~~10~~ foi uma coisa só do Vaticano - disse ele. - Oito milhões de pessoas ^{assinaram uma petição} ~~pediram~~ ao papa que ~~declarasse o dogma~~. ^{partindo isto.} As assinaturas vieram de todos os cantos do mundo. A coisa estava no ar.

- Este é o primeiro passo, padre?

- De que?

- Do caminho que vai levar Nossa Senhora a ser ~~parte da~~ ^{face} ~~Santíssima Trindade~~. ^{encarnou} Considerada como a encarnação da ^{face} ~~feminina~~ ^{masculina} de Deus. ^{que} ~~Por sinal, já aceitamos que Jesus~~ ^{face} ~~Vamos andar~~ - disse ele. - Está muito frio para ficarmos parados aqui.

(abre página)

Comencemos a caminhar de novo

- Há pouco tempo atrás, você reparou minhas sandálias - disse ele.

- O senhor lê mesmo pensamentos? - perguntei. ~~surpresa~~ Até este momento, achava que o padre era bom observador, e conhecia as reações da alma humana.

- O que você quer dizer?

- Quanto tempo vai demorar para que aceitemos uma Santíssima Trindade onde a mulher aparece? A Santíssima Trindade do Espírito Santo, da Mãe, e do filho?

Ele não me respondeu.

- Vou lhe contar parte da história da fundação de nossa Ordem religiosa - disse. - Somos carmelitas descalços, segundo as regras estabelecidas por Santa Tereza D'Avila. As sandálias fazem parte; ser capaz de dominar o corpo ~~para~~^e ser capaz de dominar o espirito.

"Tereza era uma linda mulher, cujo pai ^lcolocou no convento para que tivesse uma educação mais apurada. Um belo dia, quando passava por um corredor, começou a conversar com Jesus.

Seus êxtases eram tão fortes e profundos, que ela ^{entregou-se totalmente} resolveu ~~trans-~~
~~ferir a~~ ^{ela}, e em pouco tempo sua vida mudou por completo. ~~formar o ambiente a sua volta.~~

Vendo que os conventos carmelitas haviam se transformado em agências de casamento, resolveu criar uma Ordem que seguisse os ensinamentos originais de Cristo e do Carmelo.

" Santa Tereza teve que vencer a si mesma, e teve que enfrentar os grandes poderes de sua época - a Igreja e o Estado. Mesmo assim foi em frente, convencida de que precisava cumprir sua missão.

"Um belo dia - quando sua alma fraquejava - uma mulher ^{andrajosa} com ~~roupas de mendigo~~ apareceu na casa onde estava hospedada. Queria falar de todo jeito com a Madre. O dono de casa, lhe ofereceu uma esmola, mas ela rejeitou: só sairia dali quando falasse com Tereza.

"Durante tres dias esperou do lado de fora - sem comer, e sem beber. A Madre, compadecida, pediu que entrasse.

"- Não - disse o dono da casa. - Ela é louca.

"- Se eu fosse dar ouvidos a todos, terminaria achando

que eu é que sou louca - respondeu a Madre. - Pode ser que esta mulher tenha o mesmo tipo de loucura que tenho: a de Cristo na cruz".

- Santa Tereza falava com Cristo - disse eu.

- Sim - respondeu.

"Mas voltemos a história. A tal mulher foi recebida pela Madre. Disse chamar-se Maria de Jesus Yepes, de Granada. Era noviça carmelita, quando a Virgem apareceu, pedindo que fundasse um convento de acordo com as regras primitivas da Ordem.

- ~~Qual a Tereza em disse.~~ "Como Santa Tereza", pensei.

- Maria de Jesus saiu do convento no dia de sua visão, e foi caminhando descalça até Roma. Sua peregrinação demorou dois anos - período em que dormiu ao relento, morreu de frio e de calor, sobreviveu de esmolas e da caridade alheia. Foi um milagre chegar lá. Mas milagre maior ainda, foi ser recebida pelo Papa Pio IV.

- Porque o papa, assim como Tereza - e provavelmente muitas outras pessoas - estava pensando a mesma coisa, - conclui.

Assim como Bernardette não sabia da decisão do Vaticano, assim como os macacos de outras ilhas não podiam saber a experiência que estava sendo realizada, assim como Maria de Jesus e Tereza não ^{sabiam} ~~tinham conhecimento~~ que uma e outra estavam pensando.

Alguma coisa começava a fazer sentido.

(abre página)

Estávamos agora caminhando por um bosque. Os galhos mais altos, secos e cobertos de neve, recebiam os primeiros raios do sol. A neblina estava se dissipando completamente.

- Sei onde quer chegar, padre.

- Sim. Estamos ~~neste momento~~ ^{vive um momento} do mundo em que muita gente está recebendo a mesma ordem.

- Siga seus sonhos, ~~faça~~ ^{transforme} de sua vida ~~e encontre com~~ ^{num caminho} ~~com~~ ^{que leva} Deus. Realize seus milagres. Cure. Faça profecias. Escute seu anjo da guarda. Transforme-se. Seja um guerreiro, e seja feliz em seu combate.

- Corra seus riscos.

O sol agora inundava tudo. A neve começou a brilhar, e a claridade excessiva machucava minha vista. Mas - ao mesmo tempo - parecia completar o que o padre estava dizendo.

- E o que tem isto a ver com ele?

- Eu lhe contei o lado heróico da História. Mas você não sabe nada sobre a alma destes heróis.

Ele ^{fez} ~~deu~~ uma longa pausa.

- O sofrimento - continuou. - Nos momentos de transformação, surgem os mártires. Antes que as pessoas possam seguir seus sonhos, outros precisam se sacrificar. Enfrentam o ridículo, a perseguição, a tentativa de desacreditar seus trabalhos.

- A igreja queimou as bruxas, padre.

- Sim. E Roma jogou os cristãos aos leões. Quem morreu na fogueira ou na arena, subiu rápido para a Glória Eterna - foi melhor assim.

^{guerreiros} "Mas hoje, os ~~revolucionários~~ ^{algo pior que a morte} da Luz enfrentam ~~a morte~~ com honra que os mártires tiveram. São consumidos pouco a pouco pela

~~lenta~~ ^{pele} da vergonha e da humilhação. Assim foi com Santa Tereza - que sofreu o resto de sua vida. Assim foi com Maria de Jesus. Assim foi com os alegres meninos de Fátima: Jacinta e Francisco morreram em poucos meses, Lúcia internou-se em um convento, de onde nunca mais saiu.

- Mas não foi com Bernardette.

- Sim, foi. Teve que aguentar a prisão, a humilhação, o descrédito. Ele deve ter contado isto a voce. Deve ter contado das palavras da Aparição.

- Algumas palavras - respondi.

- Nas aparições de Lourdes, as frases de Nossa Senhora não dão para encher meia página de um caderno; mesmo assim, a Virgem fez questão de dizer a pastora: não lhe prometo felicidade neste mundo" Por que uma de suas poucas frases foi para prevenir e consolar Bernardette? Porque Ela sabia a dor que a esperava dali por diante, se aceitasse sua missão.

Eu olhava o sol, a neve, e as árvores sem folhas.

- Ele é um ^{revolucionário} líder - continuou o padre, e o tom de sua voz era humilde. - Tem poder, conversa com Nossa Senhora.

Se conseguir
Concentrar bem sua energia, pode fazer uma coisa na vanguarda,
por uma vida espiritual plena, fazer uma revolução.
~~de transformações espirituais que estamos presenciando.~~

"Se, entretanto, esta for sua escolha, irá sofrer muito. Suas revelações vieram ~~mu~~ antes da hora. Eu conheço suficiente a alma humana, para saber o que o espera adiante."

O padre virou-se para mim, e me segurou nos ombros.

- Por favor - disse. - Afaste-o do sofrimento e tragédia que o esperam. Ele não resistirá.

- Entendo seu amor por ele, padre.

() ser um dos líderes da transformação espiri-
tual da raça humana. O mundo vive um
momento muito importante. Como todo esse mundo...*

Ele balançou a cabeça .

- Não, voce não entende nada. Você é ainda jovem demais para conhecer as maldades do mundo. [↑] Voce ainda acha que o amor pode vencer.

- E não pode?

- Sim, pode. Mas vencerá na hora certa. Depois que as batalhas celestes terminarem.

- Eu o amo. E não preciso esperar as batalhas celestes para deixar meu amor vencer.

Seu olhar tornou-se distante.

- *Nas margens dos rios da Babilônia nós nos sentamos e choramos* - disse, como se falasse para si mesmo. - *Nos salgueiros que lá havia penduramos nossas harpas*

- Que coisa triste - eu respondi.

- São as primeiras linhas de um Salmo. Fala do exílio, daqueles que querem voltar a terra prometida, e não podem. E este exílio ainda vai durar algum tempo. O que posso fazer para tentar

impedir o sofrimento de alguém que ~~respeite o amor?~~ ^{quer voltar ao Paraíso antes da hora?}

- Nada, padre. Absolutamente nada.

Voce, neste momento, também está se vendo como uma revolucionária. Quee ^{mirar} ~~seu~~ mundo com ele, abri os caminhos, faça com que sua a história do amor de vocês ~~seja~~ ^{seja} ~~contada~~ ^{seja} ~~em~~ ^{em} ~~gerações~~ ^{se} ~~se~~ ^{transforme} em algo lendário, que sua contacto de gerações em gerações.

(abreu P)

- Ali está ele - disse o padre.

Eu o vi. Devia estar a uns duzentos metros de mim, ajoelhado no meio da neve. Estava sem camisa e - mesmo a distância - reparei sua pele arroxeadada pelo frio.

Mantinha a cabeça baixa e as mãos postas em oração. Não sei se estava influenciada pelo ritual que assisti na noite anterior, ou pela mulher que juntava lenha na cabana - mas ~~eu~~ ^{eu} me sentia olhando para ~~parecia estar~~ alguém com uma gigantesca força espiritual. Alguém que não pertencia mais a este mundo - vivia em comunhão com Deus e com os espíritos iluminados do Alto. O brilho da neve a sua volta parecia reforçar mais esta impressão.

- Neste monte, existem outros ^{falou o padre.} assim. Em constante adoração, comungando com a experiência de Deus e da Virgem. Escutando anjos, santos, profecias, palavras de sabedoria, e transmitindo ^{tudo isto} para um pequeno grupo de fiéis. Enquanto continuar assim, não haverá problema.

"Mas ele não vai ficar aqui. Irá correr o mundo, e pregar a idéia da Grande Mãe. A Igreja não quer isto agora. E o mundo tem pedras na mão, para atirar nos primeiros que tocarem neste assunto.

- E tem flores nas mãos, para atirar nos que vierem depois.

- Sim. Mas ^{este seu} não é o caso.

O padre começou a andar em direção a ele.

- Onde o senhor está indo?

- Desperta-lo de seu transe. Dizer que gostei de voce. E que abençoo esta união. Quero fazer isto aqui, neste lugar que - para ele - é sagrado.

Eu comecei a sentir náusea, como alguém que está com medo mas não entende o porque deste medo.

~~Meu coração começou a bater descompassado.~~

- ~~Eu~~ Preciso pensar, padre. Não sei se está certo.

- Não está certo - respondeu ele. - Muitos pais erram com seus filhos porque pensam que sabem o que é melhor para eles. Eu não sou seu pai, e sei que estou agindo errado. Mas tenho que cumprir meu destino.

Eu estava cada vez mais ansiosa.

- Não vamos interrompe-lo - dizia. - Deixe que acabe sua contemplação.

- Ele não devia estar aqui. Devia estar com você.

- Talvez esteja conversando com a Virgem.

- Pode ser. Mesmo assim, precisamos ir até lá. Se me vir com você, saberá que eu lhe contei tudo. *Ele sabe o que penso.*

- Hoje é o dia da Imaculada Conceição - insisti. - Um dia muito especial para ele. Acompanhei sua alegria ontem a noite, diante da gruta.

- A Imaculada é importante para todos nós - respondeu o padre. - Mas agora sou eu quem não quer discutir religião: vamos até lá.

- Por que agora, padre? Por que neste minuto?

- Porque sei que está decidindo o seu futuro. E pode ser que escolha o caminho errado.

Eu me virei na direção oposta, e comecei a descer pelo mesmo caminho que havíamos subido. O padre veio atrás.

- O que voce está fazendo? Não vê que é a única que pode salva-lo? Não vê que ele a ama, e largaria tudo ^{por voce?}?

Meus passos eram cada vez mais rápidos, e ficava difícil seguir-me. Mesmo assim, ele continuou andando ao meu lado.

- Neste exato momento, ele está escolhendo! Pode estar escolhendo deixar voce! - dizia o padre. - Lute por aquilo que ama!

Mas eu não parei. Andei o mais rápido que podia, ^{deixando} ~~me~~ ^{para ficar a} ~~afastando~~ da montanha, ~~do~~ ^{das} escolhas. Sei que ~~aquele~~ ^{aquele} o ~~sacerdote~~ ^{homem} que corria atrás de mim estava lendo meus pensamentos, descobrindo que seria inútil qualquer tentativa de me fazer voltar. Mesmo assim ele insistia, argumentava, lutava até o final.

Finalmente, chegamos a pedra onde, meia-hora antes, háviamos descansado. Eu estava exausta, e me atirei no chão.

Não pensava em nada. Queria fugir dali, ficar só, ter tempo para pensar e refletir.

O padre chegou alguns minutos depois - também exausto pela caminhada.

- Está vendo estas montanhas a nossa volta? - perguntou ele. - Elas não rezam; elas já são a oração ^{de} ~~que~~ Deus. ~~nos quer~~ ^{São assim} ~~nestes~~ ~~lugares~~. ~~Essas~~ ~~montanhas~~ porque encontraram seu lugar no mundo, e neste lugar permanecem. Elas estão aí antes que o homem olhasse o céu, escutasse o trovão, e perguntasse quem criou tudo isto. Nascermos, sofreremos, morreremos, e as montanhas continuam aí.

"Existe um momento em que precisamos pensar se vale a pena tanto esforço. Por que não tentar ser como estas montanhas - sábias, antigas, e no seu lugar adequado? Por que arriscar tudo para transformar meia-dúzia de pessoas, que logo esquecem o que

foi ensinado e partem para uma nova aventura? Por que não esperar que um determinado número de macaco-homens aprenda, e - então - o conhecimento seja espalhado sem sofrimento por todas as outras ilhas?

- O senhor acha isso mesmo, padre?

Ele ficou quieto por instantes.

- Você está lendo pensamentos?

- Não. Mas se o senhor achasse isto, não teria escolhido a vida religiosa.

- Muitas vezes ~~me~~ tento entender meu destino - disse ele. - E não consigo. Aceitei ser parte do exército de Deus, e tudo que tenho feito é tentar explicar aos homens porque existe miséria, dor, injustiça. Eu peço que sejam bons cristãos, e eles me perguntam: "como posso crer em Deus, quando existe tanto sofrimento no mundo?"

"E tento explicar o que não tem explicação. Tento dizer que existe um plano, uma batalha entre anjos, e que estamos todos envolvidos nesta luta. Tento dizer que, quando um determinado número de pessoas tiver fé suficiente para mudar este cenário, todas as outras pessoas - em todas as partes do planeta - serão beneficiadas por esta mudança. Mas não acreditam em mim. Não fazem nada.

- São como as montanhas - eu disse. - São belas. Quem chega diante delas, não consegue deixar de pensar na grandeza da Criação. São provas vivas do amor que Deus sente por nós, mas o destino destas montanhas é apenas dar testemunho.

"Não são como os rios, que se movem e transformam a

paisagem. "

- Sim. Mas por que não ser como elas?

- Talvez porque deve ser terrível o destino das montanhas - respondi. - Elas são obrigadas a contemplar sempre a mesma paisagem.

O padre não disse nada.

- Eu estava estudando para ser montanha - continuei. - ^{cada coisa} Tinha ~~tudo~~ no seu lugar certo. Ia entrar para um emprego público, casar-me, ensinar a religião dos meus pais aos meus filhos, embora não acreditasse mais nela.

"Hoje estou ^{decidida a} ~~pronta para~~ largar tudo isto, e seguir o homem que amo. Ainda bem que desisti de ser montanha - não ia aguentar muito tempo."

- Você diz coisas sábias, ~~o padre falou~~

- Tenho me surpreendendo comigo mesmo, ~~o padre falou~~. Antes só conseguia falar da infância.

Levantei-me e continuei a descer. O padre respeitou meu silêncio, e não tentou ~~me~~ conversar comigo até chegarmos na estrada.

Eu peguei suas mãos, e as beijei.

- Quero me despedir. Mas quero dizer que entendo o senhor, e o seu amor por ele.

O padre sorriu, e me abençoou.

- Também entendo seu amor por ele - disse.

(abuiu pap)

Durante o resto daquele dia caminhei pelo vale. Brin-

quei com a neve, estive em uma cidade próxima a Saint Sauvin, comi um sanduiche de patê, fiquei olhando alguns garotos que jogavam futebol.

Na igreja de outro povoado, eu acendi uma vela. Fechei os olhos, e repeti as invocações que aprendera no dia anterior. Depois comecei a pronunciar palavras sem sentido - enquanto me concentrava na imagem de um crucifixo atrás do altar. Aos poucos, o dom das linguas foi tomando conta / de mim. Era mais fácil do que eu pensava.

~~Não era difícil~~ Podia parecer bobagem - murmurar coisas, dizer palavras que não se conhece, e que não significam nada para o nosso raciocínio. Mas o Espirito Santo estava conversando com minha alma, e dizendo coisas que ela precisava ouvir.

Quando senti que estava suficientemente purificada, fechei os olhos e rezei:

"Nossa Senhora, me devolve a fé. Que eu possa também ser um instrumento do Teu trabalho. Dai-me a oportunidade de aprender ^{o amor do meu} ~~com o amor, que sinto~~ Porque o amor nunca afastou ninguém de seus sonhos.

"Que eu seja companheira e aliada do homem que amo. Que ele faça tudo que teria que fazer - ao meu lado."

(Abre pg)

149

Quando voltei para Saint Sauvin já era quase noite. O carro estava parado diante da casa onde havíamos alugado o quarto.

- Onde voce esteve? - ele perguntou, assim que me viu.

- Andando e rezando - respondi.

Ele me deu um forte abraço.

- Por instantes, tive medo que voce tivesse ido embora.

Voce é a coisa mais preciosa que tenho nesta terra.

- Você também - eu respondi.

Nos paramos num povoado perto de San Martin de Unx. A travessia dos Pirineus havia demorado mais do que pensavamos - por causa da chuva e da neve do dia anterior.

- Precisamos encontrar alguma coisa aberta - (ele disse), saltando do carro. - Estou com fome.

Eu não me movi.

- Venha - insistiu, abrindo minha porta.

- Eu queria fazer uma pergunta, ~~disse, sem saltar do carro~~ Uma pergunta que nunca fiz desde que nos encontramos.

Ele ficou sério na mesma hora. Eu ri da sua preocupação.

- E' uma pergunta muito importante?

- Muito importante - respondi. - Onde estamos indo?

Os dois explodiram em gargalhadas. tentando parecer séria.

- A Zaragoza - respondeu, aliviado.

Eu saltei do carro, e começamos a procurar um restaurante aberto. Seria quase impossível, a aquela hora da noite.

- Quando voce tem que chegar a Barcelona? - perguntei.

Ele não respondeu, e seu rosto ficou sério. "Devo evitar estas perguntas", pensei comigo mesma. "Pode parecer que estou tentando controlar sua vida."

Andamos um pouco sem conversar nada. Na praça da cidadezinha, havia um letreiro iluminado: Meson El Sol.

- Ali está aberto. Vamos comer - foi seu único comentário.

["Não, não é impossível. A Oetra está aberta mais comigo. Os miótopes acontecem"; disse para mim mesma.

Os pimentões vermelhos com anchovas estavam dispostos na forma de estrela. Ao lado, o queijo manchego, em fatias quase transparentes.

No centro da mesa, uma vela acesa, e uma garrafa de vinho Rioja, quase pela metade.

- Isto era uma adega medieval - ~~disse~~ ^{comentou} o rapaz que servia, ~~quando perguntamos~~.

Não havia quase ninguém no bar, aquela hora da noite. Ele levantou-se, foi ~~ao~~ ^{ao} telefone, e voltou para a mesa. Senti vontade de perguntar para quem ~~tinha~~ ^{havia} ligado - mas desta vez consegui me controlar.

- Ficamos abertos até as duas e meia da manhã - continuou o rapaz. - Mas, se quiserem, podemos trazer mais presunto, queijo e vinho, e vocês ficam na praça. O álcool afasta ^o frio.

- Não vamos demorar tanto - ele respondeu. - Temos que chegar em Zaragoza antes que amanheça.

O rapaz voltou para o balcão. ^{Tornamos} ~~Ele começou~~ a encher nossos copos. Eu (de novo sentia) a leveza que sentira em Bilbao - a suave embriaguez do Rioja, que nos ajuda a dizer e ouvir coisas difíceis.

- Você está cansado de dirigir, e estamos bebendo - ~~eu falei, enquanto amha o vinho escurecer por mais depois de mais um gole.~~ ^{falei,} - É melhor ficar por aqui. Eu vi um Parador (*) enquanto caminhávamos.

Ele comandou com a cabeça.

- Olhe para esta mesa a nossa frente. ^{foi seu comentário.} Os japoneses chamam a isto de shibumi: a verdadeira sofisticação das coisas simples. As pessoas se enchem de dinheiro, vão a lugares caros, e

(*) - antigos castelos e monumentos históricos foram transformados em hotéis pelo governo espanhol. (Nota do autor)

acham que estão sendo sofisticadas.

Eu bebi mais vinho.

O Parador. Mais uma noite ao seu lado.

A virgindade que misteriosamente se refizera.

- E curioso ouvir um seminarista falando de sofisticação - disse, tentando concentrar-me em outra coisa.

- Pois aprendi isto no seminário. ~~ele disse~~ Quanto mais nos aproximamos de Deus através da fé, mais simples Ele se torna. E quanto mais simples ele se torna, mais forte é sua presença.

" Por isso Jesus veio a terra como carpinteiro. Muitas pessoas - que se dizem ilustradas - argumentam que Ele esteve no Tibet, ou na India, ou com grandes sábios, estudando os grandes mistérios religiosos. Que bobagem! Se fosse assim, ele teria nascido como escriba, ou sacerdote.

Sua mão deslizou pela tábua da mesa.

- Cristo aprendeu sua missão enquanto cortava a madeira, e fazia cadeiras, camas, armários. Veio como carpinteiro, para nos mostrar que - não importa o que façamos - tudo pode nos levar a experiência do amor de Deus.

Ele parou de repente.

- Não quero falar disso - disse. - Quero falar de outro tipo de amor.

Suas mãos tocaram meu rosto.

O vinho tornava ~~estas~~ coisas mais fáceis para ele. E para mim.

- Por que voce parou de repente? Por que não quer falar de Deus, da Virgem, do mundo espiritual?

- Quero falar de outro tipo de amor - insistiu. -
Aquele que um homem e uma mulher compartilham, e onde também se
manifestam os milagres.

~~Eu~~ Segurei suas mãos. Ele podia conhecer os grandes
mistérios da Deusa - mas de amor sabia tanto quanto eu. Mesmo que
tivesse viajado tanto.

E teria que pagar um preço: a iniciativa. Porque a
mulher paga o preço mais alto: a entrega.

Ficamos de mãos dadas por um longo tempo. Eu lia em
seus olhos os medos ancestrais que o verdadeiro amor coloca como
provas a serem vencidas. Eu li a lembrança da rejeição da noite
anterior, o longo tempo que passamos separados, os anos passados
no mosteiro em busca de um mundo onde estas coisas não aconteci-
am.

Eu lia em seus olhos as milhares de vezes em que havia
imaginado este momento, os cenários que havia construído ao nosso
redor, o cabelo que eu devia estar usando e a cor da minha roupa.
Eu queria dizer "sim", que ele seria bemvindo, que o meu coração
havia vencido a batalha. Eu queria dizer o quanto o amava, o
quanto o desejava naquele momento.

Mas continuei em silêncio. Assisti, como se fosse um
sonho, a sua luta interior. Vi que tinha diante dele o meu
"não", o medo de me perder, as palavras duras que escutou em
momentos semelhantes em sua vida - porque todos nós passamos por
isto, e acumulamos cicatrizes.

Ele ~~foi~~ vencendo todas aquelas barreiras e seus olhos
começaram a brilhar. *Sabia que estava*).

Então soltei uma das mãos, peguei um copo, e coloquei na beirada da mesa.

- Vai cair - disse ele.

- Exato. Quero que voce o derrube.

- Quebrar um copo?

Sim, quebrar um copo. Um gesto aparentemente simples, mas que envolvia pavores que nunca chegaremos a compreender ^{direito} ~~bem~~. O que há de errado em quebrar um copo barato - quando todos nós já fizemos isto sem querer alguma vez na vida?

- Quebrar um copo ? - ele repetiu. - Por que?

- Posso dar algumas explicações - respondi. - Mas, na verdade, é apenas por quebrar.

- Por voce?

- Claro que não.

Ele olhava o copo de vidro na beira da mesa - preocupado com que caísse.

"E' um rito de passagem, como voce mesmo fala", ^{tive} ~~senti~~ vontade de dizer. "E' o proibido. Copos não se quebram de propósito. Quando entramos em restaurantes ou em nossas casas, tomamos cuidado para que os copos não fiquem na beira da mesa. Nosso universo exige que ~~os copos~~ ^{tomemos cuidado} para que ^{os} copos não caiam no chão.

"Entretanto", continuei pensando, " quando ~~os~~ ^{os} quebramos sem querer, vemos que não era tão grave assim. O garçon diz 'não tem importância', e nunca na vida vi um copo quebrados ser ^{de} incluído na conta ~~em~~ um restaurante. Quebrar copos faz parte da vida e não causamos nenhum dano a nós, ao restaurante, ou ao próximo."

Eu dei um esbarrão na mesa. O copo balançou, mas não

caiu.

- Cuidado! - disse ele, instintivamente.

- Quebre o copo - eu insisti.

"Quebre o copo", pensava comigo mesma, " porque é um gesto simbólico. Procure entender que eu quebrei dentro de mim coisas muito mais importantes que um copo, e estou feliz por isto. Olhe para a sua própria luta interior, e quebre este copo.

"Porque, nossos pais nos ensinaram a tomar cuidado com os copos, e com corpos. Ensinaram que as paixoes de infância são impossiveis, que não devemos afastar homens do sacerdócio, que as pessoas não fazem milagres, e que ninguém sai para uma viagem sem saber onde vai.

"Quebre este copo, por favor - e nos liberte de todas estes conceitos malditos, esta mania que se tem de explicar tudo e só fazer aquilo que os outros aprovam".

- Quebre este copo - eu pedi mais uma vez.

Ele fixou seus olhos nos meus. Depois, devagar, desli-
zou sua mão pelo tampo da mesa, até toca-lo. Num rápido movimen-
to, empurrou-o para o chão.

O barulho do vidro quebrando chamou a atenção de todos.
~~para a mesa~~ Ao inves de disfarçar o gesto com algum pedido
de desculpas, ele me olhava sorrindo - e eu sorria de volta.

- Não tem importância - gritou o rapaz que atendia as
mesas.

Mas ele não escutou. Havia se levantado, me agarrado

pelos cabelos, e me beijava.

Eu também o agarrei nos cabelos, o abracei com toda força, mordi seus lábios, senti sua língua se movendo dentro de minha boca. Era um beijo que havia esperado muito - que havia nascido junto aos rios de nossa infância, quando ainda não compreendíamos o significado do amor. Um beijo que ficou suspenso no ar quando crescemos, que viajou pelo mundo através da lembrança de uma medalha, que ficou escondido atrás de pilhas de livros de estudos para um emprego público.)

(Um beijo que se perdeu tantas vezes e que agora tinha sido encontrado. Naquele minuto de beijo estavam anos de buscas, de desilusões, de sonhos impossíveis.

Eu o beijei com força. As poucas pessoas que estavam naquele bar devem ter olhado, e pensavam estar vendo apenas um beijo. Não sabiam que naquele minuto de beijo estava o resumo da minha vida, da vida dele, da vida de qualquer pessoa que espera, sonha, e busca o seu caminho debaixo do sol.

Naquele minuto de beijo estavam todos os momentos de alegria que vivi.

(abre papia)
(ve texto ① ua papia refiunt)

Nos amamos a noite inteira - e o amor se misturava com sono e sonhos. Eu o sentia dentro de mim, e o abraçava para ter certeza de que aquilo estava acontecendo mesmo, para não deixar que partisse de repente - como os cavaleiros andantes que algum

dia habitaram o velho castelo transformado em hotel. As silenciosas paredes de pedra pareciam contar histórias de donzelas que ficavam esperando, das lágrimas derramadas, e dos dias sem fim a janela, olhando o horizonte, em busca de um sinal ou uma esperança.

Mas eu jamais passaria por isto, prometi a mim mesma. Não iria perde-lo nunca. Ele sempre estaria comigo - porque eu escutei as línguas do Espírito Santo, olhando um crucifixo por detrás de um altar, e elas não disseram que eu estava cometendo um pecado.

Eu seria sua companheira, e juntos desbravariamos o mundo que estava para ser criado de novo. Falaríamos da Grande Mãe, lutaríamos do lado do Arcanjo Miguel, viveríamos juntos a agonia e extase dos pioneiros. Isto me disseram as línguas - e eu havia recuperado a fé, sabia que falavam a verdade.

① (entia na pg. anterior)

Ele tirou a minha roupa e me penetrou com força, com medo, com vontade. Senti alguma dor, mas aquilo não tinha importância - Como sequer tinha importância o meu prazer naquele momento. Eu passava as mãos em sua cabeça, escutava seus gemidos, e afadecia a meus pés porque ele estava ali, dentro de mim, me fazendo sentir como se fosse a primeira vez.

116
→
158-A

quinta-feira, 9 de dezembro 1993

Acordei com os seus braços em cima de meus seios. ~~talvez~~
Já era dia claro, e os sinos de uma igreja próxima estavam tocando.

Ele beijou-me. ~~Depois,~~ Suas mãos acariciaram mais uma vez o meu corpo.

- Temos que ir - disse. - Hoje ~~o final~~ ^{acabam os} feriados, as estradas devem estar congestionadas.

- Não quero ir para Zaragoza - respondi. - Quero seguir direto para onde voce vai. Os bancos abrem ^{daqui a pouco,} ~~hoje,~~ posso usar o cartão para pegar dinheiro e comprar roupas.

- Voce me disse que não tem muito dinheiro.

- Eu dou um jeito. Tenho que romper sem piedade com meu passado. Se voltar ^{a Zaragoza,} ~~hoje,~~ posso achar que estou fazendo uma tolice; que falta pouco para as provas, que podemos esperar dois meses separados - até que eu ^{termine os} ~~passar os~~ exames. ^{Não, não posso voltar.}

"E, se eu passar, não vou querer sair de Zaragoza. Preciso queimar as pontes que me ligam com a mulher que fui."

- Barcelona - ele disse, para si mesmo.

- O que?

- Nada. Vamos continuar viajando.

- Mas voce tem uma palestra.

- Ainda faltam dois dias - ele respondeu. Sua voz soava estranha. ^{Barcelona.} - Vamos a outro lugar. Não quero ir direto para

eu Levantei-me. Não queria pensar em problemas - talvez tivesse acordado como sempre se acorda depois da primeira noite de amor com alguém: com uma certa cerimônia e vergonha.

Também estava se passando comigo a mesma coisa. Fui até a janela, abri uma fresta da cortina, e olhei a pequena rua a

nossa frente. Os balcões das casas tinham roupas estendidas para secar. Os sinos tocavam lá fora.

- Tenho uma idéia - ^{fali.} disse. - Vamos a um lugar que já fomos quando crianças. Nunca mais voltei lá.

- Onde?

- Vamos ao ^Mosteiro de Piedra.

≡

Cabou paf.

Quando saímos do hotel, os sinos continuavam tocando, e ele sugeriu que entrássemos um pouco na igreja.

- Não temos feito outra coisa - eu respondi. - Igrejas, orações, rituais.

- Fizemos amor - disse ele. - Nos embriagamos três vezes. Caminhamos pelas montanhas. Temos equilibrado bem o Rigor e a Misericórdia.

Eu havia dito uma bobagem. Precisava me acostumar com uma nova vida.

- Me desculpe - disse.

- Entramos por pouco tempo. Estes sinos são um sinal.

Ele tinha toda razão, mas eu só ia ~~entender~~ ^{perceber} isto no dia seguinte. Sem que percebesse o sinal oculto, pegamos o carro e nos dirigimos ao Hotel da Piedra e não passamos durante quatro horas até o Hotel da Piedra.

O teto havia desabado, e as poucas imagens que ainda existiam estavam sem a cabeça - exceto uma.

Olhei em volta. No passado, aquele ~~tempo~~ ^{lugar} devia ter abrigado homens de vontade forte, que cuidavam para que cada pedra estivesse limpa, e ^{que estivesse} cada banco ^{ocupado por um} ~~fosse um lugar destinado~~ dos poderosos da época.

Mas tudo que via agora em minha frente eram ruínas. As ruínas que, na infância, ~~eram~~ ^{se transformavam} castelos onde brincávamos juntos, e onde eu procurava meu príncipe encantado.

Durante séculos, os monges do ~~mosteiro~~ ^m de Piedra guardaram para si aquele pedaço do paraíso. Situado do fundo de uma depressão geográfica, ^{tinham} conseguiram ter de graça o que os povoados vizinhos precisavam ^{mendi-gar para cozinhar:} pedir: água. Ali, o rio Piedra se espalhava em dezenas de cachoeiras, riachos, lagos, fazendo com que uma vegetação luxuriante se desenvolvesse ^{a sua volta.}

Entretanto, bastava caminhar algumas centenas de metros, e sair do canyon: tudo em volta era aridez e desolação. O próprio rio, quando terminava de cruzar a depressão geográfica, transformava-se de novo num pequeno fio d'água - como se tivesse gasto naquele lugar toda a sua juventude e energia.

Os monges sabiam disto, e a água que forneciam aos vizinhos custava caro. Um sem-número de lutas entre os sacerdotes e os povoados marcou a história do mosteiro.

Finalmente, durante uma das muitas guerras que sacudiram a Espanha, o mosteiro de Piedra foi transformado em quartel. Cavalos passeavam pela nave central da igreja, soldados acampavam entre seus bancos, ^{contavam histórias pornográficas, e} faziam amor com as mulheres dos povoados vizinhos.

A vingança - embora tardia - havia chegado. O mosteiro foi saqueado e destruído.

Nunca mais os monges conseguiram reaver ~~aquele~~ ^{esse} ~~aquele~~ ^{aquela} paraíso. Em uma das muitas batalhas jurídicas que se seguiram, alguém disse que os habitantes dos povoados vizinhos executaram uma sentença de Deus.

Cristo dissera: "dai de beber a quem tem sede", e os padres ficaram surdos as suas palavras. Por ~~isso~~ ^{esse motivo,} Deus expulsou os que se julgavam donos da Natureza.

É talvez fosse por isso que - embora grande parte do convento houvesse sido reconstruída e transformada em hotel, a igreja ^{principal} ainda permanecia em ruínas. Os descendentes dos povos vizinhos ~~ainda se lembravam~~ ^{continuaram se lembrando} do preço alto que seus pais tiveram que pagar - ~~para ter~~ ^{por} uma coisa que a natureza dava de graça.

- De quem é a ^{única} ~~imagem~~ ^{com} ~~que ainda tem a cabeça?~~ - perguntei.

- Santa Tereza D'Avila - ele respondeu. - Ela tem ^{mesmo com toda a sede de vingança que as guerras trazem,} poder. E ^{ninguém} ~~ninguém~~ ousou toca-la.

Ele me pegou pela mão, e saímos. Passeamos pelos gigantes ~~e gelados~~ corredores do convento, subimos as largas escadas de madeira, e vimos as borboletas nos jardins internos do claustro.

Eu me lembrava de cada detalhe daquele mosteiro - porque estivera ali na infância, e as memórias antigas parecem mais vivas do que as lembranças recentes.

- Memória. O mes anterior - e os dias anteriores aquela

semana - pareciam fazer parte de uma outra encarnação minha. Uma época que eu não queria voltar nunca mais, porque suas horas não tinham sido tocadas pela mão do amor. Eu me sentia como se tivesse vivido o mesmo dia durante anos a fio, despertando do mesmo jeito, repetindo as mesmas coisas, e indo dormir sempre com os mesmos sonhos.

Lembrei-me de meus pais, dos pais de meus pais, e de muitos amigos meus. Lembrei-me de quanto tempo passei ^{lutando} ~~estudando~~ para conseguir uma coisa que eu não queria.

Por que fizera isto? Não conseguia encontrar uma explicação. Talvez porque tinha preguiça de pensar em outros caminhos. ^{pelo medo do que os outros iam pensar.} Talvez porque desse muito trabalho. ^{ser diferente.} Talvez porque o ser humano está condenado a repetir os passos da geração anterior, até que - e eu me lembrei do padre superior - um determinado número de pessoas começa a se comportar ~~de outra~~ ^{de outra} maneira.

Então, o mundo muda, e nós mudamos com ele.

Mas eu não queria ser mais assim. O destino me devolveu ^{me dava} o que era meu, e agora ~~eu tinha~~ a possibilidade de mudar a mim mesma, e de ajudar a transformar o mundo.

Pensei de novo nas montanhas, e nos alpinistas que encontramos quando passeávamos. Eram jovens, tinham as roupas coloridas para chamar a atenção ~~em caso de~~ ^{sem} se perderem, e conheciam a trilha certa até os cumes.

As encostas já estavam com pino de alumínio cravados: tudo que precisavam fazer era usar ganchos para passar suas cordas e subir com segurança. Estavam ali para uma aventura de feriado, e na segunda feira retornariam ao seus trabalhos, com a sensação de haverem desafiado a natureza - e vencido.

Mas não era nada disso. Aventureiros foram os primeiros, os que decidiram descobrir os caminhos. Alguns nem chegaram a metade, e caíram em fendas na rocha. Outros perderam seus dedos, gangrenados pelo frio. ^{Muitos} ~~Outros~~ nunca mais foram vistos. Mas um dia, alguém chegou ^{ao alto} ~~em cima~~ de um daqueles picos.

E seus olhos foram os que primeiro viram aquela paisagem, e seu coração bateu com alegria. Ele havia aceito os riscos, e agora honrava - com a sua conquista - todos ^{os} ~~aqueles~~ que haviam morrido enquanto tentavam.

E' possível que as pessoas lá embaixo pensassem: " Não tem nada lá em cima, apenas uma paisagem; que graça tem isto?"

Mas o primeiro alpinista sabia qual era a graça: ~~estava~~ ~~viver~~ aceitar os desafios e ir adiante. Saber que nenhum dia era igual ao outro, e que cada manhã tinha seu milagre especial, seu momento mágico, onde velhos universos se destruíam, e novas estrelas se criavam.

O primeiro homem que subiu aquelas montanhas deve ter feito a mesma pergunta, ao olhar aquelas casinhas lá embaixo com suas chaminés fumegando: " O dia deles parece sempre igual; que graça tem isto?"

-

Agora as montanhas já estavam conquistadas, os astronautas já tinham andado no espaço, não havia mais nenhuma ilha na Terra - por menor que fosse - que pudesse ser descoberta. Mas sobravam as grandes aventuras do espírito - e uma delas me estava sendo oferecida agora.

Era uma benção. O padre superior não entendia nada.

Estas dores não machucam.

podem dar os primeiros passos.

Bem-aventurados os que ~~pudesse ajudar nestas passoes~~

Um

dia as pessoas saberiam que o homem era capaz de falar a lingua dos anjos, que todos nós tinhamos os dons do Espirito Santo, e que podiamos fazer milagres, curar, profetizar, entender.

(cabu pt.)

168

Passamos a tarde caminhando pelo canyon, lembrando os tempo de infância. Era a primeira vez que ele fazia isto; em nossa viagem ~~de Madrid~~^{até} Bilbao, ~~ele~~ parecia não se interessar mais por Soria.

Agora, porém, me pedia detalhes de cada um de nossos amigos, queria saber se estavam felizes, e o que estavam fazendo na vida.

Chegamos finalmente até a maior cachoeira do Piedra - que junta as águas de pequenos riachos espalhados, e as atira de uma altura de quase trinta metros. Ficamos parados na margem, escutando o ruído ensurdecedor, contemplando um arco-iris na neblina que as grandes quedas d'água formam.

- A "Cauda do Cavalo" -eu disse, surpresa por ainda saber um nome que já havia escutado há tanto tempo.

- Eu estou me lembrando... - ele começou.

- Sim! Eu sei o que voce vai dizer!

Claro que sabia! A queda d'água escondia uma gigantesca gruta. Ainda crianças, quando voltamos de nosso primeiro passeio ao mosteiro de Piedra, ficamos comentando sobre aquele lugar dias seguidos.

-A caverna - ele completou. - *Vamos até lá!*

Era impossível ~~mas~~^{mas} passar por debaixo da torrente de água que caía. Os antigos monges construíram um túnel que saía do ponto mais alto da cachoeira, descendo por dentro da terra, até a parte de trás da gruta.

Não foi difícil achar a entrada. Durante o verão, talvez existissem luzes para mostrar o caminho; Mas nós éramos as

únicas pessoas ali, e o túnel estava completamente as escuras.

- Vamos assim mesmo? - perguntei.

- Claro. Confia em mim.

Começamos a descer pelo buraco ao lado da cachoeira. Embora a escuridão nos cercasse, sabíamos onde estávamos indo - e ele dissera para que confiásse nele.

"Obrigado, Senhor", eu pensava, enquanto penetrávamos cada vez mais fundo no seio da terra. "Porque eu era uma ovelha perdida, e Tu me trouxeste de volta. Porque minha vida estava morta, e Tu a ressuscitaste. Porque o amor não habitava mais ~~no~~ meu ~~coração,~~ e Tu me devolveste esta graça."

Eu segurava no seu ombro. O meu amado guiava meus passos pelos caminhos de treva, sabendo que tornaríamos a encontrar a luz, e nos alegraríamos com ela. Podia ser que, em nosso futuro, existissem momentos em que esta situação se invertesse; então eu o guiaria com o mesmo amor e a mesma certeza, até chegarmos a um lugar seguro, onde pudessemos descansar juntos.

Andávamos devagar, e a descida parecia não terminar nunca.

↖ Talvez ali estivesse um novo rito de passagem - final de uma época em que nenhuma luz brilhava ~~mais~~ em minha vida. A medida que eu caminhava por aquele túnel, lembrava de quanto tempo havia perdido no mesmo lugar, tentando criar raízes num solo onde nada mais crescia.

↖ Mas Deus era bom, e me dera de volta o entusiasmo perdido, as aventuras que sonhei, o homem que - sem querer -

→ porque havia muitas maneiras de servir a Deus, como o padre/70
dizera, e eu havia amado multiplicar estas maneiras.

havia esperado por toda a minha vida. Eu não ~~me~~ sentia ~~arrependi-~~
~~do~~ pelo fato de ele estar ^{qualquer remorso} ~~de~~ porque ele estava deixando o seminário; A partir de agora, eu
também tinha a chance de servir ^{e ajudar} ~~no próximo~~ - tudo por causa dele.

Sairíamos pelo mundo, ele levando conforto aos outros,
e eu levando conforto a ele.

"Obrigado, Senhor, por me ajudar a servir. Me ensina a
^{ser digna disso.} ~~ajudar-te~~. Me dá forças para ser parte de sua missão, caminhar com
ele pela Terra, desenvolver ^{honoravelmente} ~~de novo~~ minha vida espiritual. Que
todos os nossos dias sejam como ^{foram} ~~estes~~ - de lugar em lugar,
~~vivendo com o máximo de intensidade possível.~~ Curando os doentes,
confortando os tristes, falando do amor da Grande Mãe por nós
todos."

De repente, o barulho da água voltou, a luz inundou
nosso caminho, e o túnel negro se transformou num dos mais
belos espetáculos da Terra. Estávamos dentro de uma imensa caver-
na - do tamanho de uma catedral. Três paredes eram de pedra; a
quarta parede era a "Cauda de Cavalo", com sua água descendo e
caindo no lago verde-esmeralda aos nossos pés.

Os raios do sol poente atravessavam a cachoeira e as
paredes molhadas brilhavam.

Ficamos recostados na pedra, sem dizer nada.

Antes, quando éramos crianças, este lugar era o escon-
derijo dos piratas, que guardava os tesouros de nossas fantasias
infantis. →

Agora, era o milagre da Mãe Terra; eu me sentia em seu
ventre, sabia que Ela estava ali, nos protegendo com suas paredes

de pedra, e lavando nossos pecados com sua parede de água.

- Obrigado - eu disse em voz alta.

- A quem voce agradece?

- A Ela. E a voce, que foi um instrumento para que a minha fé voltasse.

Ele aproximou-se da beira do lago subterrâneo. Contemplou suas águas, e sorriu.

- Venha até aqui - ele pediu.

Eu me aproximei.

- Tenho que lhe contar algo que ainda não sabe - ele disse.

Suas palavras me deixaram apreensiva. Mas seu olhar estava tranquilo, e eu tornei a me acalmar.

- Todas as pessoas sobre a face da Terra tem um dom - começou. - Em algumas ele se manifesta espontaneamente, e outras precisam trabalhar para encontra-lo. Eu trabalhei meu dom, durante os quatro anos que passei no seminário.

Agora eu precisava "contracenar", para usar um termo que ele havia me ensinado, ^{o velho nos ~~banhou~~ ~~banhou~~} quando ~~estava~~ na igreja. ~~dele~~

~~Martin de W...~~

Eu tinha que fingir que não sabia de nada.

"Não está errado", pensei. " Não é um roteiro de frustração, mas de alegria".

- O que se faz no seminário? - perguntei, procurando ganhar tempo para melhor desempenhar meu papel.

- Não vem ao caso - disse. - O fato é que desenvolvi um dom. Sou capaz de curar, quando Deus assim desejar.

- Que bom - respondi, tentando parecer surpresa. - Não gastaremos dinheiro com médicos!

Ele não riu. E eu me senti como uma idiota.

- Desenvolvi meus dons através das práticas carismáticas que voce viu - continuou. - No começo, ^{ficava} ~~me~~ fiquei surpreso; orava, pedia a presença do Espírito Santo, impunha minhas mãos, e devolvia a saúde a muitos doentes. A minha fama começou a se espalhar, e - todos os dias - pessoas faziam fila na porta do seminário, esperando que eu os socorresse. Em cada ferida ^{infacta} ~~aberta~~ _{e malcheirosa} ~~tanta~~ eu via as chagas de Jesus.

- ~~Eu~~ Tenho orgulho de voce - ~~digo~~ falei.

- Muita gente do mosteiro ficou contra, mas meu superior me deu todo o apoio.

- Continuaremos este trabalho. Seguiremos juntos pelo mundo. ^Feu limparei as feridas, voce as abençoará, e Deus manifestará seus milagres.

Ele desviou os olhos de mim, e fixou-os no lago. Parecia haver uma presença naquela caverna - algo semelhante a noite que nos embriagamos ^{junto ao} ~~no~~ poço de Saint Sauvin.

- Eu já lhe contei, ~~em Saint Sauvin~~ ^{em Saint Sauvin} mas vou repetir - continuou. - Certa noite, acordei com o quarto todo iluminado. Vi o rosto da Grande Mãe, e seu olhar de amor. A partir deste dia, comecei a ve-la de vez em quando. Não consigo provocar, mas de vez em quando ela aparece.

"A esta altura, eu já estava a par do trabalho dos ^{verdadeiros revolucionários da Igreja.} ~~Esclarecidos.~~ Sabia que minha missão na Terra, além de curar, era aplainar o caminho para que ^{Deus-Mulher} ~~a Deusa~~ fosse de novo aceite. O principio feminino, a coluna da Misericórdia tornaria a se

erguer - e o Templo da Sabedoria seria reconstruído no coração dos homens."

Eu o olhava. Sua expressão, que antes era tensa, voltou a ficar tranquila.

- Isto tinha um preço - que eu estava disposto a pagar.

Ele ficou quieto, sem saber como continuar sua história.

- O que voce quer dizer com "estava"? - perguntei.

- O caminho da Deusa poderia ser aberto apenas com palavras e milagres. Mas o mundo não funciona assim. Vai ser mais duro; lágrimas, incompreensão, sofrimento.

"Aquele padre", pensei comigo mesma." Tentou colocar medo ^{no coração} dele. Mas eu serei seu conforto*.

- O caminho não é de dor, é da glória de servir - ^{respon-di.}

- A maioria dos seres humanos ^{ainda} desconfia do amor. ^{mas}

Senti que queria me dizer algo, e não estava conseguindo. Talvez eu ^{pudesse} ~~conseguisse~~ ajuda-lo.

- Eu estava pensando nisto - interrompi. - O primeiro homem que escalou o pico mais alto dos Pirineus foi porque entendeu que a vida sem aventura não tinha graça.

- O que voce entende de graça? - perguntou, e vi que estava de novo tenso. - Um dos nomes da Grande Mãe é Nossa Senhora das Graças - e suas mãos generosas derramam suas bênçãos sobre todas as pessoas que sabem recebe-las.

" Nunca podemos julgar a vida dos outros, porque cada

um sabe de sua própria dor e renúncia. Uma coisa é voce achar que está no caminho certo; outra é achar que seu caminho é o único.

"Jesus disse: a casa de meu Pai tem muitas moradas. O dom é uma graça. Mas também é uma graça saber levar ^{uma} ~~esta~~ vida ^{de} ~~com~~ dignidade, ^{de} amor ao próximo, e ^{de} trabalho. "

Eu não disse nada. Ele segurou minha mão.

- Me perdoa a intolerância.

Beijei sua mão e a coloquei no meu rosto.

- E' isto que quero lhe explicar - disse ele, novamente sorrindo. - Que, a partir do momento que reencontrei voce, entendi que não podia fazer ~~la~~ ^{sofrer} ~~la~~ com a minha missão.

Eu comecei ficar ~~alhe~~ inquieta.

- Ontem, eu menti. Foi a primeira e última mentira que lhe contei - continuou. - Na verdade, ao invés de ir para o seminário, eu fui para a montanha, e conversei com a Grande Mãe.

" Disse que - se Ela quisesse - eu me afastaria de voce e continuaria meu caminho. Continuaría com a porta cheia de doentes, com as viagens no meio da noite, com a incompreensão dos que querem negar a fé, com o olhar cinico dos que desconfiam que o amor salva. Se Ela me pedisse, eu renunciaria a coisa que mais quero no mundo: voce.

Me lembrei de novo do padre. Ele tinha razão. Uma escolha estava sendo feita naquela manhã.

- Entretanto, - continuou - se fosse possível afastar este cálice de minha vida, eu prometia servir o mundo através do meu amor por voce.

- O que voce está dizendo ? - perguntei, assustada.

Ele pareceu não me ouvir.

Sem aparecer muito

Naia teve um esposo ^{na terra} que procurou ~~trabalhar~~ ^{demonstrar o valor do anônimo.} ~~trabalhar~~. Enquanto ~~trabalhava~~ ^{trabalhou} como sua mulher ou seu filho, foi ele que proveu ~~com~~ ^{com} teto ~~para~~ e alimento para que sua mulher e seu filho pudessem fazer tudo o que fizeram. Seu trabalho tem tanta importância como o trabalho deles,

- Não é preciso tirar as montanhas dos lugares para provar a fé - disse. - Eu estava pronto para encarar sozinho o sofrimento, mas não ^{para} dividi-lo. Se continuasse naquele caminho, jamais teríamos uma casa com as cortinas brancas e a visão das montanhas.

Eu nem ~~consegui~~ ^{quize} entrar nela!

- Eu não quero saber desta casa! - falei, procurando conter-me para não gritar. - Eu quero te acompanhar, estar contigo em tua luta, fazer parte dos que se aventuraram primeiro. Será que voce não entende? Voce me devolveu a fé!

O sol havia mudado de posição, e seus raios agora inundavam as paredes da caverna. Mas toda aquela beleza começava a perder seu significado.

Deus escondeu o inferno no meio do paraíso.

- Voce não sabe - disse ele, e vi que seus olhos imploravam para que eu o compreendesse. - Voce não sabe o risco.

- Mas voce era feliz com ele! ~~eu disse.~~

- Eu sou feliz com ele. Mas ele é o meu risco.

Eu quis interrompe-lo, mas ele não me ouvia.

- Então, ontem, eu pedi a Virgem um milagre - continuou. - Pedi que retirasse meu dom.

Eu não acreditava no que estava escutando.

- Tenho um pouco de dinheiro, e toda a experiência que anos de viagem me deram. Compraremos uma casa, arranjarei um emprego, e servirei a Deus ^{como fez São José, com} a humildade de uma pessoa anônima. Não preciso mais de milagres para manter viva a minha fé. Preciso de voce.

As minhas pernas foram ficando fracas, como se fosse

desmaiar.

- E, no momento em que pedi a Virgem para retirar meu dom, comecei a falar as línguas - continuou. - ~~B~~As línguas me diziam o seguinte: " Coloque as mãos na terra. Seu dom sairá de voce, e voltará ao seio da Mãe."

Eu estava em pânico.

- Voce não...

- Sim. Eu fiz o que a inspiração do Espírito Santo mandava. A neblina começou a se dissolver, e o sol tornou a brilhar entre as montanhas. Senti que a Virgem me entendia - porque ela também amou muito.

- Mas ela seguiu seu homem! E aceitou os passos do filho!

- Não temos a força Dela, Pilar. O meu dom irá para outra pessoa - ele nunca é desperdiçado.

"Ontem, naquele bar, telefonei para Barcelona, e cancelei a palestra. Vamos para Zaragoza: voce conhece gente, e podemos começar por ali. Arranjarei logo um emprego. "

Eu não conseguia mais pensar.

- Pilar! - ele disse.

Mas eu já estava caminhando de volta para o túnel, sem nenhum ombro amigo para me guiar - seguida pela multidão de doentes que iam morrer, pelas famílias que iriam sofrer, pelos milagres que não seriam feitos, pelos risos que não enfeitariam o mundo, pelas montanhas que ficariam sempre no mesmo lugar.

Eu não via nada - apenas a escuridão quase física que me cercava.

159
177 →

sexta-feira, 10 de dezembro 1993

Na margem do rio Piedra eu me sentei e chorei. As memórias daquela noite são confusas e vagas. Sei apenas que estive perto da morte - mas não ^{me} lembro como é o seu rosto, e para onde me levava.

Gostaria de recordá-la - para que pudesse também expulsá-la de meu coração. Mas não consigo. Tudo parece um sonho - desde o momento em que sai daquele túnel escuro, ^{e encontrei} ~~passo~~ um mundo onde a noite também já havia descido.

Nenhuma estrela brilhava no céu. Lembro-me vagamente de ter caminhado até o carro, pego a pequena sacola que levava comigo, e começado a andar sem rumo. Devo ter caminhado até a estrada, tentado pegar ^{(de volta a Zaragoza,} uma carona) - sem ter conseguido. Terminei voltando aos jardins do mosteiro.

O barulho da água era onipresente - as cachoeiras estavam em todos os cantos, e eu via a presença da Grande Mãe, me perseguindo onde quer que eu fosse. Sim, ^{ela} havia amado o mundo; amara o mundo tanto quanto Deus - porque também dera seu filho para ser sacrificado pelos homens. Mas será que entendia o amor de ^{por} um homem? ~~por~~ ^{uma mulher?}

Ela podia ter sofrido por amor, mas era ~~um amor~~ diferente. Seu grande Noivo conhecia tudo, fazia milagres. Seu noivo na Terra ^{era um trabalhador humilde, que} acreditava em tudo que seus sonhos contavam. Ela nunca soube o que era ^{abandonar} ~~deixar~~ - ou ser ^{abandonada} ~~deixada~~ por um homem. Quando José pensou em expulsá-la de casa porque estava grávida, o Noivo dos céus logo enviou um anjo para evitar que isto acontecesse.

Seu filho lhe deixou.

✓ Ela foi deixada por seu filho. Mas filhos sempre deixam

seus pais. E' fácil sofrer por amor ao próximo, por amor ao mundo, ou por amor ao seu filho. Este sofrimento dá a sensação de que isto faz parte da vida, de que é uma dor nobre e grandiosa. E' fácil sofrer ~~este~~ ^{por} amor a uma causa, ou a uma missão: isto ~~faz parte de qualquer caminhada,~~ só engrandece o coração de quem sofre.

Mas como explicar o sofrimento por um homem? E' impossível. Então a gente se sente no inferno, porque não existe nobreza ou grandeza - apenas miséria.

(Cabe na jua)

Naquela noite eu me deitei no chão gelado, e o frio logo me anestesiou. Por instantes pensei que podia morrer se ~~passasse a noite no chão~~ ^{não arranjassem um aquecedor} - mas e daí? Tudo o que era mais importante em minha vida me fora dado generosamente em uma semana - e me fora tirado em um minuto, sem que tivesse tempo de dizer nada.

Meu corpo começou a tremer de frio, e eu não ligava. Em um dado momento, ele ia parar - porque teria gasto toda ~~a~~ ^{sua energia} ~~caloria~~ tentando me aquecer, e já não podia ^f/_zer mais nada. Então, o corpo voltaria a sua tranquilidade habitual, e a morte me acolheria em seus braços.

Tremi durante mais de uma hora. E a paz chegou.

Antes de fechar os olhos, comecei a escutar a voz de minha mãe. Ela me contava uma história já me havia contado quando eu era criança, sem nunca desconfiar que era uma história sobre mim.

"Um rapaz e uma moça se apaixonaram loucamente" dizia a voz de mamãe, ^{pa} mistura de sonho e delírio. "E resolveram ficar noivos. Os noivos sempre se dão presentes.

"O rapaz era pobre - seu único bem consistia num relógio que herdou do avô. Pensando nos belos cabelos de sua amada, resolveu vender o relógio para compra um lindo prendedor de cabelos, de prata.

"A menina tampouco tinha dinheiro para o presente de noivado. Então, foi até a loja do principal comerciante do lugar, e vendeu seus cabelos. Com o dinheiro, comprou uma corrente de ouro para o relógio para o seu amado.

"Quando se encontram, no dia da festa de noivado, ela lhe dá a corrente para um relógio que fora vendido, e ele lhe dá o prendedor para cabelos que não existiam mais."

~~(circled scribble)~~ (abe pafina)

Acordei com um homem me sacudindo.

- Beba! - dizia ele. - Beba rápido!

Eu não sabia o que se passava, nem tinha forças para resistir. Ele abriu minha boca, e me obrigou a tomar um líquido que me queimava por dentro. Reparei que estava em mangas de camisa - e que eu usava ~~o~~ seu agasalho.

- Beba mais! - insistia ele.

Eu não sabia o que estava se passando; mesmo assim, obedeci. Depois tornei a fechar os olhos.

(abe pafina)

Tornei a acordar ~~no~~ no convento, com uma mulher me olhando.

- A senhora quase morreu - disse ela. - Se não fosse o

vigia do mosteiro, não estaria mais aqui.

Eu me levantei trôpega, sem saber direito o que estava fazendo. Parte do dia anterior voltou a memória, e ~~eu~~ desejei que o vigia nunca tivesse passado por lá.

Mas agora, o tempo certo da morte havia passado. Eu ia continuar vivendo.

A mulher me levou até a cozinha, e me deu café, biscoitos, e pão com azeite. Não fez perguntas, e eu tampouco expliquei nada. Quando acabei de comer, me devolveu minha sacola.

- Veja se está tudo aí - disse.

- Deve estar. Eu não tinha nada, mesmo.

- Tem sua vida, minha filha. Uma longa vida. Cuide melhor dela.

- Existe uma cidade perto daqui que tem uma igreja - eu disse, ^{querendo chorar.} ^{Ontem, antes de vir para cá,} ~~Ha dois dias atrás.~~ Fei entrei nesta igreja com...

Eu não sabia como explicar.

- ...com um amigo de infância. Já estava farta de ficar visitando igrejas, mas os sinos estavam tocando, e ele disse que era um sinal, que precisavamos entrar.

A mulher encheu minha chicara, pegou um pouco de café para ela, e sentou-se para escutar minha história.

- Entramos na igreja - continuei. - Não havia ninguém, estava escuro. Fiquei tentando descobrir qualquer sinal, mas tudo que via eram os mesmos altares e os mesmos santos. De repente, escutamos um movimento na parte superior da igreja, onde fica o órgão.

"Entrou um grupo de rapazes, com violões, e começaram a

182

afinar os instrumentos. Resolvemos sentar para escutar um pouco de música, antes de sairmos de viagem.

"Pouco depois, um homem entrou e sentou-se ao nosso lado. Estava alegre, gritando para os rapazes que tocassem um pasodoble .

↑
- Uma música de touradas! - disse a mulher. - Espero que não tenham feito isto.

↑
- Não fizeram. Mas riram e tocaram uma canção flamenga. Eu e meu amigo de infância nos sentíamos como se os céus tivessem descido até nós; a igreja, a escuridão acolhedora, o som dos violões, e a alegria do homem ao nosso lado - tudo aquilo era um milagre.

"Pouco a pouco, a igreja foi enchendo. Os rapazes continuavam a tocar música flamenga, e cada um que ^mentrava sorria, e se deixava contagiar pela ~~mesma~~ alegria dos músicos.

"Meu amigo me perguntou se eu queria assistir a missa que devia começar daqui a pouco. Eu disse que não - tínhamos uma longa viagem pela frente. Resolvemos sair - mas antes, agradece-
mos a Deus por mais aquele lindo momento em nossas vidas.

"Assim que chegamos na porta, reparamos que muitas pessoas - ~~mas~~ muitas mesmo, talvez todos os habitantes daquela pequena cidade - estavam se dirigindo para a igreja. Eu pensei comigo mesmo: *este deve ser o último povoado inteiramente católico da Espanha. Talvez porque aqui as missas sejam muito animadas.*

" ~~antes~~ Ao entrarmos no carro, vimos um cortejo que se

aproximava. Traziam um caixão. Alguém havia morrido, e aquela era uma missa de corpo presente. ~~Assim~~ Assim que o cortejo chegou na porta da igreja, os músicos pararam as canções flamenguas e começaram a tocar um réquiem".

- Que Deus tenha piedade desta alma - disse a mulher, fazendo o sinal da cruz.

- Que tenha piedade - eu disse, repetindo seu gesto. - Mas, ~~mas~~ ~~entra~~ naquela igreja foi mesmo um sinal. De que a tristeza está sempre esperando no final da história.

~~Volto~~ A mulher me olhou e não disse nada. Então, ~~ela~~ ~~saiu~~ ^e ~~nao~~ ^{depois} alguns instantes ~~pegou~~ com várias folhas de papel, e uma caneta.

- Vamos até lá fora - disse ela.

Saimos juntas. Estava amanhecendo.

- Respire fundo - pediu. - Deixe que esta nova manhã entre nos seus pulmões, e corra por suas veias. Pelo visto, a senhora não se perdeu ontem por acaso.

Eu não disse nada.

- Tampouco a senhora entendeu a história que acaba de me contar, ^{sobre} o sinal da igreja - continuou. - Só viu a tristeza do fim. Esqueceu os momentos alegres que passou lá dentro. Esqueceu a sensação de que os céus haviam descido, e de como era bom estar vivendo aquilo tudo junto com seu...

Ela parou, e sorriu:

-...amigo de infância - disse, piscando o olho. - Jesus disse: deixe que os mortos enterrem os mortos. Porque ele sabe que a morte não existe. A vida já existia antes de nascermos, e

continuará existindo depois que deixarmos este mundo.

Meus olhos se encheram de lágrimas.

- O mesmo se passa com o amor - continuou. - Já existia antes, e continuará para sempre.

- Parece que a senhora conhece minha vida - eu disse.

- Todas as histórias de amor tem muita coisa em comum.

Eu também passei por isto, em algum momento da minha vida. Mas não me lembro. Me lembro de que o amor tornou a voltar, sob a forma de um novo homem, de novas esperanças, de novos sonhos.

Ela me estendeu as folhas de papel e a caneta.

- Escreva tudo que está sentindo. Tire de sua alma, coloque no papel, e depois jogue fora. A lenda diz que o rio Piedra é tão frio que tudo que cai nele - folhas, insetos, penas de ave - se transforma em pedra. Quem sabe não seria uma boa idéia deixar em suas águas o ~~seu~~ sofrimento.

Eu peguei os papéis, ela me deu um beijo, e disse que eu podia voltar para o almoço, se desejasse.

- Não se esqueça de uma coisa - gritou, enquanto se afastava. - O amor permanece. Os homens é que mudam!

Eu ri, ela me acenou de volta.

Fiquei olhando o rio por muito tempo. Chorei até sentir que não tinha mais lágrimas.

Então comecei a escrever.

epilogo

Escrevi durante um dia, e outro, e mais outro. Todas as manhãs eu ia para a margem do rio Piedra. Todo entardecer, a mulher se aproximava, me pegava pelo braço, e me levava para o seu quarto no antigo convento.

Lavava minhas roupas, preparava o jantar, conversava sobre coisas sem importância, e me colocava na cama.

Certa manhã, quando já estava quase no final do manuscrito, escutei o barulho de um carro. Meu coração deu um salto, mas eu não queria acreditar no que ele me dizia. Já ~~estava quase~~ ^{me sentia} livre de tudo, pronta para voltar ao mundo, e fazer de novo parte dele.

O mais difícil havia passado - embora a saudade permanecesse.

Mas meu coração estava certo. Mesmo sem levantar os olhos do manuscrito, eu senti sua presença, e o som de seus passos,.

- Pilar - ele disse, sentando-se ao meu lado.

Eu não respondi. Continuei escrevendo, mas já não conseguia mais coordenar meus pensamentos. O coração dava saltos, tentando libertar-se de meu peito e correr ao encontro dele. Mas eu não deixava.

Ele ficou ali sentado, olhando o rio, enquanto eu escrevia sem parar. Passamos a manhã inteira assim - sem dizer

uma palavra - e eu me lembrei do silêncio de uma noite, junto a um poço - onde eu de repente entendi que o amava.

Quando minha mão não aguentava mais cansaço, eu parei

um pouco. Então ele falou:

Estava escuro quando saí da caverna, e não consegui te encontrar. Então
- fui até Zaragoza - disse. - E fui até Soria. E iria *ao mosteiro de Piedra* correr o mundo inteiro atrás de voce. Resolvi ~~voltar aqui~~ para ver se achava alguma pista, e encontrei uma mulher.

"Ela me mostrou onde voce estava. E disse que voce tem me esperado todos estes dias".

Meus olhos se encheram de lágrimas.

- E ficarei *ao seu lado* ~~aqui~~ sentado, enquanto *diante deste rio* ~~aqui~~ voce estiver. E se voce for dormir, ~~eu~~ dormirei em frente a sua casa. E se voce viajar para longe, eu seguirei seus passos.

"Até que voce me diga: vá embora. Então eu irei. Mas hei de ama-la pelo resto de minha vida."

Eu jáo não conseguia disfarçar meu pranto. Vi que ele também chorava.

- Quero que voce saiba uma coisa... - ele começou.

- Não diga nada. Leia - respondi, estendendo os papéis que estavam em meu colo.

(-fiquei olhando as águas do

Durante a tarde inteira, ~~eu olhei~~ o rio Piedra. A mulher nos trouxe sanduiches e vinho, comentou alguma coisa sobre o tempo, e tornou a nos deixar sós. Mais de uma vez ele parou a leitura, e ficou com o olhar perdido no horizonte, ^{em seus pensamentos.} absorto.

A certa altura, resolvi dar ~~de~~ uma volta pelo bosque, pelas pequenas cachoeiras, pelas encostas cheias de histórias e significados. Quando o sol começava a ^{deser} ~~se~~par, voltei até o lugar onde o havia deixado.

- Obrigado - foram suas primeiras palavras, quando me devolveu os papéis. - E perdão.

Na margem do rio Piedra eu me sentei e sorri.

- O seu amor me salva, e me devolve aos meus sonhos - continuou ele.

Eu fiquei calada, sem me mexer.

- Você conhece bem o salmo 137? - perguntou.

Eu fiz um sinal negativo com a cabeça. Tinha medo de falar.

- Nas margens dos rios da Babilônia...

- Sim, sim, conheço - eu disse, sentindo que voltava pouco a pouco para a vida. - Fala do exílio. Fala das pessoas que penduram suas harpas, porque não podem cantar as músicas que o coração pede.

- Mas depois que o salmista chora, com saudades da terra de seus sonhos, ele promete a si mesmo:

Se eu me esquecer de ti, ó Jerusalém,

que se resseque minha mão direita.

Que a minha lingua não sinta mais nenhum sabor

se eu me esquecer de ti, Jerusalém

Eu sorri mais uma vez.

- Eu ia esquecendo. E voce me fez lembrar.

- Voce acha que o seu dom voltará? - perguntei.

- Não sei. Mas Deus sempre me deu uma segunda chance na vida. Está me dando com voce. E me ajudará a reencontrar o meu caminho.

- Nosso - eu o interrompi de novo.

- Sim, nosso.

Ele me pegou pelas mãos, e me levantou.

-Vá pegar as suas coisas - disse. - Sonhos dão trabalho.

Barcelona, Carcassone, Saux, Lourdes,
Olite, Madrid, Rio de Janeiro
dez/93 jan/94

o texto dos Esclarecidos

Maria é a Grande Mãe da tradição cristã, embora isto ainda vá levar algum tempo para ser reconhecido como tal

Quando Deus decide renovar a aliança de seu casamento com o mundo, escolhe a água do ventre de Maria para se instalar.

Quando Deus parte do mundo, depois de lavar em Seu sangue todo o pecado, Maria está aos pés da cruz. O peito de Jesus é ferido por uma lança, que faz jorrar sangue - e água. O casamento místico está selado.

Seu nome: Maria. Do latim mare, que significa mar.

Maria. Um nome com mais de setenta interpretações. Do hebraico "Myriam". Do egípcio Mryn, "a amada de Deus". Como todas as outras deusas anteriores ao cristianismo, seu nascimento e sua presença estão intimamente ligados a água.

Os homens que crucificaram Jesus, assim o fizeram porque tinham medo de seu próprio poder. Eles seguem o seu caminho, mas o mundo jamais será o mesmo: a força e a presença de Jesus se combina com o amor e a compaixão de Maria. O Deus e a Deusa voltaram.

Os pais da Igreja - no princípio do cristianismo, entendem a presença da Grande Mãe no seio do Deus Único. Seu lado feminino é amado e reverenciado.

Mas as guerras internas começam - o cristianismo se divide em duas correntes distintas, que mais tarde vão travar uma luta de morte entre si. De um lado estão os ortodoxos, que desejam a classe dos sacerdotes, e acreditam que é necessário um intermediário - um homem, e não uma mulher - para o diálogo com Deus.

Do outro lado estão os gnósticos, que acreditam na

divindade de cada ser humano - inclusive as mulheres. O papel da mulher na comunidade gnóstica logo se destaca, e ganha importância.

Os ortodoxos seguem para Roma, enquanto a comunidade gnóstica se desloca para Alexandria. Os dois grupos crescem e se afirmam em suas respectivas áreas.

Os ortodoxos lutam para estabelecer uma Igreja unificada. Os gnósticos apenas adoram a Jesus em silêncio. Segundo os gnósticos, a essência dos ensinamentos de Cristo está na volta do homem e da mulher ao conhecimento instintivo e interior da Divindade. É mais importante despertar que acreditar. Seus textos falam de Sofia (Sabedoria), a Grande Mãe, que aparece como a Mãe Virgem, consorte do Deus Pai. Sofia (Sabedoria) é quem traz a vida para a Terra.

Enquanto os gnósticos apenas adoram a Jesus no silêncio, os ortodoxos trabalham pela criação da Igreja. São os ortodoxos que se oferecem em martírio, que enfrentam o poder romano, que desafiam as crenças e superstições da época. Os ortodoxos são educados pelo sangue e pelo sacrifício, e se transformam em personagens lendários. Os gnósticos apenas rezam e adoram.

Chega o momento em que as duas correntes originais do cristianismo não podem conviver/entre si. A mais forte irá se afirmar - e a mais forte é aquela que foi construída em cima dos santos e dos mártires, pessoas que deram sua vida por uma causa.

No ano 140 de nossa era, uma eleição papal define os rumos do Cristianismo. Pio I é escolhido papa, vencendo o gnós-

tico Valentinus - que havia se mudado para Roma, com o intuito de semear ali os ensinamentos de Alexandria. Valentinus é expulso da Igreja Cristã Romana em 150 AD, e os gnósticos se tornam uma comunidade marginal.

A corrente vencedora consegue destruir completamente o pensamento e as crenças dos vencidos. Os textos gnósticos são queimados ou destruídos. Seus evangelhos são proibidos, e se transformam em livros malditos. Grande parte destes evangelhos apresentam a figura de Maria - e das outras mulheres que acompanhavam Jesus - como importantíssimas para a pregação da Boa Nova.

A religião jovem, agora, necessita do poder masculino para se instalar. Não pode admitir a igualdade entre os dois sexos, porque assim rezam as velhas Escrituras: o pecado começou pela mulher.

A mulher afastou o homem do Paraíso.

A mulher ouviu a serpente, e a serpente trouxe a morte e o trabalho para o mundo.

A mulher é a Terra, e a Terra não tem a alegria dos Céus.

A mulher é a lua, e a lua é a noite e a escuridão.

A mulher é a doçura, e doçura é fragilidade.

A mulher é o amor, e amor é fraqueza.

A mulher é sexo, e sexo é blasfêmia.

A Face Feminina de Deus começa a se dissolver dentro da Igreja convencional. Mas, nesta mesma comunidade cristã, existem pessoas que tentam entender o Grande Mistério: Deus retornou ao mundo com sua noiva, para redimir o ser humano através da Misericórdia e do Rigor. Cristo pede que sejamos como as serpentes e as

pombas.

Estas pessoas não deixam os cristãos ortodoxos esquecer da presença das mulheres no ministério de Jesus, embora nunca tenham sido consideradas suas discípulas. Que Jesus ressuscitado apareceu primeiro para as mulheres - e não para os apóstolos.

Os artistas, através de quem o mundo espiritual se manifesta, conseguem manter a tradição da Grande Mãe: Maria é pintada com o mundo - ou a lua - aos seus pés. A tradição masculina - do Sol, e a tradição feminina - da Lua, se fundem numa mesma história.

O primeiro grande Concílio para discutir este assunto acontece em 432 AD, em Efeso. Maria é proclamada *theotokos*, ou seja, a morada de Deus. Mais ou menos na mesma época, o templo de Diana, em Efeso, é destruído - os fiéis gregos se voltam para Maria. O templo de Isis em Soissons, na França, se transforma numa igreja dedicada "à Santa Virgem Maria". Em quase todos os lugares que a Deusa era cultuada, surgem catedrais e igrejas marianas. Em Atenas, o templo da deusa Atena se transforma numa igreja consagrada a Maria, por volta do ano 600 AD. Em menos de um século, as deusas antigas cedem lugar a sua nova representação: a Grande Mãe - que antes tinha muitos nomes, agora tem um nome só.

Isis e Cibele eram chamadas "Mães de Deuses". Maria passa a ser a "Mãe de Deus".

Finalmente, no concílio de Chalcedon, em 451 AD, surge pela primeira vez a presença do dogma: Maria recebe o título oficial de *Aeparthenos*. A Sempre-Virgem. A Imaculada Conceição.

Durante os próximos séculos, os fundadores da Igreja não podem mais conter a pressão dos Esclarecidos, porque eles são também homens de fé, estão dentro do Vaticano.

As festas marianas são instituídas: Anunciação, Natividade, Apresentação no Templo. As discussões sobre a origem divina de Maria começam, e se prolongam por toda a Idade Média e pelos Tempos Modernos. Santo Agostinho - para quem a mulher era um ser inferior ao homem - é forçado a aceitar a possibilidade de que Maria não se enquadra nesta categoria. É ele que usa pela primeira vez o termo "Imaculada Conceição".

A Igreja, entretanto, só vem reconhecer o dogma da Imaculada Conceição na mesma década das aparições de Lourdes - quase mil e quinhentos anos depois de iniciado o debate.

Durante todo o tempo de sobrevivência da Igreja, os teólogos se manifestam:

Santo Efrém, o Sirio, refere-se ao Espírito Santo como a mãe de Deus.

A mística católica inglesa Juliana de Norwich, no século XIV, diz que a segunda pessoa da Santíssima Trindade é nossa Mãe.

No século XV, São Nicolau de Flüe, patrono da Suíça, narra uma visão na qual a Trindade aparece na forma de Deus-Pai, Deus-Mãe, e Deus-Filho.

No século XIX, o franciscano M. Kolbe, mártir polonês, afirma: "O Espírito Santo é a Imaculada Conceição".

No século XX, o teólogo brasileiro Leonardo Boff afirma: "o Espírito Santo fez dela (Maria) Seu templo, Seu santuário, e Seu tabernáculo, de maneira tão real e verdadeira, que ela

deve ser considerada como unida hipostaticamente a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade".

Eans Begg comenta: "o princípio feminino no Cristianismo é representado pela Virgem".

De repente, o que se julgava definitivamente perdido é recuperado: com menos de dois anos de diferença - 1945 a 1947 - dois importantíssimos achados arqueológicos vem a luz: os Manuscritos do Mar Morto, e os Manuscritos de Nag Hammadi, textos gnósticos e essênios. Ambos são encontrados por pastores, e ambos trazem uma série de surpresas.

Ambos falam da imagem feminina de Deus, e podem revolucionar tudo o que se pregou a respeito de Cristo. Os textos caem em mãos de judeus, árabes, protestantes - e é impossível manter o segredo, por mais que se consiga adiar a tradução dos manuscritos.

As comunidades gnósticas, que até então eram consideradas um cisma menor do início do cristianismo, porque não havia nenhum documento consistente a respeito dos seus ensinamentos, reaparece com sua verdadeira importância em pleno século XX, graças aos achados de Nag Hammadi. Descobre-se que a comunidade gnóstica de Alexandria foi fundada por um apóstolo de Jesus: São Tiago.

Especialistas de distintas religiões, e cientistas de diversos países, conseguem estabelecer uma data para grande parte dos manuscritos encontrados: alguns deles são da primeira metade do século I - ou seja, mais antigos que os Evangelhos que hoje

fazem parte do Novo Testamento. Uma das principais especialistas no estudo dos evangelhos gnósticos, E. Pagels, afirma:

" ... os textos secretos que os grupos gnósticos reverenciavam foram considerados heréticos pelos que chamavam a si mesmos de cristãos ortodoxos. Quando o processo de seleção dos textos canônicos termina, toda a imagem feminina de Deus é banida da tradição cristã."

Por causa dos manuscritos de Nag Hammadi, os evangelhos gnósticos estão de novo vendo a luz do sol. Segundo o professor Gilles Quispel, " as primeiras comunidades cristãs estavam inteiramente convencidas que o Espírito Santo era uma hipóstase[*] feminina".

Quispel é o responsável por outro achado que sacode a teologia ortodoxa: o evangelho atribuído a Tomé, encontrado no Cairo em 1956. Estudos posteriores conseguem datar tal manuscrito como contemporâneo aos quatro evangelhos do texto canônico. O manuscrito, hoje já publicado em todas as principais línguas do mundo contemporâneo, afirma que a revelação espiritual é atingida quando o ser humano consegue juntar - num casamento místico - o seu lado terreno e o seu lado celestial.

A Igreja acompanha de perto as descobertas. A Grande Mãe está de volta, e é preciso adaptar-se a este retorno.

No começo da década de 40, um livro afirmando que Maria subiu de corpo e alma ao céu seria considerado herético. Dez anos depois, entretanto, o Papa Pio XII assina - em 1950 - uma significativa bula papal.

Esta bula afirma que " Maria foi levada com corpo e alma para a glória do Paraíso". Nestes quase 2.000 anos, a Igreja

só admitia este privilégio para Jesus - ascender aos Céus em seu aspecto carnal e espiritual.

Agora, Maria se iguala a seu Filho.

Os esclarecidos da Igreja continuam seu trabalho. Talvez precisem de outros séculos.

Não acreditamos que a verdade esteja sendo escondida de propósito. Acreditamos que a Igreja tenta corrigir um erro de 1.800 anos - quando a divindade feminina foi suprimida dos textos canônicos. Acreditamos que, para corrigir este erro, a Igreja precisa de tempo. Acreditamos que, se a verdade surgisse de uma hora para a outra, certas estruturas seriam abaladas, e não queremos nem desejamos isto.

Acreditamos que passos estão sendo dados neste sentido; por isso permanecemos em seu seio, como sacerdotes, leigos, e fiéis.

550215072244

EDITORA ROCCO LTDA

177 P01 JUN 14 '94 15:21

NA MARGEM DO
RIO PIEDRA
EU SENTI E CHOREI

Rocco

PAULO COELHO

autor de O DIÁRIO DE UM MAGO, O ALQUIMISTA, BRIDA e AS VALQUIRIAS

NA MARGEM DO RIO PIEDRA
EU SENTEI E CHOREI

PAULO COELHO

NA MARGEM DO
RIO PIEDRA
EU SENTEI E CHOREI

Rocco